



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
COORDENADORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO

PRISCILA GOMES DE OLIVEIRA

O CORPO TRANS: UM ESTUDO A PARTIR DA PSICANÁLISE LACANIANA

Maceió

2021

PRISCILA GOMES DE OLIVEIRA

O CORPO TRANS: UM ESTUDO A PARTIR DA PSICANÁLISE LACANIANA

Dissertação apresentada à banca examinadora do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Alagoas como requisito para obtenção do grau de Mestre em Psicologia.

Linha de Pesquisa: Saúde, clínica e práticas psicológicas

Orientadora: Prof.^a Dr.^a. Susane Vasconcelos Zanotti

Maceió
2021

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico

Bibliotecária Responsável: Cláudio César Temóteo Galvino – CRB4/1459

O48c Oliveira, Priscila Gomes de.
O corpo trans: um estudo a partir da psicanálise lacaniana / Priscila
Gomes de Oliveira. – 2021.
121 f.: il.

Orientador: Susane Vasconcelos Zanotti.
Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal de
Alagoas. Instituto de Psicologia. Maceió, 2021.

Bibliografia: fs. 108-118.
Apêndices: fs. 119-121.

1. Corpo trans. 2. Corpo. 3. Autobiografia. 4. Psicanálise. 5. Lacan.
I. Título.

CDU: 159.922.1

Termo de Aprovação

PRISCILA GOMES DE OLIVEIRA

O CORPO TRANS: UM ESTUDO A PARTIR DA PSICANÁLISE LACANIANA

Dissertação aprovada como requisito para obtenção do grau de Mestre em Psicologia, pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Alagoas, pela seguinte banca examinadora:

Orientadora:

Susane V. Zanotti

Examinadores:

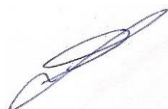
Prof^a Dr^a Susane Vasconcelos Zanotti (PPGP/UFAL)



Prof. Dr. Nelson da Silva Junior (USP)



Prof^a. Dr^a. Gabriella Valle Dupim da Silva (UPE)



Prof. Dr. Cleyton Andrade (UFAL)

Maceió, 09 julho de 2021

A escrita é solitária, mas não sozinha.

VIAGEM SOLITÁRIA

*Para Priscila, que
nunca pitou me
ajude a entender
os trans.*

*Amor
Mário Xavier*

A todas as pessoas Trans.

AGRADECIMENTOS

A cada encontro e desencontro, corto e costuro retalhos que me permito soltar, pedaços que estão a se juntar. Novos traços. Um novo eu. Sempre eu de novo. Ah! Nada fica no lugar.

A dissertação jamais será capaz de refletir as experiências e ensinamentos vivenciados em mais de dois anos de mestrado. De maneira análoga, uma sessão destinada aos agradecimentos não descreve a grandeza das relações que se teceram e se entrelaçaram com as linhas desta colcha de retalhos. Uma colcha constituída de muitas partes. Particulares. Singulares seres que, um a um, deram forma e conteúdo à escrita e me transformaram, dia após dia, nessa versão sempre inacabada. E como alguém que costura uma colcha de retalhos (in) finita como a vida - posto que permanece quando o corpo finda, serei grata a cada uma das partes que embelezaram o processo.

À Deus pela força da minha fé. Pelo discernimento. Pela saúde em meio ao caos da pandemia. Pela beleza de amar. Pelas experiências – boas ou ruins – que sempre remontam o meu eu. Pela vida.

À vivência com os alunos de graduação, especialmente, às turmas das disciplinas Psicopatologia: sofrimento psíquico e Corpo, clínica e cultura.

À amizade com os colegas de turma que me foram fonte de inspiração para a pesquisa e para a vida. Em especial, toda a minha gratidão à Alana Madeira, Ana Eliza Lima, Camila Buarque, Layla Borges, Camila Falcão, Letícia Santos, Laura Bleinroth, Rodrigo Pimentel.

Ao afeto dos professores entre os muitos retalhos do tempo. Das relações nos corredores, salas de aula e reuniões do Instituto de Psicologia às conversas que brotaram e floriram Minh' alma em confraternizações e encontros para além da universidade. Vocês foram pontos de luz nessa construção.

Aos técnicos e funcionários do Instituto de Psicologia e da UFAL, em especial, Polyanna Lourenço de Azevedo, Maria das Graças Buarque Costa e Liliane Henrique do Nascimento pela atenção, zelo e disponibilidade para com os alunos e suas demandas.

Ao grupo de pesquisa *R.S.I.* Muito obrigada a Adriana Morgana de Souza Silva, Alessandra Kamila de Almeida Cabral, André Lucas Guedes de Souza, Alanda Maria Ferro Pereira, Gabriela Lins Malta, Heitor Azevedo Albuquerque de Lima, Iasmin Maria de Oliveira, Laís Timoteo dos Santos, Larissa Bezerra Lima, Layla de Albuquerque Borges, Lídia Amarilis Alencar Dias, Lilian Beatriz Silva Rodrigues, Priscilla Henrique de Amorim Santos e Raianne Ferreira Lima.

À minha orientadora – Susane Vasconcelos Zanotti – por toda a atenção e disponibilidade na construção da pesquisa, nas reuniões e encontros em grupos, nos

ensinamentos de vida e para a vida. Pelas oportunidades concedidas, pelas leituras sempre importantes e agregadoras.

Ao professor Doutor Nelson da Silva Junior pelos apontamentos realizados na qualificação e defesa, bem como pelo acolhimento, compreensão e partilha na “quase” mobilidade acadêmica.

Ao professor Doutor Cleyton Andrade pelas contribuições realizadas na qualificação e defesa, fundamental para a construção, elaboração e finalização da dissertação.

À professora Doutora Gabriella Valle Dupim da Silva por fazer parte do meu percurso acadêmico e em psicanálise na graduação e agora na defesa do mestrado.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) pela bolsa de estudo concedida para realização da pesquisa.

Para além dos muros da universidade, aos amigos que gentilmente ajudaram na construção da minha colcha de retalhos. À Analú Campos Reis, Anderson Bruno Anacleto de Andrade, Abel Felipe Queiroz, Ariane Morgana Leal Soares, Ivomberg Dourado Magalhães, Luciano Bueno, Merybeth Fernandez Triana, Paulo Henrique Barcelos França, Raisia Rodrigues Santos Rios e Thiago Alves Pimenta.

À Ivo Schelb pelo conforto do abraço.

E ainda que certos encontros tenham se dado no âmbito do mestrado, extrapolaram suas fronteiras e se fizeram laço. Às amigas que, nos momentos de angústia surgiam com o bordão “*bola pra frente*” como forma de incentivo para continuar costurando mundos e tecendo sonhos: à Alana pelos abraços, pela ternura e por todos os momentos de descontração, de boas risadas e surtos. À Ana Eliza pelas infindáveis histórias e peripécias da vida, pelos momentos de conversa e café e pelo acolhimento quando o sentido parecia não se fazer presente. À Camila Buarque por partilhar amor e ser escuta, por acolher meus medos e inseguranças devolvendo acalento e pelas vivências compartilhadas com a representação discente. À Layla por me conceder um pedaço da Bahia fora de casa, por ser família e emprestar-me a sua família – tia Cacilda Albuquerque.

À Keilah Gerber pela escuta compromissada e pelo acolhimento nos momentos de angústia e desamparo.

E como colcha de retalhos que se constitui de singularidades, agradeço à singular cidade de Maceió. Terra de uma cultura exuberante, gente vibrante, grandes nomes na história e praias invejáveis que me foram fonte de energia e renovação.

À toda comunidade LGBTQIA+ por insistirem. Insistirem existir e fazer parte dessa grande colcha de retalhos que é a vida. Vocês são fonte de força e persistência. São a anúnciação

de dias mais diversos. Obrigada aos autores das autobiografias que, mesmo sem saber, fizeram parte da minha construção. À Amanda Guimarães, Amara Moira, Herzer, João Nery, Márcia Rocha e Tarso Brant.

À minha família pelo indescritível apoio. Vocês são o primeiro ponto da colcha, o ponto de onde saio e o ponto para onde parto. Vocês são a minha força, o meu porto seguro e farol. Aos meus pais, Cirene Alívia Gomes de Oliveira e Valdenei Seixas de Oliveira. Aos meus irmãos João Vitor Seixas Gomes e Larissa Gomes de Oliveira. Aos meus avós Vilovaldo Seixas, Valdeir Rosa, Edézio Gomes e Ananilia Olímpio a quem devo o fascínio pela costura e pelas colchas de retalhos que me são abrigo da infância até os dias de hoje. Às minhas tias Sirlanelde Alívia Gomes, Cirlandia Alívia Gomes, meu tio Vilovaldo Marçal e suas respectivas famílias pelo apoio em São Paulo, por sempre estarem presentes em minha vida, sempre parte de mim.

Aos meus amigos, amigas, primos e primas de todas as colchas e costuras da vida que sempre me são pontos de retorno às minhas origens: Adalício Uzêda, Adileuda Vilela, Alana Andrade, Dandara Virgínia, Emanuela Alves, Emmy Evelin, Eugênio Vilela, Guilherme Marques, Jéssica Daniele, Laíze Lima, Leonardo Souto, Nathan Martins, Otacílio Neto, Raoni Smaneoto, Ramon Silva, Rodrigo Santana, Talita Miranda, Tatiane Almeida, Tiaraju Smaneoto, Vinícius Seixas.

Aos ensinamentos que me permiti aprender, apreender e reaprender. Os limites ultrapassados, os desafios postos e impostos. As dores que vivenciei em meio aos percalços das pedras no caminho e que me foram fonte de sabedoria. Agradeço a mim por não desistir, apesar de.

Diante de uma pandemia, o que me resta é agradecer pelo que foi possível frente ao impossível. Diante do horror. Agradecer se torna um ato, principalmente, quando mais de quatrocentos mil brasileiros perderam suas vidas na luta para o invisível. Dos ensinamentos desse período, permanecerá a constante lembrança que somos humanos e que há sempre uma força capaz de nos escancarar as nossas fragilidades, falhas e faltas fazendo-nos lidar com a impotência, nos convocando a criar a partir do caos.

Assim como uma colcha de retalhos, o mestrado carece um término. É preciso dar o ponto final. Iniciar novas costuras. Permitir-se a novos encontros. Novos retalhos. Ao vislumbrar a colcha, sigo ser incompleto a me deliciar com o que novas costuras são capazes de criar.

Tenho medo de escrever. É tão perigoso. Quem tentou, sabe. Perigo de mexer no que está oculto – e o mundo não está à tona, está oculto em suas raízes submersas em profundidades do mar. Para escrever tenho que me colocar no vazio. Neste vazio é que existo intuitivamente. Mas é um vazio terrivelmente perigoso: dele arranco sangue. Sou um escritor que tem medo da cilada das palavras: as palavras que digo escondem outras – quais? Talvez as diga. Escrever é uma pedra lançada no poço fundo.

Clarice Lispector

*Caminho se conhece andando
Então vez em quando é bom se perder
Perdido fica perguntando
Vai só procurando
E acha sem saber*

Chico César

RESUMO

A orientação de Lacan é a de que se alcance no horizonte a subjetividade da época. Nesse sentido, considera-se que o corpo é o enigma sempre posto no horizonte da psicanálise - desde a sua criação com Freud. Na contemporaneidade, o corpo ganha outros contornos com a incidência dos corpos LGBTQIA+ e suas implicações tais como a violência, a marginalização, as novas formas de subjetivação e sofrimento e a luta política. Por conseguinte, novos desafios são colocados aos psicanalistas da época. Diante disso, a presente pesquisa teve como objetivo investigar o estatuto do corpo Trans a partir da psicanálise lacaniana. A fim de alcançar esse propósito realizou-se a leitura de autobiografias de pessoas Trans e a revisão de literatura. A leitura das autobiografias possibilitou a elaboração de algumas indagações sobre os corpos Trans, são elas: (1) um corpo outro no espelho?; (2) o que há entre sexo e sexualidade?; (3) os espelhos são os outros?; (4) existe completude?; e, por fim, (5) Onde se localiza a violência?. A busca na literatura científica teve como intuito identificar o lugar ocupado pelos corpos Trans nas pesquisas em psicanálise nos últimos seis anos. Para isso, voltou-se ao levantamento de estudos em bases de dados nacionais - Biblioteca Virtual em Saúde, Periódicos Capes e Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações -, o qual resultou em 11 documentos a serem analisados de maneira aprofundada considerando a leitura interpretativa dos textos. A discussão foi constituída a partir de quatro eixos temáticos intitulados: (1) modificações científico-tecnológicas no corpo Trans; (2) identidade e identificação; (3) o corpo e sua constituição em (dis)curso; e, (4) o corpo entre estruturas. A investigação possibilitou afirmar que o corpo Trans é o corpo próprio o qual, por conseguinte, encontra-se nas bordas da sexuação e inscreve-se na impossibilidade de fazer existir a relação sexual o que, portanto, não o retira do mal-estar. Constatou-se também que a concepção do termo “Trans” coloca-se, por vezes, como um dos nomes para o corpo próprio. Ademais, considerou-se o percurso do conjunto Trans à singularidade como forma de potência transformativa que possibilitaria uma via de diálogo entre a psicanálise e outros saberes. Dito isso, é importante ressaltar que o presente trabalho se apoia na singularidade como modo pelo qual cada sujeito concebe o seu corpo. Espera-se, com este estudo, contribuir com a discussão, cada vez mais necessária, entre a comunidade LGBTQIA+ e a psicanálise e, conseqüentemente, que as questões apresentadas suscitem novas investigações sobre o corpo para àqueles que se automeiam Trans.

Palavras-chave: Corpo Trans. Corpo. Autobiografia. Psicanálise. Lacan.

ABSTRACT

Lacan's orientation is to reach the horizon of the subjectivity of the time. In this sense, it is considered that the body is the enigma always placed on the horizon of psychoanalysis - since its creation with Freud. In contemporary times, the body gains new contours with the incidence of LGBTQIA+ bodies and its implications such as violence, marginalization, new forms of subjectivation and suffering, and political struggle. Consequently, new challenges are posed to the psychoanalysts of the time. Therefore, this research aimed to investigate the status of the Trans body from Lacanian psychoanalysis. In order to achieve this purpose, autobiographies of Trans people were read and the literature was reviewed. Reading the autobiographies allowed the elaboration of some questions about the Trans bodies, they are: (1) one body another in the mirror?; (2) what is there between sex and sexuality?; (3) are the mirrors others?; (4) is there completeness?; and, finally, (5) Where is the violence located?. The search in the scientific literature aimed to identify the place occupied by Trans bodies in psychoanalytic research in the last six years. For this, we turned to the survey of studies in national databases - Virtual Health Library, Capes Periodicals and Brazilian Digital Library of Theses and Dissertations - which resulted in 11 documents to be analyzed in depth considering the interpretive reading of the texts. The discussion was based on four thematic axes entitled: (1) scientific-technological changes in the Trans body; (2) identity and identification; (3) the body and its constitution in (dis)course; and, (4) the body between structures. The investigation made it possible to affirm that the Trans body is its own body which, therefore, is on the edges of sexuation and is inscribed in the impossibility of making sexual intercourse exist, which, therefore, does not remove it from the malaise. It was also found that the concept of the term "Trans" is sometimes placed as one of the names for the body itself. Furthermore, the trajectory of the Trans group to singularity was considered as a form of transformative power that would enable a path of dialogue between psychoanalysis and other knowledge. That said, it is important to emphasize that the present work is based on singularity as a way in which each subject conceives his/her body. It is hoped, with this study, to contribute to the increasingly necessary discussion between the LGBTQIA+ community and psychoanalysis and, consequently, that the questions presented raise new investigations about the body for those who call themselves Trans.

Keywords: Trans body. Body. Autobiography. Psychoanalysis. Lacan.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Descritores utilizados nas bases de dados	66
Tabela 2 – Quantidade de estudos encontrados por base de dados	68
Tabela 3 – Número de estudos por ano de publicação	69

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Fórmulas da sexuação	89
Quadro 1 – Legenda dos operadores lógicos da fórmula da sexuação.....	89

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ANTRA	Associação Nacional de Travestis e Transexuais
BDTD	Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações
BVS	Biblioteca Virtual em Saúde
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
IPEA	Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
FBSP	Fórum Brasileiro de Segurança Pública
FTM	Feminino Trans Masculino
FLACSO	Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais
GGB	Grupo Gay da Bahia
LILACS	Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde
LGBTQIA+	Lésbicas, Gays, Travestis, Transexuais, Queer, Intersexuais, Assexuais
MS	Ministério da Saúde
OAB	Ordem dos Advogados do Brasil
PL	Projeto de Lei
PSD	Partido Social Democrático
R.S.I.	Real, simbólico e imaginário
SIM	Sistema de Informações sobre Mortalidade
SciELO	Scientific Electronic Library
WAS	World Association for Sexual Health

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	15
2	POR QUE OS CORPOS TRANS?	20
2.1	Psicanálise, cultura e universidade	23
2.2	Violência ao corpo Trans: um mal-estar na cultura?	25
2.3	Quando o simbólico capenga	31
2.3.1	Sexo e gênero	32
2.3.2	Identidade de gênero	33
2.3.3	Orientação sexual	34
3	DO QUE SE SERVE DA AUTOBIOGRAFIA NA PSICANÁLISE?	37
3.1	Autobiografia e psicanálise.....	39
3.2	Um semi-dizer	44
3.3	A imagem do corpo tem um peso	48
3.3.1	A solidariedade de uma viagem solitária	48
3.3.2	Da terceira pessoa do singular à Márcia Rocha	48
3.3.3	Destino amargo da amada Amara	49
3.3.4	Adeus Christina	49
3.3.5	Mandy Candy	50
3.4	Indagações sobre o corpo Trans.....	50
3.4.1	Um corpo outro no espelho?	51
3.4.2	O que há entre sexo e sexualidade?.....	53
3.4.3	Os espelhos são os outros?	54
3.4.4	Existe completude?.....	56
3.4.5	Onde se localiza a violência?	57
4	O CORPO TRANS EM PSICANÁLISE.....	61
4.1	O método como caminho construído <i>a posteriori</i>	63
4.2	Um retorno na literatura: a revisão e a pesquisa teórica	65
4.3	Estudos psicanalíticos sobre o corpo Trans	69
4.4	Discussão ou diálogos sobre o corpo Trans.....	77
4.4.1	Modificações científico-tecnológicas no corpo Trans.....	79
4.4.2	Identidade e identificação.....	80
4.4.3	O corpo e sua constituição em (dis)curso.....	81
4.4.4	O corpo entre estruturas	82

5	O CORPO TRANS É O CORPO PRÓPRIO	86
5.1	Nas bordas da sexuação	88
5.2	A relação sexual não existe e o mal-estar persiste	91
5.3	Trans: um dos nomes para o corpo próprio	93
5.4	Do conjunto Trans à singularidade	96
6	CONCLUSÃO	103
	REFERÊNCIAS	108
	APÊNDICES.....	119

1 INTRODUÇÃO

O corpo, suas marcas, sua imagem, suas configurações, o mapeamento das suas representações, seus limites, suas extensões pulsionais, sua inclinação para a sexualidade e o encontro dos corpos: o corpo e o mistério da sua edificação inconsciente são o desafio, sempre atual, da psicanálise há mais de 120 anos.

Dominique Touchon Fingermann

É sabido que “desde Freud, a psicanálise tanto elucidada quanto inquieta, desconcerta e nos movimenta em torno dos mistérios do inconsciente e do mal-estar na civilização” (TEPERMAN; GARRAFA; IACONELLI, 2021, p. 7). Hoje não seria diferente. As inquietações que movimentam essa pesquisa estão voltadas ao corpo e as suas formas de constituição na contemporaneidade, em especial, a partir do corpo Trans¹. A pesquisa em psicanálise busca atender-se às singularidades e aos sintomas constituídos em determinados tempo e espaço. Quanto a esse princípio Lacan (1953/1998, p. 322) é enfático: “que antes renuncie a isso, portanto, quem não conseguir alcançar em seu horizonte a subjetividade de sua época”. Seguindo a trilha da teoria lacaniana, torna-se imperativo pensar a alteridade, os novos modos de subjetivação e sofrimento (DUNKER, 2015) que a era contemporânea nos apresenta.

A partir dessas manifestações atuais e dos diversos fenômenos que envolvem o corpo, o corpo Trans parece lembrar a todos do não saber que está posto, mas que parece faltar à memória de tempos em tempos. Um saber insabido. É enquanto um estremecimento no lugar “totalizante” do saber que o corpo Trans convoca a medicina, o direito, a política, a antropologia, a sociologia, a psicologia, a própria psicanálise e tantos outros campos de saber a reverem e refletirem seus conceitos, em especial, acerca da sexualidade. Nesse sentido, Ambra, Silva Jr. e Laufer (2019) afirmam que hoje, para além do destaque dado as teorias psicanalíticas da sexualidade, “o campo social parece reconhecer outras vozes no polifônico coro no qual se misturam questões de gênero, modalidades de laço erótico, poder, performatividade, contrassexualidade, fantasias, identificações, consentimentos, tipos libidinais” (p. 3). Por essa via, é pela condição de um saber que não se sabe que a presente pesquisa se estrutura em busca daquilo que é singular ao sujeito.

¹ O termo “Trans” refere-se, segundo Aimar Suess (2010, p. 29), “a todas as pessoas que elegeram uma identidade ou expressão de gênero diferente da atribuída ao nascer, incluindo pessoas transexuais, transgêneros, travestis, *cross dressers*, não gêneros, multigêneros, de gênero fluido, gênero *queer* e outras autodenominações relacionadas”.

Nos escritos lacanianos há uma passagem conhecida e amplamente debatida e criticada entre psicanalistas e estudiosos do gênero/*queer* na qual o autor faz menção à transexualidade. No “Seminário, livro 19 ...ou pior”, Lacan fala sobre o acesso a um corpo outro almejado na transexualidade. Em suas palavras (1971-72/2012, p. 17), “para aceder ao outro sexo, é preciso realmente pagar o preço, justamente aquele da pequena diferença que passa enganosamente pelo real”. É o acesso ao real que a ciência possibilita? A alteração do órgão transforma o real do sexo? Ele (1971-72/2012) enfatiza que o órgão não é instrumento senão por meio do significante. E é “como significante que o transexual recusa o órgão, e não como órgão” (LACAN, 1971-72/2012, p. 17).

Para o autor, é nessa recusa ao órgão como significante que o transexual “padece de um erro. Sua paixão é a loucura de querer livrar-se desse erro, o erro comum que não vê que o significante é o gozo e que o falo é apenas o significado” (LACAN, 1971-72/2012, p. 17). Mas, recusar ser significantizado enquanto falo pelo discurso sexual é, segundo Lacan (1971-72/2012), impossível. Assim, “existe apenas um erro, que é querer forçar pela cirurgia o discurso sexual, que, na medida em que é impossível, é a passagem do real” (LACAN, 1971-72/2012, p. 17). A constituição corporal das pessoas Trans passa somente pelas modificações oferecidas pela ciência? De que maneira o corpo se constitui para essas pessoas?

Para alcançar respostas a essas questões delimita-se enquanto objetivo geral desta pesquisa a investigação acerca do estatuto do corpo Trans para a psicanálise lacaniana. Por conseguinte, os objetivos específicos voltam-se a: (1) analisar, a partir da escrita autobiográfica, a constituição singular do corpo para as pessoas Trans; (2) investigar o lugar ocupado pelo corpo Trans em estudos que se ancoram na psicanálise lacaniana; (3) delimitar as consequências extraídas do encontro com as autobiografias e as produções psicanalíticas sobre o corpo Trans. A dissertação está organizada em quatro capítulos com caminhos próprios a sua constituição, ou seja, o percurso metodológico dos momentos da pesquisa está disposto nas elucubrações de cada um deles.

O primeiro capítulo, intitulado “Por que os corpos Trans? Uma questão preliminar”, é introdutório e traz discussões cruciais para a construção da pesquisa. A primeira refere-se, especificamente, ao corpo e a sua inter-relação entre a universidade, a cultura e a psicanálise apresentando uma primeira via de resposta à questão anteriormente mencionada. Uma segunda discussão que se estabelece diz respeito à violência ao corpo Trans sob a indagação de que esse fenômeno é um mal-estar na cultura. Por conseguinte, apresenta dados extraídos de documentos publicados por entidades governamentais e não governamentais reconhecidos

nacionalmente e comprometidas com as causas LGBTQIA+² - o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), o Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP), a Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais (FLACSO Brasil), a Rede Trans do Brasil, o Grupo Gay da Bahia (GGB) e a Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA). A terceira e última discussão suscitada nesse capítulo retrata questões concernentes às nomeações que se estabelecem no campo dos Estudos *queer* e nos Estudos de gênero, e que revelam o caráter capenga do simbólico ao tentar dar conta da subjetividade e da singularidade.

O segundo capítulo denota da leitura de autobiografias de pessoas Trans brasileiras a respeito de suas vivências e experiências com o corpo, suas modificações, os desafios ao se colocarem contra normas pré-estabelecidas e, até mesmo, o que esperam do futuro. Partiu do desejo de saber como a experiência Trans possibilita depreender os modos inventados pelo sujeito para lidar com o corpo - o que do corpo faz questão, de que modo o corpo se apresenta como questão ou questões que entrelaçam o corpo Trans. Intitulado “Do que se serve da autobiografia na psicanálise? Indagações sobre o corpo Trans”, o capítulo apresenta questionamentos que surgiram mediante o contato com as histórias narradas por cinco pessoas Trans, a saber: João Nery, Márcia Rocha, Amara Moira, Tarso Brant e Amanda Guimarães. A princípio, estabeleceu-se uma discussão sobre o lugar da autobiografia para a psicanálise, buscando em Freud e Lacan as bases para a consolidação do pensamento de que a autobiografia se caracterizaria enquanto um semi-dizer. A construção não se dá pela ordem da interpretação, mas pela indagação a partir da fala dessas pessoas à análise teórica sem a pretensão de anunciar uma verdade do sujeito. Por conseguinte, a partir da leitura autobiográfica sobressaíram indagações tais como: há um corpo outro no espelho? O que há entre sexo e sexualidade? Os espelhos são os outros? Existe completude? E ainda, onde se localiza a violência nessas histórias? Considera-se, por essa via, a autobiografia enquanto semi-dizer, uma aposta do sujeito na sua própria fala, na designação e na responsabilidade de narrar as experiências de si.

O terceiro capítulo, intitulado “O corpo Trans em psicanálise: um retorno teórico na literatura”, apresenta uma revisão de literatura estruturada a partir da noção de pesquisa teórica proposta por Rogério Lustosa Bastos (2009). A apresentação da revisão de literatura serve para elucidar algumas das bases conceituais e, principalmente, os caminhos percorridos que pareceram mais relevantes à discussão do tema que, mencionados aqui ou não, foram cruciais às reflexões. Assim, esse trecho da pesquisa foi mobilizado pelo desejo de investigar e descobrir

² A sigla LGBTQIA+ é utilizada para se referir a lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, travestis, Queer, intersexuais, assexuais e o sinal de + como uma forma de acolher outras possibilidades neste vasto campo da sexualidade humana.

os lugares ocupados pelo corpo Trans nas publicações psicanalíticas ao longo dos últimos anos. Para tanto, fez-se necessário adentrar caminhos um tanto quanto espinhosos para a pesquisa em psicanálise referentes a busca a partir de bancos de dados, o uso de descritores, a leitura de publicações anteriores, enfim, a utilização de operadores metodológicos para um retorno teórico na literatura científica. A partir desse esforço foi possível construir eixos de pensamento acerca dos lugares ocupados pelos corpos Trans os quais foram intitulados como: (1) modificações científico-tecnológicas no corpo Trans; (2) identidade e identificação; (3) o corpo e suas constituição em (dis)curso; e, por fim (4) o corpo entre estruturas.

Por fim, o quarto e último capítulo busca desenvolver a ideia de que o corpo Trans é o corpo próprio. A partir da revisão de literatura e da leitura das autobiografias, outras indagações convocaram à escrita. A primeira diz respeito aos momentos na vida do sujeito em que a “unidade” corporal parece vacilar. Em seguida, há uma discussão acerca das posições homem/mulher de acordo com as fórmulas da sexuação propostas por Lacan. Assim, estar nas bordas da sexuação é, para todo ser falante, colocar-se entre o todo e o não-todo, entre o gozo fálico e o Outro gozo, é transitar e não necessariamente, se fixar, é eleger o próprio sexo (ANSERMET, 2018). É também afirmar, assim como Lacan, que a relação sexual não existe e que, por mais que se queira forçar certa completude pela via das modificações oferecidas pela tecnologia, elas não bastam ao *fallasser*. Por conseguinte, há ainda uma discussão acerca do lugar ocupado pela nomeação “Trans” para essas pessoas, considerado enquanto um dos nomes para o corpo próprio. Por fim, o capítulo finda com a ideia de que é preciso partir do conjunto “Trans” rumo à singularidade enquanto possibilidade para pensar a psicanálise em articulação e diálogo com essa temática como forma de fazer (r)existir e consistir o corpo próprio enquanto potência de transformação.

Para além do conteúdo da pesquisa, vale mencionar o contexto de sua produção e desenvolvimento. A pesquisa foi iniciada em março de 2019 e teve seu projeto qualificado em janeiro de 2020. Durante esse período, as diversas disciplinas foram cruciais à construção do pensamento sobre as questões epistemológicas, metodológicas e ontológicas da investigação em psicanálise. Ainda em 2020, surgiu a oportunidade de uma Mobilidade Acadêmica com duração de quatro meses, junto à Universidade de São Paulo (USP) sob orientação do professor Dr. Nelson da Silva Jr. Infelizmente, a mobilidade foi interrompida ainda nos seus dias iniciais em decorrência da pandemia de COVID-19. No entanto, algumas questões debatidas foram fundamentais para pensar os rumos da pesquisa, como por exemplo, o corpo próprio como cerne da investigação e o estatuto da violência em suas possíveis articulações com o corpo Trans.

Após a realização da pesquisa, em sua fase de conclusão, algumas colocações, especialmente de Jacques Alain-Miller, exaltaram os ânimos das discussões entre psicanálise e Estudos de gênero/*queer*. Em seu texto, “Dócil ao Trans” (2021), ele afirma que a “revolta dos Trans” está em marcha. “A tempestade desabou” sobre os psicanalistas. “A crise Trans está sobre nós”. As frases mencionadas anunciam o redirecionamento do olhar e da escuta psicanalíticas para as novas formas de subjetividade na contemporaneidade. Vale ressaltar que não há, nesta pesquisa, a pretensão de construir uma teoria generalista a respeito das motivações de cada sujeito à referida construção/alteração corporal, mas a uma discussão acerca da possibilidade de se inventar um corpo como saída singular à inconformidade com a imagem.

2 POR QUE OS CORPOS TRANS? Uma questão preliminar

Primeiro levaram os negros
 Mas não me importei com isso
 Eu não era negro
 Em seguida levaram alguns operários
 Mas não me importei com isso
 Eu também não era operário
 Depois prenderam os miseráveis
 Mas não me importei com isso
 Porque eu não sou miserável
 Depois agarraram uns desempregados
 Mas como tenho meu emprego
 Também não me importei
 Agora estão me levando
 Mas já é tarde.
 Como eu não me importei com ninguém
 Ninguém se importa comigo

Bertold Brecht

A indagação que intitula a presente escrita surge amalgamada à sua negativa “E por que não os corpos Trans?”. Que corpo é esse que se trata? O poema de Brecht, intitulado “Intertexto”, aponta a necessidade de ação frente as desigualdades sociais, a injustiça e a violência. Estagnar-se em uma teoria e/ou cerrar os olhos e os ouvidos para as diferenças subjetivas que compõem uma cultura é incongruente com a posição do analista ou daquele que se propõe a uma investigação em psicanálise. Por essa via, “a diversidade das experiências relacionadas aos gêneros e às sexualidades, ao conquistar visibilidade na sociedade atual, tem apontado para a necessidade de reflexões e reposicionamentos dos setores sociais e campos do conhecimento” (COSTA-VAL; GUERRA, 2019, p. 122), como a psicanálise.

O conceito de gênero ganhou importância decisiva nas últimas décadas devido à sua discussão no âmbito que se costuma nomear Estudos de gênero. Esse campo de saber, oriundo das lutas feministas, propôs-se à construção de conhecimento acerca da multiplicidade de questões que constituem o sexo, sexualidade, identidade, orientação sexual, classe, raça,

direitos e expressividade de todos³. Historicamente, a inserção do termo “gênero” à teoria psicanalítica data de 1964, quando Robert Stoller incorporou a noção de gênero ou identidade de gênero (KNUDSEN, 2007) ao abordar a temática do “transexualismo”⁴. “Embora esse termo, polissêmico, seja antigo, o uso que se faz dele atualmente e os estudos que o promovem não o são. Conseguiu impor-se e reorganizar o conjunto dos discursos” (BROUSSE, 2018, p. 1). Os estudos “*Contribution to the Study of Gender Identity*” (STOLLER, 1964) e “*Sex and gender*” (STOLLER, 1968), contribuíram para a compreensão de que o sexo, no sentido anatômico, diferenciava-se da identidade, no sentido social ou psíquico. Por conseguinte, para Brousse (2018, p. 2) “gênero substituiu sexo como significante-mestre: gender/sexe”.

Em 1986, Joan Scott lançou o artigo intitulado “Gênero: uma categoria útil de análise” direcionando os holofotes sobre os impasses encontrados desde a segunda onda do feminismo⁵ em abarcar a diversidade de experiências e subjetividades das mulheres (BENTO, 2014; BUTLER, 1990/2017; KNUDSEN, 2007). Não obstante, Bento (2014) aponta que o heterossexismo generalizado nas teorias feministas, da primeira à terceira onda, não possibilitou escutar outras vozes oprimidas. Consequentemente, os Estudos de gênero mantinham, de acordo com a autora, a lógica de relação binária.

Apenas em 1990, com a publicação da obra da Judith Butler – “*Gender and trouble: feminism and the subversion of identity*”, é que se tornou possível pensar a despatologização de experiências identitárias e sexuais ao constituir o campo de saber dos Estudos *queer*. De acordo com Butler (1999/2017), a noção estável de gênero dava mostras de não mais servir como premissa básica da política feminista. Por conseguinte, a necessidade constante do sistema em afirmar e reafirmar a determinação da natureza sobre o gênero possuía, de saída, um caráter falho. É neste espaço de “desvio” que se localizam as subjetividades (BENTO, 2014) as quais são mencionadas nesta pesquisa. Assim, a política *queer* se baseia na instabilidade das

³ Os estudos que consideram diferentes marcadores sociais da diferença são, segundo Nogueira (2017), pautados na interseccionalidade que pretende analisar como várias categorias (sociais e culturalmente construídas) interagem a múltiplos níveis para se manifestarem em termos de desigualdade social. Assim, acredita-se que as diversas características identitárias inter-relacionam-se criando um sistema de opressão.

⁴ Termo utilizado pelo autor em seus estudos de distúrbios de gênero. Atualmente criticado, pois o sufixo “ismo” remete a um caráter patológico da temática Trans.

⁵ Segundo Nogueira (2017), a perspectiva dos feminismos por ondas não é consensual, pois este pensamento pode dar origem a uma tendência reducionista simplificadora da diversidade de perspectivas e posicionamentos, como também, pode incitar a ideia de que as abordagens, discussões e teorias de cada uma dessas ondas foram sucessivamente ultrapassadas pelas ondas seguintes. Para essa autora, a primeira onda se caracteriza pela luta emancipatória das mulheres, a partir da conquista de direitos civis e políticos. A segunda onda se refere a uma política do interpessoal em que é possível observar o surgimento de várias teorias feministas como o feminismo liberal, o feminismo marxista, o feminismo radical, o feminismo cultural e o feminismo negro. Já a terceira onda seria caracterizada por uma maior abertura às diversidades e pluralidades como àquelas encontradas nos movimentos LGBTQIA+.

identidades e marca a saída do relacional de dois ao plural (BENTO, 2014). A via conceitual que se abre objetiva desnaturalizar tanto a sexualidade – opondo-se ao determinismo biológico - quanto as desigualdades sociais, históricas e culturais entre os “homens e mulheres”.

Pensar o conceito de gênero é uma tarefa complexa que se volta a problematizar as relações entre sexo, identidade e política. Na lógica cartesiana a divisão entre mente e corpo deslocava o eixo da individualidade e subjetividade para a mente ou consciência, por sua vez, na contemporaneidade “o corpo parece estar na posição de definidor da identidade do sujeito, que pretende, a partir de uma intervenção de registro imaginário, modificar e até mesmo reconstituir o eu” (AMBRA; SILVA JR; CAVALCANTI, 2010, p. 434). Assim, “outras identidades e orientações sexuais ficaram mais visíveis, mostrando que o mundo é muito mais diversificado do que supunham os olhares condicionados por séculos de história” (CADERNO, 2017, p. 4).

“Os discursos médicos e psiquiátricos parecem ter cada vez mais dificuldades, desde os anos 40 do último século, para enfrentar a aparição de corpos nos quais não se pode imediatamente atribuir um sexo feminino ou masculino no nascimento” (PRECIADO, 2019, n.p.). Nesta perspectiva, o corpo Trans evoca à modernidade uma atualização do que se conhece acerca do conceito de corpo, demonstrando que as novas formas de expressão e fabricação da imagem corporal colocam impasses amplamente repercutidos na sociedade. Essa multiplicidade no campo identitário possibilita afirmar que as novas formas de subjetivação convocam mudanças nas relações dos sujeitos com o saber, o corpo e o gozo (DUNKER, 2004).

A inconformidade corporal relatada por muitos Trans (SILVEIRA, 2006), bem como as saídas produzidas por esses sujeitos se caracterizam como uma forma de invenção do corpo, de fazer-se um corpo capaz de proporcionar certa coerência subjetiva e, conseqüentemente, por isso, abalam a heteronormatividade/matriz heterossexual vigente⁶? Esse corpo modificado parece assumir um estatuto de real, convocando outras questões, como: de que modo o homem é afligido pela linguagem em seu corpo e em seu pensamento, ao mesmo tempo em que a linguagem constitui o corpo? Como assegurar a consistência do ser falante com a transformação

⁶ Heteronormatividade é um conceito desenvolvido pela Teoria *queer*. Este postulado se refere, sobretudo, a uma análise de discursos que presumem como naturais e normais à heterossexualidade (FERNANDES, 2015). A matriz heterossexual ou matriz de inteligibilidade (BUTLER, 1999/2017), caracteriza-se como um conjunto de normas com vistas a coerência e a continuidade entre gênero/sexo/desejo/prática sexual. Atualmente, fala-se em Cisnormatividade, Cisgeneridade ou Cis. Esse discurso opera, segundo Pontes (2017, p. 409), “inscrevendo como pré-discursivas as marcas corporais relacionadas ao ‘sexo biológico’, tomando-as posteriormente como critérios naturais e objetivos para definição do sexo-gênero; pela noção de que os corpos, se normais, terão seus gêneros definidos a partir de duas alternativas, sendo elas: macho/homem, fêmea/mulher”.

corporal? O que dá consistência ao corpo? São muitas as dúvidas e as análises que podem ser feitas acerca dessa temática. Sobre algumas delas é o que se pretende refletir nessa dissertação.

“Por que os corpos Trans?” é uma indagação que se impôs no momento inicial da escrita que, no entanto, terá suas respostas apresentadas no movimento que se estabelece com a constituição da própria pesquisa. Assim é que, ao longo da obra, o leitor poderá se deparar com diferentes possibilidades de respostas à essa mesma pergunta visto a pluralidade de caminhos ao “escutar” pessoas Trans. Posta quase de forma retórica, a questão gira em torno da hipótese segundo a qual o corpo Trans possibilita pensar o corpo próprio na teoria psicanalítica. Por fim, é preciso enfatizar que qualquer tentativa de responder a essa questão sem considerar a realidade sociocultural do Brasil seria corroborar com pensadores que excluem o contexto sócio histórico de suas pesquisas, isolando o sujeito de suas relações, e de sua relação com o Outro. Logo, cabe advertir o leitor que será da articulação entre psicanálise e cultura que advém uma primeira tentativa de dar conta dessa indagação.

2.1 Psicanálise, cultura e universidade

Antes de adentrar nos caminhos da pesquisa é preciso abordar uma questão básica ao considerar o contexto o qual o estudo se desenvolve – a universidade - e a atual conjuntura política e sociocultural do nosso país. Assim, é crucial que ao investigar a noção do corpo seja feita uma articulação entre psicanálise, cultura e universidade. A partir das contribuições lacanianas se estabeleceu a impossibilidade de manter a psicanálise exclusivamente interna ao seu próprio campo, como uma prática de especialistas (SÁ, 2006). Neste sentido, muitos psicanalistas, guiados pelos ensinamentos de Freud, Lacan, Winnicott, Melain Klein, dentre outros, abordam temas direta ou indiretamente relacionados à clínica e ao social no contexto universitário.

A discussão acerca da transmissão da psicanálise na academia tem se manifestado ao longo da sua história. Psicanálise intensa ou extensa, didática ou aplicada são alguns conceitos constituídos para pensar como se difere a psicanálise em seus mais variados contextos de atuação e em sua prática. Apesar de certa resistência, tanto do lado dos analistas quanto dos demais profissionais inseridos na universidade, a realização de uma investigação em psicanálise dentro desse contexto é possível e necessária. Com isso, Bastos (2009) afirma que assim se tem maiores chances de submeter à teoria psicanalítica a uma análise crítica, visando a verificar sua lógica interna, a possível estruturação de seus conceitos e outros fatores do gênero. Por conseguinte, trata-se de uma pesquisa extramuros. Considera a cultura e as especificidades de

sua época. Não se resume ao cenário da clínica, por considerar a existência de manifestações inconscientes para além daquelas observadas no divã. Não obstante, considera o sujeito em sua relação contingente e necessária com o Outro. É dessa forma que psicanálise, cultura e universidade se entrelaçam ao admitir a surpresa que irrompe como efeito do próprio laço social.

Para Freud (1927/2020), a cultura é tudo aquilo em que a vida humana se elevou acima das suas condições animais. Enquanto isso, Lacan (1999) relaciona a cultura à noção de Ordem Simbólica constituída pelas Leis, as normas culturais e os valores sociais. Não obstante, o sujeito estabelece leis e regras que servem de orientação e coerção de comportamentos e atitudes, bem como resguardam das investidas e invasões do outro. Do mesmo modo que uma investigação sobre a cultura já é, de antemão, comprometida por diversos fatores (FREUD, 1927/2017) assim também é a investigação psicanalítica sobre o corpo. É a partir dessa relação entre psicanálise e cultura que se considera importante o olhar aos corpos Trans.

Freud (1919/2010) em seu texto “Deve se ensinar a psicanálise na universidade?”, afirma que a inclusão da psicanálise no meio acadêmico deve ser pensada do ponto de vista desses dois campos. Para o psicanalista, inserir-se na academia acarreta em benefícios ao currículo, mas não impacta a formação enquanto analista. E é isso que ele deve ter em mente. A formação prática do analista se constitui, além do que apreende na análise pessoal, ao tratar pacientes, sob aconselhamento e supervisão de colegas, com a literatura especializada e aprofundada nas reuniões científicas das sociedades psicanalíticas, assim como na troca de ideias com os membros (FREUD, 1919/2010).

Com relação a universidade, Freud (1919/2010) apresenta três benefícios. O primeiro se refere a importância de conhecer “o significado dos fatores psíquicos nas diversas funções vitais, assim como nas enfermidades e em seu tratamento” (FREUD, 1919/2010, p. 286). Em segundo lugar, a psicanálise pode oferecer uma preparação para o estudo da psiquiatria. E, por fim, encontra-se o diálogo entre campos de saberes distintos e profícuos a teoria e a prática. Pois, de acordo com ele (1919/2010, p. 287) “ao investigar os processos psíquicos e as funções intelectuais, a psicanálise segue um método próprio, cuja aplicação não se limita ao âmbito dos distúrbios psíquicos, mas se estende igualmente à resolução de problemas na arte, na filosofia e na religião”.

Assim, ele (1919/2010) afirma que a universidade só teria a ganhar com a inserção da psicanálise em sua grade curricular. No entanto, ao que concerne à pesquisa a ser realizada pelo professor de psicanálise, o autor limita as possibilidades à clínica com pacientes “neuróticos” e ao ambulatório psiquiátrico. Em contrapartida, essa relação entre a psicanálise e a pesquisa é

vista por Lacan (1964/1988) em “A excomunhão”, com certa desconfiança. Diante disso, ele afirma (LACAN, 1964/1988) jamais se considerar um pesquisador pois, assim, como Picasso, ele não procura, acha. Por essa via, a pesquisa incide em dois domínios: aquele em que se procura, e aquele em que se acha (LACAN, 1964/1988).

A temática da pesquisa em psicanálise na universidade se defronta com uma questão reincidente, que está sempre a angustiar, a saber, a questão do método. Como estabelecer o método de uma pesquisa que não se procura? De que forma é possível construir um percurso até aquilo que se acha? Para Lacan (1975/2003) um método de pesquisa em psicanálise deve se “fundamentar num limite prefigurado para que assim tenha possibilidade de responder de maneira inteiramente diversa” (LACAN, 1975/2003, p. 317) as questões que se colocam ao analista. Dessa forma, a pesquisa é o que se apreende *a posteriori*, a partir do que se acha enquanto não se procura, no “só-depois”. Por conseguinte, o analista na universidade deve levar em conta o limite próprio do não saber e da contingência ao lidar com o sujeito do inconsciente enquanto objeto de pesquisa. Além disso, deve se questionar “como fazer para ensinar o que não se ensina?” (LACAN, 1978/2010, p. 31).

Como visto anteriormente, a formação universitária não confere ao estudante a formação de analista. Por essa via, o estudante que se encontra com a psicanálise na universidade “não aprenderá realmente a psicanálise, mas para os propósitos em vista é suficiente que ele aprenda algo sobre e com a psicanálise” (FREUD, 1919/2010, p. 287). Assim como o que se extrai da própria análise, isto é, saber não tanto para que ela serviu, mas de que se serviu (LACAN, 1975/2003), a questão que se coloca nessa relação [psicanálise-universidade-cultura], e a qual o próprio Freud (1919/2010) articula em seu escrito, não é de que serve a psicanálise na universidade, mas antes do que se serve da psicanálise na universidade? É a partir dessa construção entre cultura, psicanálise e universidade que se estrutura a presente escrita. Destarte, vale ressaltar que a pesquisa em psicanálise se atrela à cultura e ao tempo de cada época, visto que as relações sociais que constituem o sujeito refletem nos modos de sofrimento que adentram a clínica.

2.2 Violência ao corpo Trans: um mal-estar na cultura?

Ficou insustentável fingir que nós não existimos.

Linn da Quebrada

A violência é um problema sociocultural crônico no cenário brasileiro que carece de atenção a partir do escopo psicanalítico. De acordo com Brulhart-Donoso (2011, p. 14), “a violência é um fato, tem uma história e aspectos recorrentes”. Atrelada a noções culturais, econômicas e políticas atinge também os corpos Trans. No Brasil, as leis vigentes estão descritas na Constituição Federal de 1988. Esta cumpre (ou deveria cumprir) sua função enquanto regimento para a vida em sociedade. A Constituição apresenta em seu Art. 5º que “todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade” (BRASIL, 1988). No entanto, diante dos corpos Trans e das diversas alteridades, observa-se uma realidade destoante do que se encontra na letra da Lei.

O escrito de Brulhart-Donoso, intitulado “Estudo psicanalítico sobre a gramática da maldade gratuita”, abrange “um tipo de sofrimento infligido a outro que não é o da guerra, o da luta ou o do confronto; é o da destruição da alteridade, que traz consigo um aspecto da ordem do excesso, que vai além da finalidade primordial do enfrentamento” (2011, p. 14). É possível se ancorar nas palavras da autora para pensar a destrutividade dos corpos Trans enquanto uma modalidade específica de violência do homem que, diferentemente dos quadros de guerra, “deixa de ser um meio empregado para alcançar um objetivo e passa a ser seu próprio fim” (BRULHART-DONOSO, 2011, p. 15). Isto é, é violentar por violentar.

A violência aos corpos Trans é denominada no campo dos Estudos *queer* como transfobia. A transfobia pode ser entendida como o preconceito, discriminação, segregação e demais violências daí decorrentes – real ou simbólica - contra pessoas em função de sua identidade de gênero presumidas (NOGUEIRA; AQUINO; CABRAL, 2017), tanto no âmbito privado quanto na esfera pública. Além disso, possui um caráter multifacetado, englobando não apenas a violência física, mas diversas formas de violência para além daquelas qualificadas no Código Penal brasileiro. Segundo Letícia Lanz (2014), essa é a mais grave manifestação da capacidade de ódio e violência derivada do estigma.

Em 2019, o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) em conjunto com o Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP) publicou o Atlas da Violência com dados referentes ao ano de 2018. Apesar de ser publicado desde 2016, o documento evidencia, pela primeira vez, o aumento da violência letal contra públicos específicos, incluindo negros, mulheres – com os casos de feminicídio – e a população LGBTQIA+, apontando “a invisibilidade desse problema sob o ponto de vista da produção oficial de dados e estatísticas” (IPEA; FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA, 2019, p. 56).

Tem-se no país uma fonte de dados que se localiza como exceção a essa escassez representada no trabalho do Grupo Gay da Bahia (GGB), que a 40 anos divulga informações sobre a situação de vida dessa população. Segundo o Sistema de Informações sobre Mortalidade, do Ministério da Saúde (SIM/MS), a violência letal no Brasil atingiu a marca de 65.602 homicídios apenas no ano de 2017. De acordo com o Atlas da Violência (IPEA; FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA, 2019), trata-se do maior nível histórico de letalidade violenta intencional no país.

Dentro dessa realidade de violência constante, o corpo Trans se encontra entre os destinos desses atos agressivos e condutas de ódio. Dados da ONG *Transgender Europe* (2016) afirmam que, no período de 2008 a 2016 ocorreram 2.264 homicídios de transexuais e travestis em 68 países analisados. Dentre as áreas examinadas, “a região da América do Sul e Central concentra o maior número de casos: Brasil (900), México (271), Colômbia (114), Venezuela (110) e Honduras (89)” (CADERNO, 2017, p. 44).

Em 2017, a Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA), registrou 179 assassinatos no país. No ano de 2018 os dados apontaram 163 homicídios. E em 2019, foram registrados 124 assassinatos pela mesma organização. Segundo a Secretária de Articulação Política da ANTRA, Bruna Benevides (2019, p. 22), “apesar de uma aparente diminuição dos números de assassinatos nestes dois últimos anos, não significa exatamente uma redução nos índices de violência contra a nossa população”. Em 2020, em meio ao contexto da pandemia da COVID-19, a Associação registrou um aumento de 21% no número de assassinatos com relação ao mesmo período no ano anterior. Nos primeiros dez meses do ano foram constatadas 151 mortes de pessoas Trans.

O que chama atenção no Boletim, nº 5/2020, emitido pela entidade é que todas as mortes foram de transexuais ou travestis do gênero feminino. Essa informação evidencia como a violência de gênero está presente no país ceifando a vida de centenas de mulheres, numa tentativa de fazer calar o feminino e suas manifestações. Presse (2020), em reportagem do G1 sobre o Dia Internacional de Eliminação da Violência contra as Mulheres (25 de novembro) fala desse flagelo que se agravou com as restrições em todo o mundo devido ao coronavírus. No Brasil houve um aumento de 1,9% com relação ao primeiro semestre de 2020, totalizando 648 feminicídios.

Em reportagem publicada em 2021 pelo site Viva bem, intitulada “Isolamento do isolamento”, Vinícius de Oliveira apresenta os dados do “Diagnóstico LGBTs na pandemia”

produzido em 2020 pelo coletivo #VoteLGBT⁷ com a colaboração do Box1824⁸. A pesquisa, realizada de forma quantitativa e qualitativa obteve 9.521 respostas a seguinte pergunta: Qual a maior dificuldade você está enfrentando durante o isolamento social/quarentena? A partir dos dados, ele afirma que “na pandemia, pessoas LGBTQIA+ se viram excluídas dentro da própria casa, o que aumentou o sofrimento psíquico”. De acordo com ele, “a falta de uma rede de apoio, a pressão para "voltar ao armário" dentro de casa e as dificuldades financeiras deixaram a população LGBTQIA+ ainda mais suscetível à ansiedade, à depressão e a crises de pânico”, acrescenta-se isso a violência física, moral, psicológica, patrimonial e sexual sofrida por essas pessoas, muitas vezes no próprio contexto familiar. Isso traz impactos na vida do sujeito, o qual se encontra, por vezes, excluído de outros núcleos sociais, como na escola ou no emprego e, conseqüentemente, acarreta em prejuízos à saúde física e emocional.

Dentre os principais impactos da pandemia na vida das pessoas LGBTQIA+ estão a piora na saúde mental relatada por 42,72% dos participantes, o afastamento da rede de apoio com as novas regras de convívio social (16,58%), a solidão mencionada por 11,74% das pessoas, a dificuldade no convívio familiar (10,91%) e a falta de uma fonte de renda (10,62%) – dada a situação de desemprego que atingia essa população antes mesmo do contexto da pandemia e que se agravou com o cenário atual. “Preocupada com essa situação, a ONU chegou a expedir orientações para alertar os países dos riscos específicos da crise do novo coronavírus para esta parte da sociedade” (#VOTELGBT; BOX1824, 2020).

Sobre a violência às pessoas Trans, Benevides e Nogueira (2020) afirmam que os cinco estados com mais mortes nos primeiros 10 meses de 2020 são em ordem crescente de casos: São Paulo com 21 assassinatos, o Ceará que estava em terceiro no último boletim subiu para a 2ª posição com 19 casos, a Bahia e Minas Gerais em 3º e 4º respectivamente com 17 assassinatos cada e em 5º posição está o Rio de Janeiro com 9 casos. “É importante ressaltar que a soma dos casos desses 5 estados representa 55% de todos os assassinatos em 2020 e que somente nos dez primeiros meses, esses estados apresentaram mais casos que o ano passado inteiro em cada um deles” (BENEVIDES; NOGUEIRA, 2020, p. 4). Segundo as autoras (2020), apesar dos esforços empreendidos por diversas instituições da sociedade civil, órgãos governamentais de proteção a população LGBTQIA+ e órgãos de segurança, ainda não houve nenhuma ação efetiva até o momento.

⁷ #VoteLGBT é um coletivo que desde 2014 busca aumentar a representatividade de LGBTs+ em todos os espaços, principalmente na política.

⁸ O Box1824 é um escritório de cultura e inovação que há 15 anos busca estudar mudanças e suas conseqüências na sociedade. Tem como intuito mapear como as ideias movem-se pela cultura.

Os dados da ANTRA são compilados através da divulgação da mídia e, por isso, os números podem ser ainda maiores devido a subnotificação dos casos. Para Benevides e Nogueira (2020), os dados não refletem exatamente a realidade da violência transfóbica no país, uma vez que a metodologia de trabalho empregada pela ANTRA possui limitações de capturar apenas aquilo que de alguma maneira se torna visível. De acordo com Schwarcz (2019), não divulgar e não mensurar esses dados é um modo de desconhecer, desdenhar e silenciar a situação. Ademais, “se não há como justificar um certo sentimento difuso de ojeriza à população LGBTQIA+ identificado em alguns setores de nossa sociedade, é ainda mais difícil definir os motivos que levam alguém a matar, violar ou torturar essas pessoas” (SCHWARCZ, 2019, p. 200). Apesar da complexidade, Schwarcz (2019) defende que os dados produzidos pelas ONGs e grupos sociais já são suficientes para afirmar a existência de uma prática violenta estabelecida no Brasil, definida como “crime por preconceito de gênero”.

A análise desses dados implica, segundo ela em um paradoxo: ao mesmo tempo em que se realiza anualmente na cidade de São Paulo a maior Parada de Orgulho LGBTQIA+ do mundo, o Brasil é o país com maior índice de homicídio dessa população. Para a presidente da REDETRANS Brasil, Tathiana Aquino de Araújo (2018, p. 7), “a violência social afeta as pessoas Trans, tanto no plano físico, quanto emocional, em diferentes níveis”. Além disso, “ainda na infância essas pessoas vivem continuamente sob o medo, tornando-se vulneráveis aos estímulos externos, e com dificuldades de equilibrar suas emoções” (ARAÚJO, 2018, p. 7). Por meio dos mapas dos assassinatos⁹ é possível ter acesso a cada homicídio, o nome da vítima, local e a forma como o crime aconteceu, o que possibilita observar a crueldade dos atos. Mutilação de membros, tortura, apedrejamento, esfaqueamento, morte por arma de fogo, empalçamento ou estrangulamento, estão entre as causas mais comuns (e aberrantes) que ceifam a vida de pessoas Trans.

O requinte de crueldade direcionado a esse contingente populacional revela que “nos contextos da sociedade contemporânea coexistem, paradoxalmente, o não reconhecimento e o reconhecimento da alteridade e das multiplicidades de devires, dos modos de existência Trans e das reinvenções do corpo” (SILVA; TEIXEIRA, 2017, p. 3 – grifos nossos). Observa-se o reconhecimento e a recusa da face humana da pessoa Trans a partir da fala da secretária de

⁹ Os mapas anuais foram retirados do acesso público no site da ANTRA. A associação alegou como motivação o mau uso dos mesmos, além de plágio e cópias sem citação das fontes ou apropriação do trabalho por interesses políticos. No entanto, os mapas serão disponibilizados a *todes* que solicitarem acesso, desde que comprovem o objetivo do seu uso, bem como o meio em que serão utilizados, preenchendo formulário próprio disponibilizado no site. Fonte: <https://antrabrasil.org/assassinatos/>.

Articulação Política da ANTRA, Bruna Benevides (2017), que afirma: não é só matar. É matar, esquarterar. Para expurgar toda e qualquer possibilidade de existência e também de humanidade.

De acordo com Benevides (2018), o Estado, ao ignorar a existência da população Trans, os males impostos a ela, se omitindo diante dos números, está chancelando a continuidade das violações e assassinatos. Infelizmente, o silêncio aparece como instrumento social a fim de apagar da história tudo aquilo que seja pesadoso para o sentimento nacional (GERBER, 2019). Resta se questionar o que para o sentimento nacional é pesadoso: os Trans ou a violência por eles sofrida? Para Schwarcz (2019), a eleição de líderes no governo que abertamente fazem uma associação direta entre política e conduta moral e sexual reforçam o paradoxo mencionado anteriormente. A reflexão acerca da violência que acomete os corpos Trans impulsiona a indagar sobre o lugar ocupado por esses corpos no contexto social. Quais corpos importam? Quais corpos são dignos da vida?

De imediato, a resposta é: todos! Mas, dado o que foi apresentado anteriormente, sabe-se que a lógica social e econômica não funciona dessa forma. Nesse sentido, existem corpos que importam mais e corpos considerados passíveis de aniquilação. Tomando essa questão pela via da violência e considerando o que foi apresentado nesse tópico acerca dos Atlas da Violência e dos dados da ANTRA, destaca-se o predomínio da violência com relação a corpos negros, corpos LGBTQIA+ e corpos femininos. Racismo, feminicídio e transfobia são assim os crimes que ditam quais corpos importam e quais são dignos de vida no país da diversidade.

É importante mencionar que a violência imputada sobre os corpos se constituiu historicamente fundamentada no que Foucault (2011) denominou biopoder ou poder disciplinar. A noção de um poder regulador da vida e disciplinar dos corpos é caracterizada por Foucault (2011) enquanto um conjunto de dispositivos de intervenção sobre processos vitais, em especial, a sexualidade, “produzidos a partir de um conjunto de estratégias discursivas e não discursivas, fundamentadas na vigilância das condutas apropriadas” (BENTO, 2014, p. 107).

Esse sistema se constitui em uma anátomo-política dos corpos e em uma biopolítica da população. Enquanto dispositivo de controle, o biopoder se baseia nos saberes médicos e jurídicos para legitimar ações, muitas vezes, invasivas e abusivas dos corpos. Esse conceito permite pensar a diferenciação entre o tratamento dado ao corpo pelos saberes médico e jurídico em oposição à psicanálise. Além disso, conduz a uma problematização sobre a noção de violência e agressividade direcionada aos corpos, a determinados corpos, a partir do estabelecimento do que Achille Mbembe (2016) nomeia como uma necropolítica. Para ele (2016, p. 146), a necropolítica é caracterizada enquanto “formas contemporâneas que subjagam

a vida ao poder da morte e que reconfiguram profundamente as relações entre resistência, sacrifício e terror”.

Atualmente, diversos estudiosos (BENTO, 2014; BUTLER, 2017; CUNHA, 2016; KNUDSEN, 2007; LEGUIL, 2016; LEITE, 2011; PRECIADO, 2019) apontam para a necessidade de retomar a discussão sobre identidade/gênero/sexualidade em psicanálise, especialmente sobre a temática Trans a fim de problematizar noções que reafirmam uma matriz heterossexual ou patologizante de identidades LGBTQIA+. Desse modo, a presente pesquisa adquire relevância ao se propor a investigar, na teoria psicanalítica, a via conceitual de constituição do corpo a partir das narrativas de pessoas Trans acerca de seus corpos. Por essa via, mantêm-se o questionamento: por que os corpos Trans?

2.3 Quando o simbólico capenga

Pessoa “trans” é aquela que está em permanente “trans-formação”, disposta a “trans-por” todos os obstáculos. É aquela pessoa que “trans-gride” regras e padrões de conduta, “trans-mitindo” à sociedade, de forma absolutamente “transparente”, novas ou inexploradas possibilidades de realização. Pessoa “trans” é aquela que “trans-cende” a si mesma, tentando expressar ao mundo a pessoa que ela realmente é, em vez da pessoa que o mundo acha que ela deveria ser.

Letícia Lanz

A temática da transgeneridade, transexualidade e travestilidade não apresenta na literatura científica definições ou categorizações únicas ou consensuais. O trecho escrito por Letícia Lanz e citado por João Nery (2011, p. 303) expressa a diversidade conceitual com a qual se pode abordar o assunto. Por conseguinte, a variedade de definições se apresenta como uma questão ao presente trabalho dada a especificidade das autobiografias elegidas para apreciação, as quais os sujeitos se nomeiam ora transexuais, ora transgêneros, ora travestis. Isso evidencia que “a mesma linguagem que busca traduzir a diversidade é também um campo de luta simbólico, cercado de tensões e distensões no uso das palavras” (CADERNO, 2017, p. 42).

Em meio a tantas identidades e variadas formas de vivências, expressão e identificação social e sexual, torna-se necessário elucidar alguns conceitos pertinentes à elaboração deste trabalho. Segundo Interdonato e Queiroz (2017), as categorias de sexo, identidade de gênero e

orientação sexual caracterizam-se como três âmbitos distintos de expressão ou vivência social de uma pessoa. Nesse sentido, as possibilidades de compreensão e expressão dentro de cada categoria são diversas. Além disso, assim como o sexo não define necessariamente a identidade de gênero, a identidade de gênero não define a orientação sexual de uma pessoa. Diante disso, é possível observar adiante como essas categorias são colocadas nos estudos atuais.

2.3.1 Sexo e gênero

Dentre os conceitos que envolvem a trama da linguagem, a noção de sexo se atrelou fundamentalmente ao gênero ao longo da história da humanidade. Segundo Laqueur (1992/2001), o binarismo sexual é concomitante ao Iluminismo, tendo o modelo de “sexo único/carne única” dominado a ideia de diferença sexual da antiguidade clássica até o final do século XVII, em que as mulheres eram consideradas “homens invertidos” (LAQUEUR, 1992/2001, p. 42). Por essa via, “o sexo, tanto no mundo de sexo único como no de dois sexos, é situacional; é explicável apenas dentro do contexto da luta sobre gênero e poder” (LAQUEUR, 1992/2001, p. 23).

De acordo com Costa (2004), Freud retrata o sexo não por ser ele o representante das qualidades elementares ou originárias do psiquismo, mas por fatores históricos ligados à invenção da psicanálise. Assim, considerar sexo biológico apenas como um conjunto de informações cromossômicas, órgãos genitais, capacidades reprodutivas e características fisiológicas secundárias que distinguem machos e fêmeas (BRASIL, 2017) é desconsiderar a historicidade do termo. Não obstante, Louro (2004) afirma que o ato de nomear o corpo acontece no interior da lógica que supõe o sexo como um “dado” anterior à cultura e lhe atribui um caráter imutável, a-histórico e binário. Essa lógica implica que esse “dado” vai determinar o gênero e induzir a uma única forma de desejo.

Para Jorge e Travassos (2018), o sexo é da ordem do real do corpo, da anatomia e da biologia, enquanto o gênero é da ordem do simbólico e do imaginário, isto é, da ordem do sentido que a cultura na qual as pessoas vivem atribui ao que considera como feminino e masculino. Por conseguinte, observa-se que, ao nascer, as pessoas são atribuídas ao gênero feminino ou masculino, em conformidade com o sexo, tendo o órgão/genitália como forma de evidência. No entanto, o que as discussões atuais demonstram é que essas categorias estão cada vez mais ameaçadas de transformação, assim, sexo e gênero podem não mais serem atrelados um ao outro como forma de “categorização” do sujeito, bem como, podem articular-se a história e a cultura não sendo, portanto, imutável.

2.3.2 Identidade de gênero

Alguns teóricos caracterizam a identidade enquanto produção de subjetividade (BUTLER, 1999/2017; TAJFEL, 1972). Ela é um dilema entre o pessoal e o social, entre a singularidade e a similitude, depende do contexto sócio histórico em que se produz, está em todos os âmbitos das relações humanas e muda com o tempo. Para Butler (1999/2017), a identidade é um efeito de práticas discursivas. Nos Princípios de Yogyakarta¹⁰ (PRINCÍPIOS, 2006, p. 7), a identidade de gênero é descrita como a “experiência interna e individual do gênero de cada pessoa, que pode ou não corresponder ao sexo/gênero atribuído no nascimento, incluindo o senso pessoal do corpo e outras expressões de gênero, inclusive vestimenta, modo de falar e maneirismos”. Ou seja, refere-se ao gênero que a pessoa se identifica: homem, mulher, não-binário, Trans, Queer, dentre outros (BRASIL, 2017; INTERDONATO; QUEIROZ, 2017; REIS, 2018).

A identidade de gênero é disposta em duas categorias: cisgêneras¹¹ e transgêneras. Cisgêneras são as pessoas que se identificam com o gênero que lhes foi determinado ao nascimento. Enquanto transgêneras é a expressão utilizada para designar as pessoas que possuem uma identidade de gênero diferente daquela socialmente determinada (NOGUEIRA; AQUINO; CABRAL, 2017). Em contrapartida, o Ministério Público Federal (BRASIL, 2017) e Reis (2018) afirmam que as pessoas *cis* são aquelas que possuem uma identidade de gênero correspondente ao sexo biológico e as *Trans* são as pessoas que possuem uma identidade de gênero diferente daquela correspondente ao sexo biológico. Enquanto esses definem a identidade de gênero em comparação ao sexo biológico, aqueles relacionam identidade de gênero em contraponto ao gênero atribuído ao sujeito em seu nascimento.

Nos contextos jurídico e da saúde, a transexualidade é, por vezes, caracterizada enquanto a divergência entre a identidade de gênero e o sexo designado no nascimento. São homens e mulheres que não se identificam com seus genitais biológicos, nem com suas atribuições socioculturais e, em alguns casos, podem, através de modificações corporais,

¹⁰ Os Princípios de Yogyakarta foram constituídos em Yogyakarta, Indonésia, entre 6 e 9 de novembro de 2006 objetivando tratar de um amplo espectro de normas de Direitos Humanos e de sua aplicação a questões de orientação sexual e identidade de gênero, sendo o Brasil um dos países signatários.

¹¹ O termo cis- tem sua origem no latim e significa “deste lado de”, “no mesmo lado que” em oposição a trans-. Refere-se ao indivíduo que se identifica, em todos os aspectos, com o gênero atribuído quando de seu nascimento (REIS, 2018).

exercer sua identidade de gênero de acordo com seu bem-estar biopsicossocial (BRASIL, 2017; CADERNO, 2017).

A noção de travesti também possui definição divergente na literatura apreciada. Para Reis (2018)¹², travesti é uma construção de gênero feminino, oposta ao sexo biológico, seguido de uma construção física de caráter permanente, que se identifica na vida social, familiar, cultural e interpessoal, através dessa identidade. Segundo Nogueira, Aquino e Cabral (2017) travestis são pessoas que vivenciam papéis de gênero feminino, mas não se reconhecem como homens ou como mulheres, mas como membros de um terceiro gênero ou de um não-gênero.

Já na cartilha da Política Nacional de Saúde Integral de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (2013), a travesti é aquela que se relaciona com o mundo no gênero feminino, no que diz respeito às aparências e formas assumidas por meio do uso de hormônios feminilizantes e/ou aplicações de silicone, tendo como característica marcante a mistura das características femininas e masculinas em um mesmo corpo. Por fim, Ambra, Silva Jr e Cavalcanti (2010), afirmam que o termo travesti pode ser caracterizado, em sua faceta contemporânea, por uma pessoa que realiza uma série de procedimentos cirúrgicos com vistas a apagar traços masculinos da aparência.

2.3.3 Orientação sexual

Em contrapartida à identidade de gênero, tem-se a noção de orientação sexual enquanto a atração emocional, afetiva ou sexual por indivíduos de gênero diferente, do mesmo gênero ou de mais de um gênero, assim como relações íntimas e sexuais com essas pessoas (BRASIL, 2017; PRINCÍPIOS, 2006). Isto é, homossexual, heterossexual, bissexual, assexual, panssexual (BRASIL, 2017; INTERDONATO; QUEIROZ, 2017; NOGUEIRA; AQUINO; CABRAL, 2017; REIS, 2018).

Dessa forma, as pessoas Trans podem “ser heterossexuais, homossexuais ou bissexuais, caso seu desejo seja direcionado ao gênero oposto, ao mesmo gênero ou a ambos os gêneros, respectivamente” (INTERDONATO; QUEIROZ, 2017, p. 43). Segundo Nery (2011), é possível falar em transidentidades: homens sem pênis, *gays* lésbicos, *cross-dresser*, *drags* (*queen* e *king*), *trans-gay*, etc. [...] inúmeras formas de transversalidades de gênero. Além disso, considera-se que “a pessoa não precisa de cirurgias, tratamento hormonal, laser, binder, packer,

¹² Definição da Articulação Nacional de Travestis e Transexuais, aprovada pelo coletivo de participantes do ENTLAIDS, Rio de Janeiro, 2008; com colaboração adicional do Fórum Nacional de Travestis e Transexuais, Negras e Negros; e adaptações de ABGLT (2010) e Caderno (2017).

cabelo curto ou comprido, gostar do gênero oposto, odiar a genitália para ser Trans de ‘verdade’” (MOIRA *et al.*, 2017, p. 11).

Essas divergências conceituais estruturam o próprio discurso dos sujeitos e marcam “a fragilidade e mesmo a falta de pontes e mediações que tornem os campos científicos e políticos, inteligíveis um ao outro, ao menos na terminologia” (LEITE JR., 2008, p. 189). O simbólico capenga frente a possibilidade de existências e experiências corporais. Em vista disso, os critérios utilizados à nomeação dos sujeitos em suas obras autobiográficas, por vezes, não correspondem ao que se observa, por exemplo, nos Estudos de gênero e/ou Estudos *queer*.

Dada essa peculiaridade, optou-se por utilizar o termo “Trans”, por considerar que ele serve à referência de pessoas que se automeiam Trans, bem como àquelas que expressam o intenso sentimento de não pertencimento ao sexo e/ou gênero atribuído no momento do nascimento e que não apresentam bases orgânicas - como nos casos de hermafroditismo, nas manifestações de distúrbios delirantes ou outros tipos de anomalias endócrinas. Por conseguinte, o Trans representa um dos modos inventados pelo sujeito em lidar com o desencontro que se opera e que impede a adequação entre o discurso e a imagem do corpo. Vale ressaltar que, de acordo com Jorge e Travassos (2018), para a psicanálise não há verdadeiro transexual porque não há uma essência apreensível em si que se reduza a uma identidade. Porquanto, o que há são sujeitos se queixando do desalinho entre corpo e imagem.

As elucubrações do presente capítulo buscaram abordar temas que são centrais à questão “Por que os corpos Trans?”. Por essa via, as relações que se estabelecem entre a psicanálise, a cultura e a universidade revela que estas impactam o modo de produção de pesquisa e de pensamento, o que, por conseguinte, influencia no modo como a psicanálise constitui um saber acerca dos corpos Trans. Além disso, a violência foi colocada como uma marca do mal-estar que se instalou na cultura ceifando a vida de inúmeras pessoas por divergirem quanto a sua sexualidade, identidade de gênero e/ou orientação sexual.

Diante disso e da identificação desses conceitos nas obras dos autores, tornou-se imperativo revisitar como alguns estudiosos constroem essas noções e como eles constituem um discurso sobre esses sujeitos. As concepções de sexo, gênero, identidade e orientação sexual moldam as formas de subjetivação na sociedade contemporânea revelando o caráter histórico-cultural na construção dos corpos e nas formas de relações que se estabelecem do sujeito consigo mesmo, com o outro e com Outro da cultura. Por fim, aquilo que se coloca enquanto limite para os Estudos *queer* – a saber a nomeação; é, para a psicanálise, a condição de possibilidade para que o sujeito seja escutado a partir da sua singularidade. Assim, em meio a

tantas identidades e variadas formas de vivências, expressão e identificação social e sexual, a singularidade parece se tornar o campo de discussão por excelência.

3 DO QUE SE SERVE DA AUTOBIOGRAFIA NA PSICANÁLISE? Indagações sobre o corpo Trans

O corpo é objeto de estudo de diversos campos de saber. Ora tomado como corpo-biológico, corpo-orgânico, ora como corpo-natural ou ainda enquanto corpo-cultura. Os estudos sociais, tal qual a psicanálise, tomam o corpo como elemento central do seu discurso. Por conseguinte, ao falar sobre o corpo Trans, faz-se necessário atentar quanto a diversidade de possibilidades para abordar o tema. Diante disso, encontra-se discussões sobre o corpo Trans feminino, o corpo Trans masculino, o corpo Trans da mulher negra, o do homem Trans negro, o corpo Trans branco, o corpo Trans daquele/a da classe baixa, média ou alta. O corpo Trans do adolescente, do/a adulto/a e do/a idoso/a. O corpo Trans da pessoa com deficiência. Isto é, são diversos os caminhos como o são os corpos e suas (im)possibilidades de transformações.

A partir dessa gama de possibilidades, Winograd e Mendes (2009) afirmam que o corpo é visto tanto pelo “lado histórico, social, tecido pela cultura através dos tempos **quanto pelo lado** individual, representado simbólica e imaginariamente, absorvido e transformado pela representação, marcando e constituindo a história singular de cada um: corpo-sujeito” (p. 212, grifos nossos). Essa variedade permite inferir que abordar o corpo próprio é adentrar no campo da singularidade.

A singularidade é cara à psicanálise. É em nome dela que o analista se recusa a categorizações generalizantes e teorias totalizantes sobre o homem e sua subjetividade. Trata-se de uma prática orientada pela singularidade. Também é por ela que se realiza a escuta e a observação de cada sujeito de modo a atentar para aquilo que há de particular, único, no um a um. Por essa via, em Lacan, o singular é tido como algo que se inscreve na cultura, ele não é sem um laço social (TATIT, 2016). Não obstante, o papel da singularidade não é o da negação da universalidade ou de uma transcendência a particularidade. Sua função [a da singularidade] é desencadear o jogo entre particular e universal (TATIT, 2016). Isto é, o jogo entre as formas de subjetivação e a ordem simbólica que as constitui¹³.

Para a psicanálise, o corpo pode ser pensado a partir de vários momentos da teoria. A exemplo disso, tem-se que na obra lacaniana há teorizações acerca do corpo divididas a partir dos ensinamentos do autor, ou seja, o corpo no “primeiro Lacan”, o corpo no “segundo Lacan”, o corpo nos ensinamentos do “ultimíssimo Lacan”. Além disso, algumas leituras operam uma divisão a partir dos registros do Real, Simbólico e Imaginário, bem como uma noção de corpo que é

¹³ A discussão sobre o singular, universal e particular será retomada no capítulo 4.

impossibilitada sem a amarração entre os três registros ao considerar o nó borromeano. De Freud a Lacan, encontra-se na obra dos dois autores, ainda que indiretamente, contribuições acerca do corpo. De acordo com Winograd e Mendes (2009), o corpo, na teoria freudiana, não ganha a mesma notoriedade que outros conceitos como inconsciente, libido, transferência ou aparato psíquico. Do mesmo modo, Askofaré (2019) afirma que o corpo, para Freud, se situa na fronteira ou até mesmo fora do campo da psicanálise. Diante dessa extensa teoria, é necessário operar um recorte na literatura para a construção dessa discussão. A questão que se coloca então, é a de apresentar, ainda que sucintamente, o corpo de que se trata nessa escrita.

Askofaré (2019, p. 35) afirma que “a clínica psicanalítica é fundamentalmente uma clínica do corpo, uma clínica que dele parte para a ele retornar, uma prática cujos operadores específicos não saberiam se dar sem o corpo”. Por conseguinte, essa investigação se orienta a partir da noção de corpo trazida pela ótica da teoria lacaniana. “A orientação lacaniana em psicanálise impõe não apenas pensar o corpo, mas colocá-lo no coração, no centro mesmo da psicanálise como prática e discurso” (ASKOFARÉ, 2019, p. 37). Não obstante, em Lacan ainda há uma vastidão conceitual que carece de estreitamento.

Tem-se, na psicanálise lacaniana, que o corpo não é um dado orgânico, natural e originário. Assim, Askofaré (2019), apresenta três temáticas distintas, porém inter-relacionadas, acerca da questão do corpo na teoria lacaniana. A primeira refere-se à relação do corpo com a linguagem; a segunda concerne a relação do corpo com o gozo; e, por fim, a terceira afirma a promoção do corpo como consistência imaginária no nó borromeano. Do corpo imaginário a “o imaginário é o corpo”. O autor é enfático ao afirmar que essas concepções não são decisivas sobre o corpo e que, ao mesmo tempo em que são distintas, estão articuladas e amarradas.

Do corpo imaginário a “o imaginário é o corpo” parece ser essa a relação das pessoas Trans com o espelho e, posteriormente, com um outro que lhes confere certa identificação. A partir dessa claudicação é que se articula essa dimensão imaginária do corpo com a noção do “ter um corpo” trazida por Lacan em sua obra “O seminário, livro 23: o sinthoma” (LACAN, 1975-76/1999). Ao considerar que o sujeito tem um corpo e não que ele é um corpo, abre-se o campo de discussão para uma certa invenção. Invenção que cada sujeito terá que empreender para construir para si certa consistência corporal. Mas como fazer uma pesquisa sobre corpos Trans sem escutar as pessoas Trans? Como abordar a singularidade a partir do particular de cada caso?

A resposta para a primeira questão carece da apresentação de dois pontos. O primeiro consiste na impossibilidade de escutar as pessoas Trans. E o segundo refere-se à

impossibilidade de reunir os corpos Trans sobre um guarda-chuva conceitual e subjetivo. Isto é, ainda que se escute o maior número possível de pessoas Trans, não haveria um consenso sobre o que é o corpo Trans, dado que essa constituição é da ordem do singular. Mas, por que a escolha da autobiografia, ao constatar que existem diversas manifestações na arte sobre a temática Trans, como o cinema, a música, a poesia, dentre outros? Ao considerar a realidade brasileira, a literatura ganhou destaque em vista do aumento de produções, não enquanto literatura sobre pessoas Trans, mas sim literatura de pessoas Trans. Desse modo, optou-se pela pesquisa teórica em psicanálise e, conseqüentemente, pela autobiografia como acesso ao que essas pessoas falam sobre seu corpo.

Assim, o que se opera nessa pesquisa é a constatação da voz que emana da escrita. De acordo com Heloisa Caldas (2007), em sua obra “Da voz à escrita: clínica psicanalítica e literatura”, a escrita é algo que exige uma superfície para se materializar. Portanto, tanto se situa no corpo como em prolongamentos dele: fotografias, cartas, documentos, textos, obras. Além disso, a autora afirma que “a escrita produzida por um *falasser* parte da escrita que ele é como *falasser*” (CALDAS, 2007, p. 57, grifos da autora). Isto é, suas marcas de gozo (marcas de seu corpo, significantes), deixarão vestígios em todas as suas formas de escrita. Não obstante, o corpo que sustenta essa pesquisa é, sem dúvida, o corpo falante, pulsional e inapreensível por completo. Assim é que a autobiografia se apresenta como uma forma de conhecer as invenções de pessoas Trans para dar consistência ao corpo.

3.1 Autobiografia e psicanálise

E a agulha do real nas mãos da fantasia.

Gilberto Gil

O artista sempre precede o psicanalista, assim afirmou Jacques Lacan (1965/2003a) em sua “Homenagem à Marguerite Duras pelo arrebatamento de Lol v. Stein”. Ao voltar-se para os escritos de Sigmund Freud, observa-se as inúmeras menções que o criador da psicanálise faz à arte e aos artistas e a influência desses em seu processo criativo. Em suas palavras:

obras de arte exercem um forte efeito sobre mim, em especial obras literárias e esculturas, raramente pinturas. Isso já me levou, em oportunidades adequadas, a me demorar longamente diante delas e a querer compreender tal efeito à minha maneira, ou seja, explicar a mim mesmo, por quais meios surtem efeito (FREUD, 1914/2017, p. 183).

Para além de suas limitações – na pintura e na música –, em que ele afirma ser “quase incapaz de fruição” (FREUD, 1914/2017, p. 183), ele dedicou boa parte do seu trabalho às produções artísticas de sua época e daqueles que o precederam.

Em seu célebre texto “O futuro de uma ilusão” de 1927, afirma que

a arte oferece, como aprendemos há muito tempo, satisfações substitutivas para as mais antigas renúncias culturais, que continuam sendo sentidas da maneira mais profunda, e por isso ela tem um efeito reconciliador como nenhuma outra coisa em relação aos sacrifícios dessas renúncias (FREUD, 1927/2020, p. 243-244).

Anos depois, em “O mal-estar na cultura” (1930), Freud volta a mencionar a importância subjetiva e cultural da arte. Nesse momento, o autor (1930/2020, p. 319) reitera que “as satisfações substitutivas, como as oferecidas pela arte, são ilusões, em relação com a realidade, e por isso não menos eficazes psiquicamente, graças ao papel que a fantasia conquistou na vida anímica”. Assim, ele transitou por entre obras de Leonardo da Vinci¹⁴, Michelangelo¹⁵, escritos de Shakespeare¹⁶, Dostoiévski¹⁷, Jensen¹⁸, Hoffmann¹⁹ e muitos outros autores literários que contribuíram sobremaneira para a constituição da Psicanálise.

Afetado pela arte, ele compartilhou suas ideias sobre gêneros literários, sobre o fazer dos artistas e sobre a criatividade, conforme se observa em seu texto “O poeta e o fantasiar” de 1908, onde ele afirma que o último poeta deverá morrer junto com o último homem. Além disso, utilizou-se dos ensinamentos que essa poderosa ferramenta lhe trazia para indagar-se sobre as relações do homem consigo mesmo e com o outro, sobre a subjetividade e a coletividade, a cultura e a civilização.

Por essa via, demonstrou um profundo interesse nos mitos, como se percebe em sua obra a grande influência do Édipo de Sófocles. O mito do Édipo Rei deu origem ao que seria um dos mais conhecidos e controversos conceitos de sua teoria, o Complexo de Édipo, o qual estabelece as bases para pensar, de maneira mítica, as relações de parentalidade, sexualidade,

¹⁴ FREUD, S. Uma lembrança da infância de Leonardo da Vinci (1910). *In*: FREUD, S. **Arte, literatura e os artistas**. Tradução: Ernani Chaves. 1 ed. 1 reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

¹⁵ FREUD, S. O Moisés, de Michelangelo (1914). *In*: FREUD, S. **Arte, literatura e os artistas**. Tradução: Ernani Chaves. 1 ed. 1 reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

¹⁶ FREUD, S. Personagens psicopáticos no palco (1905-1906). *In*: FREUD, S. **Arte, literatura e os artistas**. Tradução: Ernani Chaves. 1 ed. 1 reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

¹⁷ FREUD, S. Dostoiévski e o parricídio (1928). *In*: FREUD, S. **Arte, literatura e os artistas**. Tradução: Ernani Chaves. 1 ed. 1 reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

¹⁸ FREUD, S. Delírios e sonhos na Gradiva de Jensen (1907). *In*: FREUD, S. **“Gradiva” de Jensen e outros trabalhos**. Edição Standard Brasileira das obras Psicológicas Completas de Sigmund, v. IX. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

¹⁹ FREUD, S. O infamiliar (1919). *In*: FREUD, S. **O infamiliar / Das Unheimliche**. Tradução: Ernani Chaves, Pedro Heliodoro Tavares [O homem de areia; tradução Romero Freitas]. 1 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

castração, desejo e gozo. Além disso, Freud abordou temas tais como o parricídio, o incesto, as relações amorosas e diversas outras questões fundamentais à constituição subjetiva do homem.

A obra “Arte, literatura e os artistas” da coleção Obras Incompletas de Sigmund Freud (2017) apresenta um compilado de escritos em que Freud se volta aos artistas e autores literários na construção de suas elucubrações. A reunião dos escritos freudianos é de suma importância para a construção de um percurso que se propõe a investigar as relações entre arte e psicanálise, pois possibilita observar o modo como o próprio Freud trabalhou as artes e os artistas. Isso permite aos novos pesquisadores se debruçar sobre caminhos já percorridos e, até mesmo, constituir novos olhares e formas de interpretação sobre aquilo que os artistas proporcionam, a saber: a sua arte. No posfácio do referido livro, intitulado “Faróis e enigmas: arte e psicanálise à luz de Sigmund Freud”, Sousa (2017) afirma que Freud buscava abrigo na produção literária e artística para suas hipóteses conceituais por acreditar na potência dos processos de criação artística como forma de transformação do mundo e de si mesmo.

A arte se relaciona intimamente com a fantasia e está, por conseguinte, tem papel fundamental na vida anímica do sujeito. O trabalho do escritor é construído pela “agulha do real nas mãos da fantasia” (CAMPOS; CASTRO, 2014, p. 68). Nesse sentido, Campos e Castro afirmam que enquanto o analista se debruça sobre o inconsciente das outras pessoas, o autor se ocupa do próprio, chegando ambos, por caminhos diversos, ao conhecimento das leis que governam as atividades inconscientes. Assim como o que se extrai da própria análise, isto é, saber não tanto para que ela serviu, mas de que se serviu (LACAN, 1975/2003c), a questão que se coloca nessa relação [autobiografia-psicanálise], não é de que serve a autobiografia na psicanálise, mas antes do que se serve da autobiografia na psicanálise.

Ao analisar pela via da palavra, tanto autobiografia quanto psicanálise se orientam pela dimensão narrativa da experiência do sujeito. “É através da fala, com o recurso da associação livre, que uma análise segue seu curso, assim esse processo implica uma invenção sobre a letra, ou seja, um saber-fazer com esse ponto indizível e irrepresentável do gozo único” (MELLO, 2014, p. 54). Do mesmo modo, “o artista toca algo que está para além do objeto, do objeto gozo, objeto causa; ele toca o indizível, o incompreensível” (MELLO, 2014, p. 55). Ademais, ambas não são apenas uma narrativa descompromissada. Para além disso, literatura autobiográfica e psicanálise evidenciam os processos de formação e constituição das experiências do sujeito ao possibilitar a interação dele com o mundo, consigo mesmo e com o cotidiano.

É a partir dessa relação que se estabelece entre a autobiografia e o sujeito que se considera como a primeira análise autobiográfica da Psicanálise o texto freudiano (1911/1996) intitulado “Observações psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranoia”

referente a obra “Memórias de um doente dos nervos” do Presidente Daniel Paul Schreber (1903). O estudo é assinalado pela comunidade psicanalítica como o primeiro momento em que Freud se debruça com mais afinco à clínica das psicoses. No entanto, a título de exemplo, para se pensar a articulação entre autobiografia e psicanálise, ele será considerado como o momento em que Freud se inclina pela primeira vez à análise autobiográfica. Apesar da obra tratar de um caso de psicose, essa via de análise freudiana autoriza apreender o trabalho do autor enquanto uma ferramenta metodológica que possibilita olhar para as autobiografias enquanto obras a serem contemplados de maneira a contribuir com a pesquisa e a prática em psicanálise.

Mais uma vez, é importante ressaltar que não se considera a obra acima mencionada pela dimensão da estrutura clínica, mas pela possibilidade de análise da obra em si. Salienta-se essa questão, dada a proximidade que, há muito se coloca, entre os corpos Trans e a clínica das psicoses. Não é o intuito da presente investigação enveredar-se pela clínica estrutural como forma de análise das obras autobiográficas, nem tampouco, anunciar o diagnóstico estrutural das pessoas Trans.

A escolha autobiográfica como acesso à singularidade e aos dizeres Trans remete a uma posição ética de “escuta” do sujeito visto que, segundo Jesus (2017), é contumaz que terceiros (geralmente cis) falem pelas pessoas Trans sem considerar os seus pontos de vista, sua visão de mundo, seu protagonismo em todas as suas expressões. Além disso, Jorge e Travassos (2018) afirmam que qualquer experiência transexual é estritamente singular, sendo impossível sua apreensão a partir da generalização psicológica. Nesse sentido, considera-se importante a experiência do sujeito.

A experiência é, de acordo com Bondía (2002) um encontro ou uma relação com algo que se experimenta, que se prova. Não é o que acontece, mas o que nos acontece. Assim, por mais que duas pessoas vivenciem o mesmo fenômeno, suas experiências serão diferentes. Por mais que dois homens Trans percorram todo o processo de redesignação sexual no mesmo período de tempo, no mesmo hospital, com a mesma equipe de saúde, cada um deles terá uma vivência singular única. Ainda que duas pessoas Trans vivenciem a mesma cena de violência, suas experiências serão distintas, dado a sua singularidade. Nesse sentido, a experiência faz laço com a singularidade do sujeito. Por conseguinte, ao falar em experiência do sujeito, Bondía (2002, p. 22, grifos nossos) considera que “é incapaz de experiência e **acrescenta-se, é incapaz de uma construção narrativa**, aquele que se põe, ou se opõe, ou se impõe, ou se propõe, mas não se ‘ex-põe’”. Desse modo, “as construções que a escrita autobiográfica produz apontam para lapsos de clareza e compreensão, como em um quebra-cabeça em que a cada busca novas peças são encontradas” (LIMA; VIANA; LIMA, 2013, p. 94).

Além da via da palavra, correlaciona-se psicanálise (experiência de análise) e autobiografia a partir dos três registros – Simbólico, Imaginário e Real ao considerar que ambos se configuram modos inventados pelo ser falante de estar no mundo. Assim, para Caldas (2001), as aproximações entre esses campos versam sobre a dimensão do tratamento dado ao real a partir da invenção pelo Simbólico. A criação ou invenção é abordada por Mello (2014) ao afirmar que tanto a arte quanto a psicanálise rompem com o semblante e recorrem à invenção de um artifício como forma de lidar com o real. Invenção no sentido de um saber/fazer com o real e não de uma construção sobre a verdade do real.

Assim, a literatura autobiográfica revela-se uma arte capaz de informar, de maneira privilegiada, sobre o devir do sujeito, os caminhos pelos quais ele se constitui e, quem sabe, sobre o seu futuro (CALLIGARIS, 1998). Configura-se, portanto, um percurso possível para alcançar e nomear a gramática do sofrimento nas relações do sujeito com o corpo, pois nos possibilita inferir novas práticas para as operações clínicas da psicanálise (DUNKER; RODRIGUES, 2015). Isto é, contribui, desde a criação da psicanálise, com o saber/fazer tanto na clínica do sujeito quanto na análise do social ao evidenciar a singularidade das formas de subjetivação presentes na modernidade.

Em suma, a presente investigação associa a dimensão particular da experiência do sujeito com a literatura e a psicanálise. Diante disso, as autobiografias foram escolhidas dada a sua relevância e disponibilidade (obras publicadas) no contexto das publicações LGBTQIA+ no cenário brasileiro. Para isso, utilizou-se como ferramenta de busca a rede social Skoob (Books ao contrário), caracterizada como uma “estante virtual” para leitores brasileiros, a qual consiste em um banco de dados sobre o que o leitor leu, está lendo e/ou pretende ler. Os seguintes descritores foram utilizados na busca: 1) Autobiografia e Transexualidade; 2) Autobiografia e Trans; 3) Transexualidade; e, por último, 4) Trans. Como critérios de inclusão (C.I.) foram selecionadas: 1) autobiografias publicadas no Brasil; 2) idioma: português; e, 3) disponíveis em versão completa na internet ou em livro impresso. O rastreamento das autobiografias, seguindo os critérios anteriormente mencionados, resultou na seleção de cinco obras, dos seguintes autores: João Walter Nery, Márcia Rocha, Amara Moira, Tarso Brant e Amanda Guimarães.

Após a seleção das obras, foi realizada uma primeira leitura integral e livre. Em seguida, realizou-se uma leitura atenta com o intuito de destacar no texto as passagens as quais os autores

mencionavam o corpo e a violência²⁰. A partir disso, construiu-se um fichamento com esses trechos, os quais foram apresentados na íntegra no texto de qualificação da pesquisa. Após esse momento, efetuou-se uma terceira leitura objetivando acentuar somente a dimensão do corpo para os autores. Ressalta-se que a discussão apresentada no tópico “Indagações” se refere a um recorte realizado mediante a narrativa apresentada pelos autores. Por conseguinte, isso permitiu observar pontos de convergência entre as narrativas, os quais levaram aos questionamentos que serão apresentados em cinco eixos.

Apresenta-se, *a priori*, uma breve introdução sobre as obras elegidas para estudo. Vale ressaltar que, para a construção dos subtítulos, foram considerados elementos da história de cada autor. Assim, ao nomear, por exemplo, “Da terceira pessoa do singular à Márcia Rocha”, considerou relevante a construção narrativa da autora em torno dos pronomes Eu-Ele e a sua relação com as transformações corporais por ela vivenciadas. Do mesmo modo, ao nomear “Adeus Christina”, voltou-se ao momento em que o autor afirma ter enfim se libertado da sua “porção” mulher, dada a relação com o seu nome de batismo e a transformação para o seu nome atual, Tarso Brant. Além disso, as obras serão mencionadas por ordem de publicação. Considerar elementos que se sobressaem na narrativa dos autores é o caminho para construir desenlaces acerca do que se serve da autobiografia na Psicanálise.

Por fim, reforça-se que arte é, pois, constituída e constituinte dos seres humanos. Dessa forma, a articulação entre literatura e psicanálise se apresenta como um campo profícuo de investigação à pesquisa na teoria psicanalítica (VORSATZ, 2019). É a partir desse importante lugar ocupado pela arte na vida humana, tal qual assinalou Freud (1930/2020) que a presente investigação se volta aos escritos autobiográficos como produções capazes de transformação. Assim, a autobiografia ocupa, na presente investigação, o lugar de partida para as indagações sobre a temática do corpo Trans-próprio a partir da construção narrativa dos autores elegidos no presente trabalho.

3.2 Um semi-dizer

Eu não escrevo em português. Escrevo eu mesmo.

Fernando Pessoa

²⁰ A dimensão da violência era, a princípio, um operador metodológico da pesquisa que tinha como hipótese a possibilidade de relação entre o corpo Trans e o ato violento. No entanto, dada a extensão da problemática envolvendo a violência aos corpos Trans, optou-se por seguir o estudo pela via da dimensão do corpo para essas pessoas. A hipótese inicial, bem como os dados levantados servirão de base para pesquisas futuras. Ademais, a violência é trazida na presente escrita enquanto uma das indagações extraídas da leitura das autobiografias.

“A escrita, como linguagem, é uma das formas do sujeito exercitar a sua subjetividade por meio da alteridade. À semelhança de um espelho, a escrita permite ao homem pensar, mirar a sua fratura” (BENTO, 2004, p. 210). Na literatura, existem diversos gêneros textuais que diferem entre si a depender da estrutura e estética que apresentam. No caso das autobiografias, encontra-se definições que a compreendem como uma espécie de narrativa que a pessoa faz de sua própria existência, de suas vivências e história (LEJEUNE, 2002; LEJEUNE, 2008).

A publicação do livro “O pacto autobiográfico” (1975), por Philippe Lejeune, é considerado um marco para o alcance da autobiografia nos espaços acadêmicos e nas pesquisas desenvolvidas por diversos campos de saber. A autobiografia é, para ele “qualquer texto em que o autor parece expressar sua vida ou seus sentimentos, quaisquer que sejam a forma do texto e o contrato proposto por ele” (LEJEUNE, 2008, p. 53). Apesar de ser considerada um gênero literário, a autobiografia está inserida em um longo debate acerca da sua legitimidade enquanto escrita que se propõe a retratar aquele que a escreve. Em outras palavras, há ainda um questionamento sobre a condição de verdade daquilo que se extrai em uma obra autobiográfica.

Segundo Lejeune (2008, p. 54), “a autobiografia abre um grande espaço à fantasia e quem a escreve não é absolutamente obrigado a ser exato quanto aos fatos, como nas memórias, ou a dizer toda a verdade, como nas confissões”. Fantasia. Verdade. Dois operadores centrais que possibilitam articular autobiografia e psicanálise. Encontra-se em Freud (1908/2017) que a fantasia possui papel fundamental na vida anímica do sujeito. Do mesmo modo, Freud (1893/1984) e Lacan (2003b) expressam a importância do papel da verdade e da estrutura de ficção da linguagem, linguagem constituinte do sujeito.

Assim é que ao constituir, e posteriormente, questionar a sua teoria da sedução, Freud (1893/1984) apresenta a dimensão da verdade como ponto fulcral. É por essas construções que o trauma ganha outra dimensão na realidade psíquica do sujeito. Por conseguinte, “comprovada” ou não, a cena traumática continua a exercer efeitos de verdade, de causa do sintoma. Por sua vez, em “O seminário, livro 4: a relação de objeto” (1956-1957/1995), Lacan apresenta suas considerações sobre a verdade ao articula-la aos mitos e a sua “estrutura de ficção”. Adiante, em “O seminário, livro 17: o avesso da psicanálise” (1969-1970/1999), ele afirma que nunca se pode dizer a verdade, a não ser pela metade.

A impossibilidade de dizer toda a verdade se atrela, materialmente, a falta de palavras (LACAN, 2003b). O impossível, por conseguinte, relaciona-se ao bordeamento do real, daquilo que não cessa de não se inscrever. De acordo com ele,

Se há algo que toda a nossa abordagem delimita, que seguramente foi renovado pela experiência analítica, é justamente que nenhuma evocação da verdade pode ser feita se não for para indicar que ela só é acessível por um semi-dizer, que ela não pode ser inteiramente dita porque, para além de sua metade, não há nada a dizer. Tudo o que se pode dizer é isto. Aqui, por conseguinte, o discurso se abole. Não se fala do indizível, por mais prazer que isto pareça dar a alguns (LACAN, 1969-1970/1999, p. 53).

Assim, algo da verdade do sujeito se coloca em suas palavras, enquanto oculta um não dito. O que leva a dimensão do semi-dizer. Ao acessá-la por um semi-dizer, enquanto uma meia-verdade, é que a verdade se inscreve em uma estrutura de ficção (PALOMBINI; MENDES ROSA, 2017, n. p.). “Essa ficção mantém uma relação singular com alguma coisa que está sempre implicada por trás dela, e da qual ela porta, realmente, a mensagem formalmente indicada, a saber, a verdade” (LACAN, 1956-1957/1995, p. 258).

Etimologicamente, ficção origina-se do latim *lat fictio, fictione*, declinação de *fictio*, de *fingere*, fingir, modelar, inventar. De acordo com o dicionário Michaelis (1998), ficção é: 1. Ato ou efeito de fingir. 2. Elaboração da imaginação; criação imaginária. 3. Produto da criação fantasiosa; fantasia. 4. Mentira ardisosa; farsa, fraude. 5. Criação artística em que o autor revela uma leitura exclusiva e original da realidade. 6. Prosa literária criada a partir de elementos imaginários fundados na realidade e/ou de elementos reais introduzidos no mundo da imaginação; ficcionalismo, ficcionismo, literatura de ficção. 7. O conjunto da obra literária de determinado escritor, de uma estética literária, de um país, de uma região etc.; narrativa.

Nota-se que as definições de ficção, segundo o dicionário de língua portuguesa, aproximam esse conceito da noção de fantasia. Ao tratar a ficção enquanto uma criação artística em que o autor revela uma leitura exclusiva e original da realidade é possível pensar na fala do sujeito ao narrar a sua construção da realidade aproximando-o do artista. O sujeito produz uma arte acerca das suas manifestações inconscientes, a partir da realidade psíquica, utilizando-se para isso, da fantasia. Desse modo, produz um semi-dizer sobre si.

Destarte, busca-se em uma autobiografia a verdade. “Muitas vezes, espera-se poder enfrentar essa dificuldade, qual seja, a de separar a desejada realidade da ‘fantasiosa’ ficção, tomando-se por material de pesquisa a fala direta dos sujeitos a serem pesquisados” (COSTA, 2011, p. 36). Como dito anteriormente, essa busca por uma realidade objetiva dos fatos foi por muito tempo almejada por Freud ao relatar os traumas de seus pacientes. No entanto, em certa medida, ele “soube trazer para primeiro plano a importância da fantasia, da construção subjetiva calcada no desejo inconsciente, e relegar a segundo plano essa preocupação com uma suposta realidade objetiva dos fatos” (COSTA, 2011, p. 37). Diante disso, tem-se que assim como na

experiência de análise, na autobiografia a verdade é impossível de captar, ao menos toda a verdade.

É por essa via que se coloca a narrativa autobiográfica enquanto um semi-dizer [não-todo], acerca da vida dos autores e articula-a ao exercício do analista frente o inconsciente do sujeito. Assim é que, a partir dessas considerações entre escrita e psicanálise, fantasia/ficção e realidade, escutou-se algumas das marcas que constituem o corpo Trans a partir de suas autobiografias. Escutar com a leitura, é disso que se trata a psicanálise, pois “o significado não tem nada a ver com os ouvidos, mas somente com a leitura, com a leitura do que se ouve de significante. O significado não é aquilo que se ouve. O que se ouve é significante. O significado é efeito do significante” (LACAN, 1972-73/2008, p. 39). Não obstante, é importante mencionar que o objetivo do presente escrito não é a discussão acerca das definições que recebem a autobiografia, nem tampouco uma arqueologia sobre esse gênero literário, mas as indagações que se colocam à Psicanálise a partir da narrativa das pessoas Trans.

Diante dessa colocação, ressalta-se que a pesquisa foi orientada pela lógica do não-todo pois, segundo Miller (2003, p. 29), “o universal da classe, seja ela qual for, nunca está completamente presente num indivíduo. Como indivíduo real, pode ser exemplar de uma classe, mas é sempre um exemplar com uma lacuna”. Assim é que a saída encontrada surgiu daquilo que Freud e Lacan trataram com devida atenção: a arte. “A arte nos ajuda a pensar este lugar da exceção” (MARCOS, 2014, p. 15). A partir das obras de arte foi possível pensar para além do universal. Por conseguinte, por meio da literatura autobiográfica investigou-se essas transformações do corpo.

Cabe ressaltar que a história de cada autor foi considerada nela mesma e não como exemplo, já que na arte só há teoria de uma obra, ou seja, a cada obra, uma teoria, o que permitiu pensar a singularidade de cada livro (WAJECMAN, 1998 apud MARCOS, 2014). Isto é, a singularidade de cada de cada *fallasser*. É desse modo que, “o sujeito em sua casa, a rememorialização da autobiografia, só marcha até um certo limite, que se chama real” (LACAN, 1964, p. 51-52). Assim, a ficção seria, portanto, a forma como cada sujeito “localiza, nomeia e opera com esses pontos de real ou mesmo de opacidade. Segredo? Verdade não-toda? Nome-Próprio? Não seriam esses apenas alguns, entre tantos outros, modos de nomear ou escrever a extimidade?” (ROSA, 2010, p. 65).

3.3 A imagem do corpo tem um peso

Eu sempre achei que toda confissão não transfigurada pela arte é indecente. Minha vida está nos meus poemas, meus poemas são eu mesmo, nunca escrevi uma vírgula que não fosse uma confissão.

Mário Quintana

3.3.1 A solidariedade de uma viagem solitária

Em sua obra autobiográfica “Viagem solitária: memórias de um transexual trinta anos depois” (2011), João Nery testemunha sobre o corpo e denuncia a violência de um período histórico-cultural de recessão e autoritarismo da sociedade brasileira. João Walter Nery nasceu em 1950 no Rio de Janeiro e viveu até os 27 anos com um corpo de anatomia feminina “batizado” Joana.

Em 1977, sob a sombra de uma ditadura militar, fez sua primeira cirurgia rumo à uma transição de pessoa e passou a ser considerado o primeiro transexual brasileiro. Devido à falta de uma legislação própria para a condição transexual, Nery se viu obrigado a obter uma nova documentação para conseguir se articular socialmente. Consequentemente, perdeu todos os direitos conquistados, inclusive o currículo escolar e profissional (diploma, docência e atuação clínica em Psicologia), tornando-se um analfabeto.

O autor fala em sua obra e em diversas entrevistas posteriores sobre a solidão em ser considerado o primeiro Trans brasileiro. No entanto, sua história solitária serve de inspiração para inúmeras pessoas Trans evidenciado que a sua viagem foi, acima de tudo, solidária. João morreu no dia 26 de outubro de 2018 aos 68 anos, ainda testemunhando a sua luta pela sobrevivência.

3.3.2 Da terceira pessoa do singular à Márcia Rocha

Márcia Rocha foi a primeira advogada Trans do Brasil. Empresária, integrante da Comissão da Diversidade Sexual da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), seção São Paulo, com assento no Comitê de Direitos Sexuais da World Association for Sexual Health (WAS)²¹, fundadora e diretora do projeto Transemprego, nasceu Marcos Cesar em São Paulo, na década

²¹ WAS é uma organização internacional criada em 1978 em Roma, Itália. A meta da organização é promover a saúde sexual em todo o mundo desenvolvendo e apoiando a sexologia e os direitos sexuais para todos.

de 1960. Em 2017 publicou o capítulo “A luta pela aceitação” como parte da obra autobiográfica “Vidas Trans: a coragem de existir”.

Sobre a compreensão e nomeação Trans, a autora afirma que por definição, é uma travesti. Apesar de esse ser um termo cheio de estigma, de simbologia negativa no imaginário popular, rejeitado e excluído. O traço marcante da escrita de Márcia é o uso dos pronomes de acordo com as fases de sua vida. Enquanto Marcos Cesar, a autora refere a si mesmo na terceira pessoa do singular - ele, explicitando um distanciamento entre seu corpo e sua imagem. A transição corporal marca a separação e a identificação de Márcia consigo mesmo, passando a referir a si mesma na primeira pessoa do singular - Eu.

3.3.3 Destino amargo da amada Amara

Amara Moira nasceu em 1985 na cidade de Campinas, interior de São Paulo, palco de suas primeiras experiências sexuais e de suas angústias com o corpo. Feminista, escritora e professora de literatura, tornou-se Doutora em Teoria Literária pela Universidade Estadual de Campinas. Em 2016 lançou seu livro intitulado “E se eu fosse puta”. Amara é um nome inventado pela autora a partir de trocadilhos e jogos com o seu nome de batismo: “Omar > Amromar > Humoromar > Amara Moira. Moira, ‘destino’, mas quase moria, ‘loucura’, ‘propensão doentia a caçoar dos outros’, palavras que sempre admirei” (MOIRA, 2017, p. 37).

O tratamento da obra de Amara apresenta um novo elemento: a prostituição. Esta obra é um compilado de escritos da autora sobre a sua vida enquanto profissional do sexo e, neste sentido, apresenta mais elementos voltados à violência do meio em questão do que a problemática do corpo. Por essa via, abordou-se também o que a autora apresenta no capítulo “Destino Amargo” da obra “Vidas Trans: a coragem de existir” (2017) para tentar vislumbrar como ela concebe e lida com a questão do corpo próprio. Amara encontrou na militância uma razão para ampliar sua luta. De um destino amargo, a autora ganhou notoriedade e autoridade na comunidade LGBTQIA+.

3.3.4 Adeus Christina

Tarso Brant, nome artístico de Tarso Alexandre da Silva Borges, é modelo, ator, estudante de interpretação direcionada para cinema e televisão. Nasceu em Belo Horizonte - Minas Gerais, em 1993. Em 2017, participou da novela “A força do querer” e foi um dos consultores da escritora Glória Perez na construção do personagem “Ivan”, interpretado pela

atriz Carol Duarte. Autor de “Eterno aprendiz” capítulo que também compõem a obra “Vidas Trans: a coragem de existir” (2017).

Filho único de uma família de classe média, Tarso escreve sua história carregada de sentimentos e reflexões acerca das transformações que marcaram a sua vida, como a sua relação com o corpo, a família e os amigos e suas experiências afetivas e sexuais. Despede-se da sua velha imagem ao despedir-se também da sua “porção” Christina.

3.3.5 Mandy Candy

Amanda Guimarães nasceu no interior do Rio Grande do Sul, em Morungava. Em 2016 publicou sua obra intitulada “Meu nome é Amanda” em que afirma a existência de “um jeito feminino” (GUIMARÃES, 2016, p. 19) desde a sua infância. Em sua obra não há menção ao seu nome de batismo como se observa em outras autobiografias.

O livro de Mandy Candy, como é conhecida nas redes sociais, apresenta traços da sua história relacionados, principalmente, a suas questões com o corpo e sua transformação a partir de cirurgias plásticas, hormonização, bem como a cirurgia de redesignação sexual. Além disso, retrata cenas de transfobia sofridas no ambiente de trabalho e as ameaças de morte que a autora, por vezes, recebe em suas redes sociais.

3.4 Indagações sobre o corpo Trans²²

Não são as respostas que movem o mundo, são as perguntas.

Albert Einstein

Abaixo serão apresentadas algumas questões acerca do corpo para as pessoas Trans. Consideradas as especificidades de cada obra, parte-se para a discussão daquilo que se extrai, não como a narrativa simplesmente, mas enquanto indagações que impulsionam ao trabalho e à pesquisa acerca das possíveis contribuições sobre a constituição do corpo Trans para a noção do corpo em Psicanálise. A discussão teórica acerca da constituição do corpo Trans fornece as bases para identificar os diferentes modos de constituição do corpo a partir dos discursos dos próprios sujeitos.

²² É relevante salientar que as citações apresentadas neste tópico, em especial as falas dos autores Trans, por vezes recebem a especificação “grifos nossos”. Isso acontece com relação as alterações dos pronomes que constituem a frase, por exemplo: “Parecia haver no outro a necessidade de negar a minha mudança” alterado para “Parecia haver no outro a necessidade de negar a sua mudança”.

Ao considerar suas autobiografias como referência, é possível observar a incidência de um percurso que, apesar de singular, fornece pontos de convergência das diferentes construções. Por conseguinte, cinco indagações foram formuladas. Elas partem da inconformidade e do estranhamento ao olhar a imagem refletida no espelho, passando por uma certa confusão entre sexo e sexualidade, bem como por um ideal à completude, até a identificação de si através do outro (outro Trans), o que leva a questionar se para esses sujeitos os espelhos são os outros. Ao fim, ainda é apresentada uma indagação concernente a violência, mencionada por todos os autores em suas narrativas.

A primeira indagação foi intitulada “Um corpo outro no espelho?” e apresenta, principalmente, elementos da escrita de João Nery, Márcia Rocha e Amanda Guimarães. A segunda, nomeada “O que há entre o sexo e a sexualidade?”, traz elementos das seis obras, evidenciando o quanto há uma confusão entre a constituição do corpo e a sexualidade dos autores. Para a terceira indagação, foram considerados elementos da escrita de João Nery, Amara Moira, Tarso Brant e Amanda Guimarães e a nomeou “Os espelhos são os outros?”. A quarta indagação foi constituída a partir das obras de João Nery, Márcia Rocha e Amanda Guimarães e foi nomeada com a questão “Existe completude?”. Por fim, a quinta indagação, apesar de sua disposição enquanto última apresentada, entrelaça-se a todas as outras sob a pergunta: onde se localiza a violência?

Como dito anteriormente, as cinco questões que se seguem foram construídas a partir de pontos de convergência entre as narrativas dos autores e não refletem a realidade de todas as pessoas Trans. A análise não se dá pela ordem da interpretação, mas pela possibilidade de contribuição da fala dessas pessoas a uma construção teórica sem a pretensão de anunciar uma verdade do sujeito. Por conseguinte, é importante lembrar que as discussões seguintes, enquanto indagações, não visam uma teoria generalizante sobre o corpo Trans.

3.4.1 Um corpo outro no espelho?

O espelho aparece nas narrativas dos autores, inicialmente, como palco de angústias. Diferentemente do encantamento que acomete Narciso²³ ao apreciar o belo da própria imagem

²³ De acordo com a mitologia grega, Narciso, filho de Cefiso e Liríope possuía uma beleza estonteante ao ponto de atrair a todos. Ao nascer, sua mãe indagou a um ancião se Narciso teria uma vida longa, ao passo que esse respondeu que sim, desde que ele jamais conhecesse a si próprio, o que não aconteceu. Ao ver sua própria imagem refletida no espelho d’água, Narciso se encanta com sua beleza provocando a sua morte.

refletida na água, algumas pessoas parecem experienciar um sentimento de inconformidade e não aceitação com aquilo que o espelho lhes reflete. Ao mirar-se no objeto, a imagem devolvida leva não a uma identificação, mas a um estranhamento, como se pode observar nas obras de João Nery, Márcia Rocha e Amanda Guimarães.

Nas palavras de João Nery, “o que sobrava em cima faltava embaixo e vice-versa. Sua alma não se conformava de ter de se expressar por meio daquele monte de carne, sobre o qual não tinha podido decidir nada” (NERY, 2011, p. 47). Impuseram-no esse corpo sem que ele pudesse opinar na forma, no conteúdo e em todos os papéis advindos dessa imposição. Em seus momentos diante do espelho gritava que tudo era tremendamente estúpido e grotesco. Chamava-se de aleijão, relegando a si mesmo apenas a possibilidade de chorar pelos cantos. “Ensandecido de revolta, tomado de autocomiseração e mais um turbilhão de emoções mutiladoras, escarrava então no espelho, como se fosse no mundo” (2011, p. 47).

Enquanto isso, Márcia Rocha fala sobre aquilo que faltava ao mirar-se no espelho e vê uma imagem a qual não se reconhecia. Indagava-se: “quantas vezes Marcos Cesar não perdera a noção do tempo olhando-se em frente ao espelho e imaginando como seria se seu corpo fosse diferente daquele? Quantas vezes ele não colocou enchimento nos sutiãs imaginando seios que não existiam?” (ROCHA, 2017, p. 113). Desejava uma sensação completamente diferente da que sentia ao deslizar seus dedos sobre o próprio corpo. E ainda que por dentro, ele já se enxergasse como uma mulher, a imagem refletida no espelho ainda a incomodava. “Ele queria se ver mulher, sentir completamente o feminino que sempre existiu profundamente guardado dentro de si” (ROCHA, 2017, p. 113).

Para Amanda Guimarães, a crueldade do espelho não era diferente. Ela não conseguia se ver no corpo em que estava. Olhava no espelho e via as formas masculinas ficando cada dia mais e mais evidentes e queria morrer por causa disso (GUIMARÃES, 2016). Sentia uma dor tremenda ao ter que se olhar no espelho sem roupa (GUIMARÃES, 2016). Sentia-se presa dentro de um casulo. O casulo da imagem. Àquele que não se liberta facilmente, a menos que se opere uma transformação de dentro para fora.

As questões que surgiam no palco dos espelhos transpassavam as paredes e reverberavam nas relações dessas pessoas com o outro e com o mundo. Angustiadas diante da impossibilidade de compreender o próprio corpo, elas não compreendiam também os sentimentos e desejos sexuais que, ora moviam ora paralisavam as suas vidas. Assim, apresentam também em suas escritas a complexidade existente entre sexo e sexualidade, especialmente nos casos em que não se reconhecem no próprio corpo e, no entanto, sentem atração sexual por pessoas do sexo oposto. Para ilustrar a colocação anterior, imagine a situação

em que uma pessoa Trans mulher, considerada no nascimento como pertencente ao gênero masculino, e antes da sua Trans-formação, passa por esse período de estranhamento e inconformidade com relação a imagem e, no entanto, sente atração por homens, o que a leva a questionar se seria então homossexual. A segunda indagação apresenta essa complexa relação.

3.4.2 O que há entre sexo e sexualidade?

Há que se fazer o exercício de distinguir, a partir da teoria, essas duas categorias que são, para a população LGBTQIA+, tão caras a sua existência. A noção de sexo se atrelou, ao longo da história da humanidade, ao gênero. A sexualidade aparece em algumas das narrativas como indagação central na construção do corpo Trans, seja na dúvida quanto à orientação sexual, seja na dúvida quanto a própria identidade de gênero. Para Louro (2016), essa lógica heteronormativa implica que determinado sexo vai predizer o gênero e induzir a uma única forma de desejo. Devido a essa normatividade, é que Guimarães (2016) chegou a se considerar um gay afeminado por gostar de usar roupas femininas e não se enxergar como menino.

Por essa via, Nery (2011, p. 16) questiona “o que é ser macho? É ter peru, mijar em pé?”. Sentia-se homem anos antes da cirurgia. Argumenta que há uma série de pessoas que perdem o pênis em acidentes, problemas circulatórios, e mesmo assim não deixam de ser consideradas homens. A confusão entre os sexos o levou também a crises em suas experiências amorosas e sexuais. Segundo Nery (2011), quase todas as noites, sonhava com cenas sexualizadas, onde tinha um enorme pênis e podia fazer tudo o que, acordado, não era possível. Seus sonhos eram tão nítidos que, geralmente, ao despertar, ainda se deliciava com a inebriante sensação de estar ejaculando. Chegava a levar a mão à genitália, ainda ao sabor da sonolência. Mas, ao verificar a cruel e inerte realidade, levantava-se arrasado. Faltava-lhe muita coisa! (2011, p. 61).

Amara Moira também expressa a dificuldade em lidar com o seu genital. No entanto, a autora afirma não sentir a necessidade de cirurgia de redesignação sexual, mesmo porque ela revela ter medo de que a cirurgia prejudique a sua libido e a sua capacidade de sentir prazer. Ao mesmo tempo, afirma que olhar para o pênis a faz lembrar do que a ensinaram a ver – a prova irrefutável de que é homem, de que era preciso ser homem, o que “desinfelizmente”, segundo ela, nunca se concretizou. Com isso, ela percebeu que a criação para ser homem não só foi incapaz de fazê-la homem como ainda a ensinou, desde cedo, a responsabilizar o seu corpo por não poder ser quem é e, nisso, a odiar o próprio corpo começando pela genitália (MOIRA, 2017, p. 18).

Assim, o ato sexual e a sexualidade eram para Amara questões angustiantes, pois marcavam a presença da genitália na cena levando-a a uma auto punição. De acordo com ela, não conseguia evitar o desejo por homem, como consequência, devia vivê-lo apenas com anônimos, ogros e sempre trazendo junto alguma espécie viva de punição. Ela não conseguia evitar sentir o desejo por transar com homens, mas não havia espaço para carinho, beijo, afetividade (MOIRA, 2016, p. 28).

Em contrapartida, Rocha (2017) conta que apesar de se colocar, desde sempre, em uma posição feminina, o pênis nunca foi algo que incomodou Marcos Cesar. Não era como se ele quisesse se ver livre do órgão, como se sentisse repulsa. Ao contrário, ele gostava de vê-lo, de senti-lo, de usá-lo. E afirma que a cirurgia de redesignação sexual não fazia parte dos seus planos. Ainda sobre essa relação quanto ao corpo e orientação sexual, Rocha afirma que “gostava mesmo era de meninas e, mais tarde de mulheres. Era sim bissexual, mas desde muito cedo percebeu que eram elas, e não eles, as grandes paixões da sua vida, o que lhe parecia uma contradição, muitas vezes confusa: como podia gostar de mulheres e querer ser igual a uma? (ROCHA, 2017, p. 103). Essa confusão terminológica chega ao fim quando Marcos Cesar encontra um psicólogo que o explica a diferença conceitual entre as duas categorias. Frente a essas colocações – quanto a identificação que passa pelo encontro com um outro – é possível indagar se os espelhos são os outros.

3.4.3 Os espelhos são os outros?

A problemática que instiga esse trecho da escrita surgiu a partir das narrativas dos autores quando do encontro com um outro e o seu reconhecimento enquanto uma pessoa Trans. A seguir serão apresentados os pontos que demarcam essa questão. Na obra de Amanda Guimarães, o momento importante em sua construção enquanto Trans é o encontro com uma “amiga”. Esse outro foi tomado por ela como um espelho o qual ela, finalmente, se reconhecia.

Assim, quando sua amiga falou sobre transexualidade, Amanda percebeu que não estava sozinha e que havia mais pessoas na mesma situação, que sofriam do mesmo jeito que ela. Descobriu então, que isso era algo realmente sério e tinha como “arrumar” (GUIMARÃES, 2016, p. 57). A partir do encontro com esse outro-espelho toda aquela confusão de não se ver como um menino gay, a repulsa em encostar no próprio genital, o desespero de não se imaginar envelhecendo como homem, finalmente tudo isso tinha uma resposta e um fim. Ela tinha se encontrado e agora sabia que tinha uma forma de resolver o seu problema (GUIMARÃES, 2016, p. 57).

Para Brant (2017), a identificação de si aconteceu por meio do contato com o grupo Feminino Trans Masculino (FTM). A partir de então, ele percebeu que não era o único a vivenciar tamanha confusão quanto ao próprio corpo e que seu caso era passível de “reversibilidade” através das modificações da aparência (BRANT, 2017, p. 163). O início da transição provocou no autor um sentimento de êxtase por finalmente apreciar o que o espelho refletia. Diante disso, ele não podia e não queria mais parar. Esse processo não tinha volta, ele estava em transição. Tornou-se Tereza, Tereza Brant e deu adeus a sua porção Christina. Gostava do que o espelho refletia, o novo corpo, mas não queria ser rotulado por nada, nem como homem, nem como mulher (BRANT, 2017, p. 164).

Essa questão aparece também na história de Amara Moira. Sua transição foi marcada por diversos conflitos internos. Entre idas e vindas, a autora iniciou o seu processo transexualizador²⁴ várias vezes e em diferentes momentos da sua vida. Esses instantes eram marcados por forte identificação a um outro, como relata ela ao ver, pela primeira vez na televisão, a modelo Roberta Close ou ao assistir ao filme “Priscilla, Rainha do Deserto”. Segundo ela, o filme desencadeou coisas que até hoje não compreende. O armário, ela voltou a perceber seus limites estreitos, a falta de ar, de Sol, a necessidade de fazer movimentos cuidadosos para não ameaçar sua estrutura frágil. Assim, ela começa a se sentir contida (MOIRA, 2017). E percebe, através desse outro, a sua condição na vida.

Do mesmo modo, Márcia Rocha afirma que “montar-se já não era satisfatório, faltava muito por debaixo das roupas. Por isso, decidiu procurar alguém que pudesse ajudá-lo a alcançar esse objetivo. Foi assim, então, que viu uma travesti e pensou que ela poderia guiá-lo dentro desse novo universo” (2017, p. 104). É através do olhar do outro que Márcia constrói o próprio eu. Não obstante, a travesti a qual se refere torna-se, para ela, uma orientação em seu processo de identificação.

A narrativa de João Nery elucidada também essa identificação. Apesar do autor afirmar o caráter solitário de sua viagem, ao longo do processo, ele encontrou pontos de ancoragem identificatórios. A princípio, o pai. Em suas elucubrações sobre a infância ele revela pontos de identificação com a figura paterna, apesar de esse não corresponder às demandas. Segundo ele, o pai deu-lhe seu néctar e pólen. Depois, impediu que eles fecundassem. “Omitiu-se completamente no crescimento de seu companheirinho de luta. Manteve-se alheio a esse

²⁴ Termo utilizado pela autora para se referir às transições corporais realizadas por pessoas Trans. O Processo Transexualizador no Sistema Único de Saúde tem como objetivo é atender as pessoas que sofrem com a incompatibilidade de gênero, quando não há reconhecimento do próprio corpo em relação à identidade de gênero (masculino ou feminino). Fonte: <http://www.saude.gov.br/atencao-especializada-e-hospitalar/especialidades/processo-transexualizador-no-sus>

passado ainda tão vivo **no autor**, como um pai inibido e constrangido diante de uma filha moça. Todo contato físico se diluiu” (NERY, 2011, p. 66, grifos nossos). Assim, Nery ficou solto no ar.

Na adolescência, tornou-se amigo íntimo de Darcy Ribeiro. A figura do antropólogo foi de suma importância para Nery, em especial, quando apresentava suas crises diante do espelho e sua falta de identificação em que não visualizava qualquer possibilidade plausível de sair da sua condição de invertido (NERY, 2011). No entanto, foi em uma viagem à Europa que Nery, ao se deparar com a reportagem em uma revista sobre cirurgias transgenitais, pôde construir para si uma imagem nesse espelho outro. Seus “olhos mal acreditavam no que estavam lendo. Parecia um sonho” (NERY, 2011, p. 136). A ideia de se submeter a uma dessas cirurgias dominou sua mente. Não sabia como nem onde, mas daquele momento em diante isso passou a ser a meta fundamental da sua existência (NERY, 2011).

As passagens retratadas impelem, novamente, a articular corpo e linguagem. A partir do encontro com o outro, o sujeito, imerso no discurso, no simbólico constitui para si uma identificação subjetiva. Por essa via, Cassana (2016, p. 87) afirma que “é no discurso desses sujeitos que encontramos a tentativa de simbolizar, preencher, nomear as faltas de um corpo permeado de recortes, de feridas, de cicatrizes”. No entanto, ao mesmo tempo, “a língua mostra, através de sua impossibilidade de conter todos os sentidos, a impossibilidade de o corpo nos dizer tudo de um sujeito” (CASSANA, 2016, p. 88). Isto é, a incompletude do sujeito está no corpo, na linguagem, no simbólico. Consequentemente, as inúmeras palavras que compõem o campo identificatório não dão conta de nomear novos sentidos ainda desconhecidos pois, segundo a autora, as palavras de uma língua seriam incapazes de suportar os deslocamentos do corpo, como visto anteriormente no tópico “Quando o simbólico capenga” no capítulo anterior. Adiante é possível observar como alguns dos autores mencionam em suas autobiografias um ideal de completude relacionado às alterações corporais.

3.4.4 Existe completude?

A partir das narrativas, verifica-se os efeitos das modificações no corpo biológico e como o sujeito lida com a novidade que se estabelece e com a promessa daquilo que poderia “resolver” a questão estruturante da falta. É por essa via que, ao se submeter aos primeiros processos cirúrgicos e hormonais, João Nery (2011) expressa finalmente ter se tornado homem. Um homem de carne e osso, e não somente na imaginação. “Restava ainda ser totalmente carimbado e protocolado” (NERY, 2011, p. 220). Mas agora seu corpo se moldava melhor à

sua essência. A nova harmonia transparecia numa expansividade natural, diferente dos gestos mais tímidos de antes (NERY, 2011).

Para Márcia Rocha, a maratona intensa de transformações lhe rendeu o melhor presente de todos: “olhar-se no espelho e se enxergar completa, se enxergar da forma como **ela** desejava **se** ver desde a infância” (ROCHA, 2017, p. 114, grifos nossos). Nesse ponto, é preciso se ater a palavra “completa”, também observada na narrativa de Amanda Guimarães (2016). Quando da descoberta dos procedimentos cirúrgicos, ela afirma: “sabendo então que era possível transformar meu pênis em uma vagina pra que eu me sentisse completa, comecei a pesquisar sobre médicos que podiam realizar esse sonho” (GUIMARÃES, 2016, p. 112). Ela expressa ainda que a caminho da operação, pensou consigo mesma que se morresse naquele momento, morreria feliz, pois estaria completa por realizar o que mais queria na vida.

Apesar da impossibilidade de completude, pois segundo Lacan (1956-1957/1995), o *falasser* é estruturalmente faltoso, as modificações as quais as pessoas Trans se submetem parece conceder certo apaziguamento às suas angústias. Nas palavras de Guimarães (2016, p. 101), “é como nascer de novo, significa a redescoberta do corpo, de um novo mundo, uma nova forma de viver”. Cada mudança que ocorria em seu corpo era uma alegria, uma vitória, e se olhar no espelho (algo que antes ela evitava) começava a se tornar um presente.

Observa-se, a partir dos trechos apresentados, que as modificações técnico-científicas sobre o corpo conferem aos sujeitos uma ilusão de completude. Para além disso, Marques, Lavinias e Müller (2018) falam sobre a existência de sujeitos que, apesar da inconformação entre imagem e corpo, sustentam seu gênero com o semblante dispensando os procedimentos cirúrgicos de redesignação sexual. Ainda assim, cabe indagar se essas pessoas também não estariam se ancorando em um certo ideal ou promessa de completude. Essa é uma indagação para futuras investigações sobre a temática.

3.4.5 Onde se localiza a violência?

A violência aparece para os autores tanto como uma violência autoprovocada quanto violência provocada pelo outro. Para Nery (2011) a violência foi vivenciada a partir da negação do outro frente à sua condição, pois segundo ele (NERY, 2011, p. 205, grifos nossos), “parecia haver no outro a necessidade de negar **a sua** mudança, **tratando-o** no feminino, como se quisesse manter viva a antiga imagem de mulher. **Ele** consertava o gênero quantas vezes aparecesse no diálogo”. Para o autor, a negação da transexualidade é também a negação da

diferença. Assim, a recusa em reconhecer a transformação surge como um ato de violência à subjetividade do outro, através da imposição forçada da negatividade da alteridade.

A primeira cena de violência vivenciada e relatada por Márcia aconteceu na escola quando a professora obriga Marcos Cesar a ficar entre os meninos (2017). No entanto, considerando a sua classe social e o seu lugar de fala, Márcia afirma que “ainda que **ela**, como empresária, como advogada, tenha passado por muitos casos isolados de discriminação ou mesmo desrespeito, era (e ainda é) bastante visível o preconceito que assola o mercado profissional quando o assunto são homens e mulheres Trans” (2017, p. 121, grifos nossos). Diante do cenário de violência e agressividade observado pela autora, ela afirma que o tempo prolongado em que se manteve Marcos Cesar foi uma forma de proteção da sua integridade física e social.

Diferentemente de Márcia, as cenas de violência na obra de Amara Moira são evidenciadas pela autora e estão intimamente relacionadas à sua atuação enquanto profissional do sexo, bem como a sua condição Trans. Ela relata ter adiado a transição enquanto não se sentisse capaz de enfrentar o mundo com todo o preconceito, violência e exclusão que surgiria ante a sua nova condição humana. Segundo a autora, “**seu** medo era, antes, a violência de exclusão, **se** ver pária da noite para o dia, tratada feito lixo, perder família, amigos, círculo social, não ter um teto para chamar de **seu**, o direito de continuar estudando, de poder buscar emprego que não fosse como puta” (MOIRA, 2016, p. 33, grifos nossos). Mais à frente ela relata que passou “vinte e nove anos vivendo como homem, mais especificamente o homenzinho padrão, branco, nada afeminado, lido como hétero mesmo sendo bi, classe média, e foi só transicionar e passar a ser lida como travesti para viver sua primeira experiência de violência sexual” (MOIRA, 2016, p. 57).

A violência na vida de Tarso se apresentou, inicialmente, no contexto familiar e doméstico. O tio, com quem morou boa parte da adolescência, era agressivo com a esposa e as filhas e, frente a isso, Tarso se colocava em posição de protegê-las. No ambiente escolar, a violência acontecia de maneira simbólica, através do olhar e da fala do outro. Em uma de suas primeiras relações, o seu corpo e o seu modo de ser logo virou alvo de violência por parte da mãe de sua namorada que tentava a todo custo proibir a relação. Em um dos acessos de raiva dirigidos à Tarso, ela diz: “espero que você não tenha encostado essas suas mãos imundas na minha filha, senão eu te pego, hein, sua coisa esquisita! Pra mim, você precisa é de um peão com o ‘pau’ bem grande, assim você cai logo desse muro e vira mulher de uma vez” (BRANT, 2017, p. 161).

A violência na história de Amanda é apresentada por meio de xingamentos, insultos, preconceito. Na escola assim como no trabalho, os atos apareciam em frases e palavras de cunho pejorativo na tentativa de agredi-la e diminuí-la por ser diferente. Um colega de classe chegou a falar: “não chega muito perto, para eu não me afetar. Não quero ficar igual a você” (GUIMARÃES, 2016, p. 86). Quanto ao ambiente de trabalho, ela relata que um dia, quando estava trabalhando, “um garoto falou: ‘hoje em dia precisamos ter cuidado, porque quando a gente menos espera tem mulher com banana por perto’. “Não demorou muito para que TODOS os garotos que sentavam próximos começassem a fazer piada sobre travestis, ‘mulher kinder ovo’, cilada e outras besteiras” (GUIMARÃES, 2016, p. 64).

Como se trata de uma pessoa pública - uma youtuber com mais de dois milhões de inscritos em seu canal -, a autora discute também sobre o cyberbullying. Ela afirma receber “diariamente xingamentos como trap, cilada, traveco, armadilha, homem capado, mulher kinder ovo, etc. Algumas pessoas a chamam de abominação (usando Deus como escudo)” (GUIMARÃES, 2016, p. 83, grifos nossos) e, além de tudo isso, ela ainda recebe ameaças de agressão física e morte.

As passagens apresentadas acima apresentam fragmentos da história não só dos autores, mas de muitas pessoas Trans no Brasil. Não obstante, esse foi um ponto de convergência que, diferente dos demais, perpassou a narrativa de todas as autobiografias. Assim sendo, coloca-se a questão “onde se localiza a violência?” e de que modo ela se articula com o corpo Trans-próprio? Destarte, espera-se que essa indagação seja inspiração para novas pesquisas e que essas sejam capazes de promover mudanças na realidade das pessoas Trans.

Conforme abordado nesse capítulo, a arte precede o homem e o possibilita transitar por épocas, culturas e subjetividades distintas. Enquanto uma forma de expressão da arte, a literatura, permitiu à psicanálise conhecer mundos e formas de singularidades que se encontravam e se encontram distantes dos divãs e que, nem por isso, possuem a sua riqueza reduzida. Apostando na potência das produções artísticas, Freud e, posteriormente, Lacan, construíram teorias, conceitos e noções ainda atuais na contemporaneidade. Assim, ao considerar a riqueza desse campo, essa investigação se apoiou nas autobiografias como uma manifestação do sujeito, um semi-dizer capaz de apresentar suas relações consigo mesmo, com o outro e com o mundo. A autobiografia se coloca como possibilidade de alcançar no horizonte as subjetividades Trans. Por conseguinte, partiu-se do ponto nevrálgico dessa escrita, a saber: o que o corpo Trans ensina sobre o corpo próprio.

Apesar de se tratar de sujeitos singulares (e isso deve sempre ser levado em consideração ao se enveredar numa investigação em psicanálise), foram encontrados pontos de convergência

nas narrativas dos autores que possibilitaram pensar elementos comuns, o que demonstra, em certa medida, uma relação que se estabelece entre o universal e o particular. A partir da leitura, surgiram indagações sobre a relação desses autores com o espelho, suas confusões para com o sexo e a sexualidade, bem como o reconhecimento de si enquanto Trans a partir da identificação a um outro, a ideia que constroem para si de uma certa completude quando submetidos a procedimentos hormonais e cirúrgicos, e ainda, o lugar ocupado pela violência na vida dessas pessoas. Como dito anteriormente, “não são as respostas que movem o mundo, são as perguntas”. As indagações levantadas incitam a ir além: a buscar na teoria psicanalítica pontos de ancoragem que possibilitem constituir um olhar mais sensível e uma escuta cada vez mais atenta da singularidade. Acredita-se que as autobiografias são um campo fértil de investigação e que, portanto, tal como a experiência de análise, resta ao psicanalista considerar não o que serve a autobiografia para a psicanálise, mas do que se serve da autobiografia na psicanálise.

4 O CORPO TRANS EM PSICANÁLISE: um retorno teórico na literatura

No meio do caminho tinha uma pedra.

Tinha uma pedra no meio do caminho.

Carlos Drummond de Andrade

O corpo aparece na psicanálise, em especial de orientação lacaniana, como ponto nevrálgico ao estudo da subjetividade. Nos últimos anos, houve uma incidência de publicações com vistas a uma releitura das colocações de Jacques Lacan acerca de conceitos como inconsciente, gozo, sexualidade, desejo, castração, dentre outros articulados à constituição do corpo próprio. Não obstante, as transformações que ocorrem na teoria são uma constante, ainda que contingentes, visto que dependem da cultura, da época, do tempo e do espaço. “A psicanálise muda, isso não é um desejo, mas um fato” (MILLER, 2015, p. 119). Das mudanças ocorridas, trata-se nessa escrita de uma investigação acerca dos lugares ocupados pelo corpo Trans nas publicações psicanalíticas ao longo dos últimos anos.

Investigar os lugares ocupados pelo corpo Trans na teoria psicanalítica é um objetivo que requer certos dispositivos metodológicos, principalmente por se tratar do âmbito universitário. Na academia, um certo rigor é exigido do pesquisador na construção do seu caminho. Definição de objetivos, objeto de estudo, método, apresentação de resultados são processos que seguem parâmetros diversos a depender do campo de saber onde a pesquisa é constituída. Observa-se, atualmente, uma incidência maior de pesquisas ancoradas no saber psicanalítico no meio acadêmico. De acordo com Iribarry (2003), muitos psicanalistas têm procurado a universidade como espaço de interlocução, pesquisa e reflexão. No entanto, esse campo de saber reivindica para si um outro modo de investigação. Um modo o qual o sujeito não esteja forcluído da construção do caminho, pelo contrário, ele é o próprio caminho. Assim, para a construção dessa pesquisa, faz-se necessário uma discussão *a priori*, a saber àquela que concerne ao *status* do método para a psicanálise.

O trecho da poesia “No meio do caminho” de Carlos Drummond de Andrade, é mencionado por Jacques-Alain Miller em sua obra “O osso de uma análise” como alusão à repetição enquanto conceito psicanalítico e sua relação com o ser falante. Pedra e osso como obstáculos que se colocam ao processo de análise de cada sujeito e que cabe ao tratamento analítico fazer com que ele se “perceba na rota do caminho de sua fala, e que nesse caminho tem uma pedra” (MILLER, 2015, p. 22). Nesse sentido, Miller (2015) afirma que ao repetir várias vezes a mesma frase “No meio do caminho tinha uma pedra”, o poeta atrai “o sujeito, o

leitor, o narrador, para vir se colocar no caminho, como se fosse seu caminho, aquilo que o convoca a ser afetado por esta pedra, como um obstáculo à sua progressão neste caminho” (MILLER, 2015, p. 19). Percebe-se que obstáculo e caminho estão diretamente relacionados.

Não obstante, para Miller (2015, p. 21),

não há obstáculo da pedra se não há caminho. Mas, sem dúvida, não há caminho se não houver a pedra. Se não houvesse uma pedra no meio do caminho para me deter, para me obrigar a vê-la, para me obrigar a repetir aquilo que vejo com os meus olhos fatigados, será que eu saberia que estou no caminho? É pelo caminho que a pedra existe, mas é também pela pedra que o caminho existe.

Como uma espécie de torção, a noção de obstáculo será colocada enquanto analogia à questão do método. Para tanto, ancora-se na ciência bachelardiana, a qual afirma que é em termos de obstáculos que o problema do conhecimento científico deve ser colocado. Isto é, para Bachelard (1999), a ciência se constitui na tentativa de superar os obstáculos. Assim, é como ponto de tensão, como obstáculo às discussões psicanalíticas, que o método aparece como problema a ser superado pela pesquisa em psicanálise.

As publicações realizadas na contemporaneidade evidenciam um aumento de estudos²⁵ acerca dos caminhos da investigação psicanalítica. Esse cenário se origina a partir desta questão que se repete e que se colocou, por vezes, enquanto indagação nas discussões suscitadas ao longo da presente pesquisa, a saber: qual o estatuto do método em psicanálise? E ainda, como construir uma revisão de literatura a partir dos preceitos psicanalíticos? A partir desses questionamentos, tem-se que o método aparece enquanto pedra no meio do caminho que não pode ser ignorada pelo pesquisador visto que é constituído e constituinte da investigação.

Por fim, é importante salientar que a discussão seguinte é apenas uma resposta possível ao problema do método e que, diante disso, não pretende esgotar o assunto, mas antes incitar o debate e a construção de novos caminhos para se pensar a investigação em psicanálise. É, portanto, o caminho que esta autora encontrou para fazer um recorte dos estudos de orientação lacaniana que são tão ricos e extensos. Assim sendo, a discussão do caminho construído pode servir como fonte de inspiração a trabalhos futuros sobre a temática que envolve os corpos Trans de maneira comprometida com a ética psicanalítica.

²⁵BASTOS, R. L. **Psicanálise e pesquisas** - Ciência? Arte? Contraciência? Rio de Janeiro: E-papers, 2009.
FRANÇA, C. P.; CARVALHO, A. C. (orgs.). **Universidade e psicanálise: um espaço de interlocução**. 1. Ed. São Paulo: Zagodoni, 2019.
LANG, C. E.; BERNARDES, J. S.; RIBEIRO, M. A. T.; ZANOTTI, S. V. **Clínicas: pesquisas em saúde, psicanálise e práticas psicológicas**. Maceió: EDUFAL; Imprensa Oficial Graciliano Ramos, 2017.
RAMÍREZ, M. E.; GALLO, H. **El psicoanálisis y la investigación en la universidad**. 1 ed. Buenos Aires: Grama Ediciones, 2012.
ALMEIDA, P. T.; FERREIRA, P. D.; BELO, F. (orgs.). **Estudos psicanalíticos: método, epistemologia e cultura**. 1. ed. São Paulo: Zagodoni, 2021.

4.1 O método como caminho construído *a posteriori*

As especificidades da pesquisa psicanalítica na universidade ensinam que “o método não é algo que se elabore de uma vez por todas antes de começar a investigação, mas vai se construindo e ajustando à medida que está avançando” (GALLO, 2012, p. 107, tradução nossa). A psicanálise surge na transição entre os séculos XIX e XX como um novo paradigma²⁶ à compreensão do homem e suas relações com o tempo e o espaço. Em meio às mudanças sociais decorrentes da revolução industrial, da invenção da imprensa e das ameaças de uma Primeira Guerra Mundial, “Sigmund Freud se dispôs a escutar o silêncio dos lares vienenses, assim como o sussurrar dos ventos de sua época. Seu trabalho transformou nosso olhar sobre o sujeito moderno ocidental, fruto do Iluminismo” (CISCATO, 2019, n.p.), que se viu destituído do centro da razão.

O aforismo lacaniano de que “o sujeito sobre quem operamos em psicanálise só pode ser o sujeito da ciência” (1998, p. 873) é erigido sob a ótica do historicismo de Alexandre Koyré, especialmente, em seu teorema que afirma a existência de um corte entre a episteme antiga e a ciência moderna. Essa empreitada lacaniana de reordenamento epistemológico da psicanálise e consequente constituição da noção de sujeito propõe a subversão do *Cogito* cartesiano a partir do conceito freudiano do inconsciente. Por essa via, Lacan (1998) formula a máxima “penso onde não sou, logo sou onde não penso” para expressar que o sujeito advém das manifestações inconscientes.

Assim, só há psicanálise em um mundo no qual há ciência, visto que, o sujeito sob o qual se opera é o sujeito que advém do corte epistemológico entre mundo antigo – baseado na cosmologia aristotélica - e ciência moderna – originada da matematização dos fenômenos físicos. É a partir dessa ruptura que surge, no mundo moderno, a disjunção dos campos de problema e, conseqüentemente, ciência e ética passam a ocupar campos epistemológicos distintos. A compreensão dessa disjunção é necessária para que se possa abordar a subversão do sujeito da psicanálise, visto que, esse é justamente o domínio que escapa a objetivação.

“O sujeito é o não-contemplado na cientificização do mundo: suas questões abarcam justamente o que a ciência não trata” (MATOS, 2004, p. 80). Não obstante, a psicanálise opera ao subverter a lógica da cientificidade, pois, como dito anteriormente, ela trabalha com o que a

²⁶ Para Thomas Kuhn, paradigma são realizações científicas universalmente reconhecidas que, durante algum tempo, fornecem problemas e soluções modelares para uma comunidade de praticantes de uma ciência, transformando uma concepção de mundo (KUHN, 1962/2013, p. 13).

ciência exclui do seu campo de saber, isto é, o sujeito dividido, clivado, cindido pelo inconsciente e pela linguagem (LACAN, 1965-66/1998). “A epistemologia da psicanálise coloca o sujeito no cerne da pesquisa, reintroduzindo-o através do inconsciente. Assim, seu campo de pesquisa será em sua essência o campo do inconsciente, que inclui o sujeito em sua produção científica” (ROCHA; GUERRA, 2021, p. 62).

Ao ruir com as certezas das ciências positivistas, “ela diferencia seu lugar daquele ocupado pela psicologia da consciência, tornando-se subversiva e transgressora” (PINHEIRO, 2014, p. 33). Baseada nessa consideração acerca do mundo e do homem de sua época, a psicanálise constrói o seu conhecimento pautado em uma ética, a saber, a ética do desejo. É nesse sentido que o saber/fazer em psicanálise é o de uma *práxis* articulada a uma teoria, aplicação essa que não visa modificar condutas de um sujeito, mas auxiliá-lo a caminhar rumo ao desejo que o conduz (SOUZA, 2016).

A ética psicanalítica, a partir do não-saber e da douta ignorância, considera a especificidade clínica do um a um enquanto uma aposta no saber do próprio sujeito, no lugar esvaziado dos saberes prescritivos (TEIXEIRA, 2010) como acesso aos efeitos dos discursos. Acredita-se que nisso reside um alicerce para pensar a investigação psicanalítica na universidade e no cenário sócio-político. Alicerçado a essa noção de sujeito é possível elucidar um modo de consistir a pesquisa em psicanálise, visto que, “o propósito de pesquisar e refletir sobre o que ocorre na civilização é antigo nesse campo de saber, está em suas origens e bastante vivo em nossa atualidade” (FERRARI, 2018, p. 94).

Assim, adotar o método de investigação psicanalítico é admitir a surpresa, dando lugar ao inesperado que irrompe como efeito do próprio procedimento. Por conseguinte, à metodologia utilizada nesta pesquisa interessa “o real próprio do inconsciente como elemento de orientação” (RAMÍREZ, 2012, p. 169, tradução nossa), desviando-se de normas imperativas que classificam as formas de subjetivação e de sofrimento na contemporaneidade. Encontra-se assim, a possibilidade de que algum conhecimento teórico se produza fora do setting analítico que o legitima, de maneira que a produção de saber no campo psicanalítico possa se desdobrar para outros domínios sem que abra mão da clínica como sua marca diferencial (CUNHA, 2007).

A partir do exposto, tem-se que os dispositivos metodológicos a serem utilizadas no presente estudo buscam alcançar o objetivo anteriormente mencionado, qual seja: o de analisar, nas publicações psicanalíticas dos últimos anos, o lugar designado aos corpos Trans pelos pesquisadores. Por se tratar de uma pesquisa de cunho teórico, optou-se pela revisão de literatura como forma de acesso ao acervo psicanalítico produzido no Brasil e disponibilizado em bancos de dados nacionais.

4.2 Um retorno na literatura: a revisão e a pesquisa teórica

A pesquisa teórica conceitua-se, segundo Bastos (2009) como aquela da qual se lança mão para produzir conhecimentos a partir de textos e documentos diversos. Esse movimento de retorno contém técnicas específicas de leitura que, de acordo com o autor se dividem em leitura prévia ou exploratória, leitura seletiva, leitura analítica e leitura interpretativa. A leitura prévia consiste em um primeiro momento, o qual tem como objetivo sistematizar o material encontrado nos bancos de dados. A leitura seletiva possui um caráter mais específico em que o pesquisador se dispõe a realizar uma leitura focalizada. O momento da leitura analítica é caracterizado pelo estudo mais aprofundado dos textos como se eles fossem definitivos. Por fim, o leitor realiza a leitura interpretativa a qual apresenta maior complexidade, pois “se trata de uma técnica que, diante do material coletado e a partir da questão de estudo, servirá para nos ajudar a relacionar de forma peculiar esse material com aquilo que queremos investigar” (BASTOS, 2009, p. 78).

Os estudos elegidos através da revisão de literatura foram analisados a partir dos critérios de leitura da pesquisa teórica segundo Bastos (2009). A revisão teve como intuito identificar, selecionar, avaliar e sintetizar as informações relevantes ao objetivo proposto, o de buscar na literatura existente pesquisas acerca do corpo Trans sob a ótica da psicanálise lacaniana. Para tanto, a pesquisa foi realizada de maneira exclusivamente eletrônica, em três bases de dados que reúnem periódicos, teses e dissertações no país, as quais foram escolhidas dada a sua relevância no contexto das publicações nacionais. Foram elas: Periódicos CAPES²⁷, Biblioteca Virtual em Saúde Brasil (BVS)²⁸, que concentra informações da Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS) e do *Scientific Electronic Library* (SciELO) e Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD)²⁹.

O rastreamento se deu de forma diferente com relação a artigos e teses/dissertações. Os descritores utilizados na BDTD foram: (1) Corpo and Transgênero; (2) Corpo and Transexualidade; (3) Corpo and Travesti; (4) Corpo and Transgênero and Psicanálise; (5) Corpo

²⁷ O Portal de Periódicos da Capes atende às demandas dos setores acadêmico, produtivo e governamental e propicia o aumento da produção científica nacional e o crescimento da inserção científica brasileira no exterior. Fonte: <http://www.periodicos.capes.gov.br/>.

²⁸ A Biblioteca Virtual em Saúde (BVS - Brasil) tem por objetivo convergir as redes temáticas brasileiras da BVS e integrar suas redes de fontes de informação em saúde, fortalecendo-as e dando visibilidade as mesmas por meio do Portal da BVS Brasil. As fontes de informação da BVS Brasil são oriundas das BVS Temáticas Nacionais, obedecendo a seus controles de qualidade e metodologias. Fonte: <http://brasil.bvs.br/vhl/sobre-a-bvs/o-portal-da-bvs-brasil/>.

²⁹ A Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) integra e dissemina, em um só portal de busca, os textos completos das teses e dissertações defendidas nas instituições brasileiras de ensino e pesquisa. O acesso a essa produção científica é livre de quaisquer custos. Fonte: <http://bdtd.ibict.br/vufind/Content/whatIs>.

and Transexualidade and Psicanálise. Para os bancos de dados BVS e Periódicos CAPES utilizou-se os seguintes descritores: (1) Corpo and Transgênero and Psicanálise; (2) Corpo and Transexualidade and Psicanálise; (3) Corpo and Travesti and Psicanálise. Conforme se observa abaixo (Tabela 1).

Tabela 1 – Descritores utilizados nas bases de dados

Base de Dados	Descritores
BDTD	1. Corpo <i>and</i> Transgênero
	2. Corpo <i>and</i> Transexualidade
	3. Corpo <i>and</i> Travesti
	4. Corpo <i>and</i> Transgênero <i>and</i> Psicanálise
	5. Corpo <i>and</i> Transexualidade <i>and</i> Psicanálise
	6. Corpo <i>and</i> Travesti <i>and</i> Psicanálise
BVS e Periódicos CAPES	1. Corpo <i>and</i> Transgênero <i>and</i> Psicanálise
	2. Corpo <i>and</i> Transexualidade <i>and</i> Psicanálise
	3. Corpo <i>and</i> Travesti <i>and</i> Psicanálise

Fonte: Autora (2021).

Além disso, o rastreo a partir dos descritores voltava-se tanto ao título, quanto ao resumo e assunto dos estudos.

Para o primeiro refinamento de busca foram estabelecidos os seguintes critérios de inclusão (C.I.): (1) produções publicadas entre 2011-2021; (2) textos completos; (3) textos disponíveis nas bases eletrônicas; (4) idioma de publicação - português, espanhol, inglês. Esta etapa foi constituída a partir de uma leitura prévia que, de acordo com Bastos (2009), consiste basicamente em uma leitura panorâmica e eficiente do material ou das obras encontradas. A busca efetuada na primeira etapa resultou na identificação de 409 documentos. Destes, 327 eram teses e dissertações da BDTD, enquanto 82 eram artigos, sendo 62 da base de dados Periódicos CAPES e 20 da BVS.

Na Biblioteca Virtual em Saúde, a busca pelos descritores (1) Corpo *and* Transgênero *and* Psicanálise resultou em 6 artigos, desses, 2 eram repetidos. Os descritores (2) Corpo *and* Transexualidade *and* Psicanálise resultaram em 13 artigos, os quais 2 eram repetidos entre si e 2 eram repetidos em relação ao descritor anterior. E, com os descritores (3) Corpo *and* Travesti *and* Psicanálise foi encontrada 1 publicação.

No Periódicos CAPES, os descritores (1) Corpo *and* Transgênero *and* Psicanálise resultaram em 14 publicações, dentre as quais apenas 1 remetia aos objetivos da pesquisa. Com os descritores (2) Corpo *and* Transexualidade *and* Psicanálise foram encontrados 25 estudos,

desses 6 eram repetidos entre si, 6 eram repetidos em relação ao descritor anterior e 1 era o endereço eletrônico da *Revista Estudos Feministas* volume 13 – número 3. Já com os descritores (3) Corpo *and* Travesti *and* Psicanálise foram encontradas 23 publicações, dentre elas 3 eram repetidas entre si, 10 eram repetidas em relação aos descritores anteriores e 3 eram o endereço eletrônico da *Revista Estudos Feministas*, sendo: uma para o volume 8 – número 2, uma para o volume 3 - número 1, uma para o volume 6 - número 2.

Na BDTD, foram encontrados 4 resultados com os descritores (1) Corpo *and* Transgênero *and* Psicanálise; 5 estudos com os descritores (2) Corpo *and* Transexualidade *and* Psicanálise; e, dois resultados com os descritores (3) Corpo *and* Travesti *and* Psicanálise, sendo um deles repetido com relação aos descritores anteriores. A busca com os descritores: (1) Corpo *and* Transgênero (50), (2) Corpo *and* Transexualidade (112), e, (3) Corpo *and* Travesti (154), revelou um alto número de publicações, ao todo foram encontrados 316 estudos entre teses e dissertações. No entanto, muitas delas eram em áreas diversas como Direito, Medicina, Enfermagem, Odontologia, Assistência Social, Sociologia, dentre outras. Além disso, os estudos divergiam do referencial teórico dessa pesquisa, a saber a psicanálise lacaniana, assim optou-se pela leitura dos títulos e resumos afim de considerar quais publicações seriam elegidas.

A segunda etapa se orientou pela leitura seletiva dos achados. Assim, para a leitura dos títulos e resumos foram considerados como critério de inclusão (C.I.) o referencial teórico do documento encontrando, isto é, a psicanálise lacaniana e a sua articulação à temática do corpo. Para tanto, utilizou-se a ferramenta de busca “Ctrl + F” para pesquisar as palavras “Psicanálise” e “Lacan”. Além disso, devido a quantidade de teses e dissertações, esse segundo refinamento reduziu o período de busca, de 2011 - 2021 para 2005 – 2020³⁰. Ressalta-se “que, apesar de ser uma leitura mais aprofundada do que a leitura prévia, a leitura seletiva ainda não é a definitiva sobre o material pesquisado” (BASTOS, 2009, p. 77).

Após a segunda etapa do processo, 11 estudos foram considerados elegíveis. As 396 produções foram desconsideradas a partir dos seguintes critérios de exclusão (C.E.): (1) textos em Francês; (2) textos não psicanalíticos; (3) estudos anteriores a 2015; (4) estudos duplicados; e, por fim, (5) os estudos não tinham a temática do corpo como foco de pesquisa. A amostra

³⁰ Não foram encontrados estudos publicados no ano 2021.

final foi composta por 1 tese, 2 dissertações³¹ e 10 artigos: 6 da BVS³² e 2 da plataforma Periódicos CAPES³³, conforme apresentado na Tabela 2.

Tabela 2 – Quantidade de estudos encontrados por base de dados

Base de Dados	Quantidade de estudos
BDTD	3
BVS	6
Periódicos CAPES	2

Fonte: Autora (2021).

Os estudos elegidos nessa revisão apresentaram relação direta com a questão proposta, a saber: textos que correlacionavam a temática do corpo e da transexualidade/travestilidade/transgênero sob a ótica da psicanálise lacaniana. Essa seleção não significa “que se exclua totalmente a possibilidade de estudar e selecionar outros textos” (BASTOS, 2009, p. 77), ao contrário, a partir das referências dos documentos elegidos encontrou-se a oportunidade de acessar outros estudos sobre o tema.

A análise dos textos selecionados foi realizada de maneira qualitativa, através de uma leitura analítica (BASTOS, 2009) de cada documento, objetivando identificar as ideias-chave, a presença dos conceitos pertinentes à questão desse estudo, bem como a síntese dos principais resultados encontrados no *corpus* que delimitou o banco de dados. Assim, a revisão da literatura serve como um “instante de ver” considerando o tempo lógico em Lacan (1945/1998). Desse modo, essa etapa se caracterizou pelo “tempo de atividade do olhar que se direciona ao outro” (COSTA, 2014, p. 509). Representou, dessa forma, o momento de vislumbre acerca das construções realizadas por aqueles que precederam esta pesquisa.

Não obstante, os estudos identificados serviram de base para a construção teórica das ideias suscitadas ao longo de toda a investigação realizada pela autora e é somente no capítulo 4 que o leitor poderá observar os desdobramentos da leitura interpretativa e da utilização dos resultados aqui apresentados. No próximo tópico serão apresentadas as publicações encontradas referente aos últimos seis anos com seus respectivos objetivos relatados pelos autores e autoras.

³¹ A relação com os estudos encontrados nesse banco de dados se encontra nos Apêndices desse trabalho sob o título APÊNDICE C – ESTUDOS DA BIBLIOTECA DIGITAL BRASILEIRA DE TESES E DISSERTAÇÕES.

³² A relação com os estudos encontrados nesse banco de dados se encontra nos Apêndices desse trabalho sob o título APÊNDICE A – ESTUDOS DA BIBLIOTECA VIRTUAL EM SAÚDE (BVS).

³³ A relação com os estudos encontrados nesse banco de dados se encontra nos Apêndices desse trabalho sob o título APÊNDICE B – ESTUDOS DO BANCO PERIÓDICOS CAPES.

Em seguida, serão desenvolvidas as questões extraídas a partir da leitura analítica dos estudos acerca do lugar ocupado pelos corpos Trans nas investigações em psicanálise. Como dito anteriormente, o leitor pode consultar todas as publicações escolhidas, bem como seus endereços eletrônicos na seção “APÊNDICES”.

4.3 Estudos psicanalíticos sobre o corpo Trans

A revisão de literatura resultou em um estudo no ano de 2015, quatro em 2016, dois em 2017, um em 2018, dois em 2019 e um estudo em 2020, como é possível observar na Tabela 3.

Tabela 3 - Número de estudos por ano de publicação

Ano	Quantidade de estudos
2015	1
2016	4
2017	2
2018	1
2019	2
2020	1

Fonte: Autora (2021).

Como mencionado anteriormente, os documentos foram considerados a partir da sua proximidade com o objetivo proposto, a saber, investigar o lugar ocupado pelo corpo Trans nas pesquisas em psicanálise no Brasil. A seguir, será apresentada de forma cronológica decrescente cada publicação com seu respectivo objetivo relatado pelos próprios pesquisadores, bem como uma breve exposição das principais considerações e resultados alcançados pelos autores.

No artigo “**Quem habita o corpo trans?**”, Porchat e Ofsiany (2020), buscou “identificar pontos de encontro e divergência na concepção de corpo na transexualidade em três áreas de conhecimento distintas: transfeminismo, medicina e psicanálise” (PORCHAT; OFSIANY, 2020, p. 1). As autoras fazem distinções e aproximações entre esses três campos. A medicina aparece como área de saber que considera doença tudo àquilo que não se encaixa na noção de saúde da OMS³⁴ e, devido a isso, os corpos Trans seguem como corpos doentes,

³⁴ Para a Organização Mundial de Saúde (OMS), saúde é um estado de completo bem-estar físico, mental e social e não apenas a mera ausência de doença ou enfermidade.

passíveis de cura como minimização de sofrimento. Com relação a psicanálise, o lugar ocupado pelo corpo Trans é tanto o da doença quanto o de uma identidade. Diante disso, as autoras aproximam a psicanálise da medicina ao afirmar que aquela também concebe o corpo Trans enquanto um corpo doente (teorias que consideram a transexualidade uma psicose), manipulável e silenciado.

O destaque dado à psicanálise se relaciona ao modo como esta compreende a constituição do corpo atrelada a própria constituição do eu e, por conseguinte, as autoras afirmam que, a partir de uma psicanálise menos ortodoxa³⁵, tem-se a possibilidade de pensar as modificações corporais como modos de “invenção de si” (PORCHAT, 2014) ao considerar essas intervenções uma escolha legítima. Diferentemente da medicina e da psicanálise, as autoras colocam que no transfeminismo, o corpo ganha um lugar político de destaque e que “o discurso transfeminista, ao propor, entre outras verdades, a do sujeito autônomo em suas decisões, vai de encontro à ideia psicanalítica da existência de um inconsciente, de um sujeito dividido” (POCHART; OFSIANY, 2020, p. 9).

Assim, “nem a face biológica do corpo e nem a subjetiva são o foco desse olhar, mesmo se ambas estão presentes. Um corpo de direitos dificulta que a transexualidade seja objeto de discussões e argumentações de certos discursos, **como** a medicina e algumas psicanálises, que a patologizam” (POCHART; OFSIANY, 2020, p. 6 – grifos nossos). Por fim, elas propõem que ao considerar o corpo a partir dos direitos humanos e não mais da saúde é que se pode pensar na possibilidade de debate entre os três campos.

Em 2019, Lima e Vorcaro pretendeu extrair, dos relatos autobiográficos de Daniela Andrade (mulher Trans), o “que ela pode ensinar acerca da transexualidade como possibilidade de amarração nodal do sujeito” (LIMA; VORCARO, 2019, p. 75). Os resultados dessa pesquisa estão expostos no artigo “**Pode a transexualidade operar como amarração nodal do sujeito?**”. Os autores tomam “as transexualidades não como um problema ou uma patologia, mas, antes, como uma possível solução de amarração para um sujeito” (LIMA; VORCARO, 2019, p. 77). Assim, ao abordarem os relatos autobiográficos de Daniela Andrade, consideram a autora não enquanto objeto científico, mas enquanto um sujeito com o qual se pode aprender.

A partir da teoria da nomenclatura proposta por Lacan em sua obra “O seminário, livro 22: RSI”, os autores apresentam a hipótese de que a invenção de um nome próprio situa Daniela no

³⁵ Segundo as autoras, uma psicanálise mais ortodoxa pode ser vista nos trabalhos de Teixeira (2006) e Rinaldi (2011). Enquanto uma certa abertura a novas contribuições, em diálogo com as teorias feministas, os estudos de gênero e a teoria *queer* pode ser observada nas contribuições de Cossi (2011) e Ambra, 2015. Além disso, elas afirmam a existência de uma perspectiva psicanalítica que se aproxima de Foucault e dos estudos *queer* nos escritos de Arán (2006; 2009), Ayouch (2015) e Porchat (2014).

mundo como sujeito desejante, "fornecendo uma possibilidade de existência psíquica pela via de uma *nominação sinthomática* no campo do Simbólico" (LIMA; VORCARO, 2019, p. 78, grifos dos autores). Isto é, a partir da nomeação enquanto mulher transexual, "Daniela constrói uma possibilidade de existência psíquica" (LIMA; VORCARO, 2019, p. 83). Isso leva os autores a afirmar que "as soluções trans nos conduzem a ir além da cola cultural entre 'ser homem – ter pênis' e 'ser mulher – não ter pênis', a fim de desconfiar desse arranjo identitário demasiado simplista" (LIMA; VORCARO, 2019, p. 84).

A partir da junção do Seminário 22 com as lições da obra "O Seminário, livro 23: o *sinthoma*" os autores afirmam que "uma vez que não há norma para a amarração dos registros, o enodamento do ser falante torna-se assombrado por uma falha, a qual convoca para todo sujeito – cis ou trans – a necessidade de correção por um quarto termo – o *sinthome* – que mantenha juntos RSI" (LIMA; VORCARO, 2019, p. 89). Para eles (LIMA; VORCARO, 2019, p. 89), essa articulação da teoria lacaniana abre "uma importante via ética de despatologização das transexualidades na psicanálise".

No mesmo ano, Tribuzy publicou a sua dissertação de mestrado intitulada "**A clínica psicanalítica frente à demanda transexual**" em que buscou "debater a prática clínica orientada pela psicanálise em ambulatório que visa atender a população que pede pelo processo transexualizador, tomando como central o conceito psicanalítico de corpo e demanda" (TRIBUZY, 2019, p. 8). A autora busca uma definição do fenômeno Trans que permita "escapar tanto da abordagem limitada dos manuais classificatórios quanto das perspectivas em psicanálise que o atrelam a uma estrutura clínica determinada" (TRIBUZY, 2019, p. 8).

Para ela, ainda que os dados biológicos estejam postos, "não se pode afirmar que haja a correspondência entre sexo e gênero, ou a congruência entre corpo e identidade, o que permite observar a fragilidade da noção de unidade entre *eu e corpo*" (TRIBUZY, 2019, p. 11, grifos da autora) e a existência de um conflito do sujeito com relação ao corpo próprio. De todos os seres falantes e não somente de pessoas Trans. A diferença, segundo ela, é que "em função dessa discrepância entre corpo e psiquismo, as pessoas Trans decidem começar o que se chama processo transexualizador" (TRIBUZY, 2019, p. 12).

Inicialmente, Tribuzy (2019) apresenta um breve apanhado histórico do fenômeno e as propostas de intervenção sobre ele, "na tentativa de localizar no tempo, espaço e na cultura, o lugar dessa experiência" (TRIBUZY, 2019, p. 12) e a resposta a essa demanda. Para isso, ela traz ricas passagens históricas de possíveis manifestações Trans que a levam a afirmar quão antigo é esse fenômeno e a considerar enquanto vivência Trans "o desajuste entre sexo biológico do corpo e reconhecimento desse corpo sexuado" (TRIBUZY, 2019, p. 29).

Em um segundo momento, a autora se propõe a pensar o que é o corpo para a psicanálise e como se dá a sua composição, para assim investigar “que pedido é esse de transformação, de mudança do corpo” (TRIBUZY, 2019, p. 12) e o que pode um analista frente a essa questão. Segundo ela (2019, p. 34), “o corpo anatômico, orgânico, existe, mas até onde conhecemos apenas como suporte do significante. Aliás, o significante vem sustentar esse corpo”. Assim, tem-se, para a autora, a noção de “um corpo que não está de partida, que vai se fazendo, arranjando-se através do significante” (TRIBUZY, 2019, p. 36).

A partir da escuta clínica no serviço ambulatorial do Centro de Pesquisa e Atendimento a Travestis e Transexuais no Estado do Paraná, ela afirma que não se trata de dizer algo sobre o sujeito, mas levá-lo a dizer de si, a se escutar e a poder decidir com responsabilidade sobre suas escolhas. Dessa forma é que se pode convocar o sujeito a “uma saída que não seja apenas um ato no corpo, que seja possível falar da questão e, portanto, **o que se propõe** é uma escuta na esperança de que a oferta gere demanda e quiçá, se queira saber d'Isso” (TRIBUZY, 2019, p. 30, grifos nossos). Isto é, é convocar o sujeito Trans ao saber de si.

O estudo de Marques, Lavinias e Müller, denominado “**A transexualidade e o estranhamento do corpo: sobre os recursos à mudança de sexo**”, publicado em 2018, apresenta fragmentos do documentário “A transexualidade e o estranhamento do corpo” com a pretensão de traçar as “possíveis articulações com a psicanálise no que tange aos discursos sobre o estranhamento do corpo, aos recursos à mudança de sexo, à escolha do parceiro e à representação do que é ser homem e do que é ser mulher” (MARQUES; LAVINAS; MÜLLER, 2018, p. 133). A partir de seis depoimentos – três de trans mulheres e três de trans homens –, os autores tentaram “abarcando a sexualidade em seu aspecto de criação, **enquanto** um saber fazer com o real” (MARQUES; LAVINAS; MÜLLER, 2018, p. 135, grifos nossos).

Ao falar sobre o estranhamento do corpo, eles apresentam fragmentos de falas dos seis depoimentos que retratam a questão e afirmam que “a diferença anatômica entre os homens e as mulheres e o resultante estranhamento do corpo denunciado pelos transexuais apontam para o mal-estar produzido pela linguagem” (MARQUES; LAVINAS; MÜLLER, 2018, p.136). Com relação as modificações corporais, os relatos apresentados no artigo evidenciam que “há uma fronteira que se delimita entre alguns transexuais, que, embora ratifiquem o estranhamento com o corpo, desejam manter o órgão genital biológico, enquanto outros vislumbram, como único recurso, a submissão à cirurgia de redesignação sexual” (MARQUES; LAVINAS; MÜLLER, 2018, p.140).

No que concerne à escolha do parceiro para os sujeitos da pesquisa, os autores concluem que “independente do sexo, o parceiro será sempre um recorte, reduzido à dimensão de objeto

por sua função de causa ao sujeito” (MARQUES; LAVINAS; MÜLLER, 2018, p. 144). Consequentemente, “não importa se a escolha de objeto é hétero ou homossexual, como seres de linguagem, é mais com o falo — Φ — do que com o parceiro que nos relacionamos, seja no nível do ser ou do ter o falo” (MARQUES; LAVINAS; MÜLLER, 2018, p. 144). Por fim, ao discutir o que é ser homem e o que é ser mulher, eles afirmam que “ser homem ou ser mulher não é uma questão anatômica, mas uma escolha do sujeito, uma escolha inconsciente do sexo diante dos efeitos corpóreos produzidos pela incorporação do simbólico” (MARQUES; LAVINAS; MÜLLER, 2018, p. 147).

Em 2017, Abramovitch analisou como a psicanálise pode contribuir para o estudo da transexualidade a partir dos conceitos sexo e gênero, sintoma e sinthoma em artigo nomeado “**Sexo, gênero. Sintoma e sinthoma**”. A partir de dois casos, João Nery (autobiografia) e Julia (caso clínico), a autora aborda a transexualidade. Segundo ela, o caso de João Nery é o de uma construção sinthomática e, por conseguinte, a invenção de um lugar para si no mundo. No caso de Julia, uma adolescente que se encontra as voltas com o próprio corpo e com a questão “Sou homem ou mulher?”, a autora afirma haver uma reivindicação fálica por parte da paciente que “demanda à mãe algo que ela não pode lhe dar, assim como à analista, suposto saber furado e que também é castrada” (ABRAMOVITCH, 2017, p. 133).

Por fim, a autora afirma que “no caso de Julia tornar-se menino é sintoma, defesa contra a castração e apelo ao Outro do amor, apontando para a estrutura histérica” (ABRAMOVITCH, 2017, p. 133). Já no caso de João, como vimos anteriormente, “a transexualidade é um sinthoma; nova amarração ao erro do nó borromeano, solução que criou para estar melhor no mundo, de maneira menos sofrida” (ABRAMOVITCH, 2017, p. 133).

Em “**A diferença sexual de Butler a Lacan: gênero, espécie e família**” (2017), Cossi e Dunker buscaram reexaminar as críticas da filósofa Judith Butler direcionadas a Psicanálise à luz da teoria do Real e das fórmulas da sexuação de Lacan. Eles sugerem que a compreensão das críticas feitas por Butler à psicanálise lacaniana deve levar em conta três instâncias, a saber, sistemas de parentesco, gêneros de relação ao falo e modalidades de gozo. Para os autores, Butler flerta com o conceito freudiano de pulsão ao considerar que ela carrega uma potência transformadora e outra que faz resistência, tornando-se assim, uma noção interessante aos propósitos políticos da filósofa. No entanto, afirmam que a teórica tece duras críticas a noção de simbólico e diferença sexual em Lacan, colocando as contribuições dele em uma matriz heterossexual.

É a partir dessa crítica feita a Lacan que os autores desenvolvem seu argumento ao considerar que há duas formas de implementação do Real na obra lacaniana, uma que o toma

como impossível e outra que o toma como contingente. Por essa via, o corpo não se presta “à estabilidade e maleabilidade que o subordinariam, por completo, às normas. No corpo, a norma fracassa e, nesse fracasso, a norma aparece como contingência” (COSSI; DUNKER, 2017, p. 5). Ademais, os autores enfatizam a importância da teoria dos discursos para a discussão acerca da diferença sexual. Pois, segundo eles, “no interior da teoria dos quatro discursos, desenvolvida entre 1966 e 1969, Lacan passa a designar *o homem e a mulher* como semblantes” (COSSI; DUNKER, 2017, p. 5, grifos dos autores). Sob a ótica do semblante homem e mulher “alocam-se heterossexuais, homossexuais, místicos, psicóticos, travestis etc. É porque a diferença sexual é real que ela não se fixa em identidades, que existem indeterminadas manifestações da sexualidade” (COSSI; DUNKER, 2017, p. 7). Para eles, essa noção de semblante permite certa aproximação com aquilo que Butler coloca como performatividade.

Em 2016 houve um aumento no número de produções teóricas sobre corpo Trans e Psicanálise associados ao estudo da análise discursiva de Michel Pêcheux. Assim, Cassana, escreve sua tese sobre “**Corpos impossíveis: a (des)ordem do corpo e a ambivalência da língua no discurso transexual**”. A autora lança um olhar para o discurso de sujeitos transexuais, analisando teoricamente a relação entre língua e corpo para a constituição desse discurso (im)possível. Além disso questiona como a não binaridade do corpo transexual também possui uma relação constitutiva com o discurso desses sujeitos, através do qual falam de si mesmos a partir do olhar do outro.

A autora (2016) se baseia nos pressupostos da teoria da Análise de Discurso de linha francesa, fundamentada por Michel Pêcheux, para analisar “discursos de sujeitos transexuais produzidos a partir de entrevistas jornalísticas veiculadas na televisão aberta brasileira, **a fim de entender** a relação entre língua e corpo na constituição de um discurso legítimo (do) transexual” (CASSANA, 2016, p. 5, grifos nossos). A autora coloca o Trans enquanto “esse sujeito em trânsito entre o corpo e outro, que tem sua identidade marcada pelo desejo de ser e a falta” (CASSANA, 2016, p. 9).

Assim, sua pesquisa se orienta “através do olhar para o corpo: o olhar do outro, que enxerga, mas não vê o sujeito transexual, e o olhar do Outro, atravessado ideológica e historicamente pela palavra, que designa o vazio do sujeito” (CASSANA, 2016, p. 10). O trabalho de interpretação segue então três ordens: a ordem da língua, a ordem do discurso e a ordem do impossível. As análises da autora possibilitaram afirmar o corpo Trans enquanto “um corpo falho, que denuncia, a partir das suas cicatrizes, uma história que não cessa e uma memória que sempre retorna através da língua, que situa o sujeito nesse lugar permanente de *transitoriedade*, de *transexualidade*” (CASSANA, 2016, p. 10, grifos do autor).

Souza (2016), afirma em seu artigo “**Transexualidade: do falo ao corpo**”, “que há um mal-estar na identidade sexual e na sexuação, mal-estar este que sempre existiu, sejam quais forem as épocas e, sem dúvida, as culturas” (2016, p. 10). Para o autor, “os psicanalistas devem estar atentos ao que o gozo de cada um irá solicitar e como ele se inscreve nos corpos falantes” (SOUZA, 2016, p. 4). O autor retorna a dois casos clínicos de Freud para abordar a questão da diferença sexual, são eles: Pequeno Hans e O caso Schreber. No primeiro caso, o autor remete a questão do medo da castração por parte do pequeno Hans. No caso Schreber, ele afirma não haver uma menção direta a transexualidade, embora haja uma transformação corporal por meio da alucinação.

Assim, ele se questiona se é de uma questão fálica que se trata a transexualidade. Para isso, apresenta uma distinção entre transexuais e transexualistas a partir da proposta de Frignet³⁶. “A clínica da psicose nos transexuais e outro tipo de manifestação recorrente no discurso dos transexualistas” (SOUZA, 2016, p. 7). Os transexuais seriam os que questionam a relação da identidade sexual com o sexo, enquanto “os transexualistas teriam a identidade sexual assegurada, permanecendo apenas um impasse quanto à sexuação” (SOUZA, 2016, p. 9). Para o autor, a diferença sexual “não se define pelo órgão, mas pela posição que se assume entre *ter* e *ser* o falo” (SOUZA, 2016, p. 9, grifos do autor). Assim, ele afirma que, para alguns “transexualistas” a cirurgia nada modifica a problemática do sujeito. E finaliza ao afirmar “a importância de se situar os limites impostos pelo real sexual ao indivíduo, em sua subjetividade, e ao corpo social, em sua ação” (SOUZA, 2016, p. 10).

Em “**Processos de subjetivação do/no corpolingagem no movimento da Marcha das Vadias: o sintoma da ideologia**”, Costa (2016), relaciona a ideia de subjetivação à de corporificação dos sujeitos, de maneira que um processo é indissociável do outro. Além disso, propõe-se a examinar o sujeito em sua relação com o corpo e o discurso, no que Vinhas (2014)³⁷ denomina corpolingagem discursivo. Para o autor (2016, p. 11), “subjetivar-se é, necessariamente, corporificar-se”. Diante disso, ele examina a relação do sujeito com o corpo próprio e com o discurso.

O sujeito ao qual se refere é aquele da Marcha das Vadias - movimento feminista que critica a forma como a polícia lida com situações tais como estupro, aborto, causas raciais, homossexuais e Trans. Assim como Cassana (2016), o autor também se baseia na análise de discurso pecheuxiana. Por conseguinte, apresenta inicialmente um apanhado histórico sobre a

³⁶ FRIGNET, H. **O transexualismo**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2002.

³⁷ VINHAS, L. I. **Discurso, corpo e linguagem**: Processos de subjetivação no cárcere feminino. Porto Alegre: UFRGS, 2014.

Análise de Discurso na França em sua relação com a noção de sujeito. Em um segundo momento, ele apresenta suas articulações sobre conceitos da Análise de Discurso como forma-sujeito, formação discursiva e posição-sujeito. É em um terceiro tempo que o autor aborda “a noção de corpo e de sintoma ideológico para os estudos discursivos e psicanalíticos, e, finalmente, à análise do arquivo” (COSTA, 2016, p. 14) o qual se propõe investigar.

Ainda em 2016, Antunes, em seu texto “**A anatomia é o destino: a psicanálise e o sintoma transexual**”, buscou realizar uma distinção entre a clínica do transexual e o discurso sobre o transexualismo que promove o fenômeno transexual. A proposta da autora “é apresentar uma investigação do aparente apagamento da diferença sexual na cultura, a partir de textos psicanalíticos que tratam do tema do transexualismo” (ANTUNES, 2016, p. 43). Além disso, ela discute o impasse em relação ao falo em pacientes Trans e quais consequências teórico-clínicas os analistas extraem da experiência transexual a partir da hipótese de que, “ao sabor do gosto da nossa época, há um mal-estar em relação ao falo, por parte dos pacientes (nos seus relatos) e dos psicanalistas (nos seus textos)” (ANTUNES, 2016, p. 50).

Ao considerar que o inconsciente é sexual, a autora enfatiza que “para um psicanalista, não se trata de abordar o transexual, mas o *sintoma transexual* – **enquanto efeito do processo de sexuação** –, e verificar qual a estrutura subjetiva inconsciente que subjaz e sustenta esse sintoma” (ANTUNES, 2016, p. 57, grifos da autora, grifos nossos). A partir da revisão realizada por ela sobre escritos de psicanalistas brasileiros de orientação lacaniana acerca da temática em questão, afirma que há um ponto em comum entre os autores, o de que “o falo nada tem a ver com a anatomia (o pênis)” (ANTUNES, 2016, p. 63). A autora finaliza o seu artigo com uma provocação à psicanálise e aos analistas. Segundo ela (2016, p. 65), “a psicanálise sabe que o sexual é o campo do desencontro, da castração, da infelicidade comum como afirmou Freud”. Dessa forma, estar fora da castração não necessariamente seria sinônimo de liberdade e felicidade, “mas o aprisionamento no autoerotismo, no narcisismo cujo paradigma contemporâneo são os vícios” (ANTUNES, 2016, p. 65).

Miranda (2015), em “**Transexualidade e sexuação**”, busca discutir a posição do transexual em contraponto ao discurso capitalista e à ciência a partir da seguinte questão: em um tempo anterior a essa oferta cirúrgica não havia sujeitos transexuais? A autora parte da premissa de que a anatomia não identifica os sujeitos como homem ou mulher e que, a partir disso, a inquietação quanto ao ser sexuado se estabelece como regra para todos. A partir disso, se baseia em um caso clínico para desenvolver suas ideias acerca da questão Trans.

Dada a certeza apresentada pela paciente quanto a sua condição de masculinidade, a autora afirma ter, inicialmente, pensado em um caso de psicose e, por conseguinte, apresenta

uma breve consideração acerca da clínica da psicose e da consideração da transexualidade dentro dessa estrutura psíquica. Mas ela adverte que a transexualidade não é um fenômeno elementar da psicose, podendo aparecer em qualquer estrutura. Mais à frente, ela faz vacilar a estrutura a qual, inicialmente, havia construído o caso. A paciente abandona o tratamento, pois julga saber onde se encontra a resolução dos seus conflitos: as intervenções tecnocientíficas no corpo.

É a partir disso que Miranda (2015) passa a uma problematização da junção do discurso capitalista às produções da ciência. Segundo a autora (2015, p. 93) “as cirurgias sem barra são consumidas e consomem os sujeitos que passam a achar que com a mudança do sexo anatômico se tornarão homens ou mulheres como se deve ser, quando sabemos com Freud que a inadequação é de estrutura”. Assim, ela afirma que apesar da clínica com transexuais apontar para uma inadequação entre sexo e gênero, esse empuxo às cirurgias acaba por fazer da transexualidade a via para a amarração do sexo com o gênero, a partir do momento em que reforça o binarismo (MIRANDA, 2015). Ancorada nas fórmulas da sexuação, propostas por Lacan, a autora afirma a impossibilidade de haver um terceiro sexo como tanto almeja a teoria Queer. O que há, são sujeitos acreditando que “trans-formados conseguiriam abolir o mal-estar inerente ao ser de fala que por definição é inadequado, fruto de uma subversão da natureza” (MIRANDA, 2015, p. 98). Por fim, a autora propõe soluções e desafios ao se pensar a transexualidade dentro das duas estruturas clínicas, psicose e neurose.

A partir da exposição acima, observa-se uma diversidade de referenciais teóricos ao se tratar a questão do corpo Trans ainda que sob um viés psicanalítico. As colocações dos autores, ora divergentes ora confluentes, provocaram algumas indagações as quais serão abordadas a seguir sobre estrutura de eixos temáticos. A partir de uma leitura analítica e interpretativa dos documentos, quatro eixos foram constituídos: modificações científico-tecnológicas no corpo Trans, identidade x identificação, o corpo em (dis)curso e, por fim, o corpo entre estruturas.

4.4 Discussão ou diálogos sobre o corpo Trans

Os estudos encontrados apresentam considerações diversas da teoria psicanalítica de orientação lacaniana sobre o corpo. Inicialmente, pode-se extrair, dos artigos psicanalíticos que foram elegidos para a análise, a existência de articulação entre o corpo Trans e a psicanálise cujos principais temas seriam: as modificações científico-tecnológicas do corpo Trans; o corpo Trans como corpo falante; a construção do corpo Trans a partir da teoria do discurso; teoria das pulsões e sua relação com a diferença sexual; o corpo entre identidade e identificação; o corpo

Trans a partir da clínica da estrutura: paralelos entre neurose e psicose; críticas à norma heterossexual; críticas aos teóricos que leem a psicanálise enquanto heteronormativa; a orientação sexual como ponto de análise.

O número razoável de produções psicanalíticas em bases de dados – 11 estudos em um período de 6 anos, 2015-2020 –, dificulta a difusão do conhecimento produzido nessa área sobre a temática do corpo Trans. Além disso, observou-se que a leitura apressada de textos psicanalíticos pode promover críticas rápidas, estigmatizantes e preconceituosas da teoria ao coloca-la como mais uma forma de regulação dos corpos e do binarismo homem/mulher, especialmente ao desconsiderar os ensinamentos do “Seminário, livro 20: mais ainda” (LACAN, 1972-73/2008) sobre as fórmulas da sexuação e do “Seminário, livro 23: o *sinthoma*” (LACAN, 1975-1976/1999).

Em contrapartida, alguns autores enfatizam em seus estudos (MARQUES; LAVINAS; MÜLLER, 2018; SOUZA, 2016) a importância do conhecimento acerca do que se pode chamar de “pressupostos fundamentais da psicanálise”. Assim, defendem que esse campo de saber se localiza na contramão da estatística, dos critérios e padrões normativos, da adaptação e da harmonia social. Além de “operar na exceção, na oposição da promessa de um bem comum a todos, com normas e princípios que excluem as diferenças” (MARQUES; LAVINAS; MÜLLER, 2018, p. 149). Ademais, ao sustentar um discurso ético, articula-se ao singular de cada caso, à escuta do inconsciente, privilegiando uma estética da existência, mais do que assertivas generalizantes e homogeneizantes próximas dos postulados das ciências naturais (MIRANDA, 2015).

De modo abrangente, os estudos encontrados (ABRAMOVITCH, 2017; ANTUNES, 2016; CASSANA, 2016; COSTA, 2016; MARQUES; LAVINAS; MÜLLER, 2018; MIRANDA, 2015; SOUZA, 2016) salientam que o corpo na teoria psicanalítica se caracteriza como um corpo impregnado, marcado e constituído pela/através da linguagem e habitado por um sujeito do inconsciente. Assim, o corpo se apresenta como carne a ser significantizada pelo Outro da linguagem, para se tornar um corpo deserto de gozo, um corpo enquanto perda. Isto é, um corpo diferente do organismo, ainda que dele não se dissocie (MIRANDA, 2015). Desse modo, para a psicanálise, o real do corpo é o destino, não o corpo enquanto anatomia, mas como operação significativa que transforma o organismo em corpo (CASSANA, 2016).

Ademais, o corpo se mostra como um elemento que convoca o sujeito a um reconhecimento na partilha dos sexos, posto que é pela linguagem, pela incorporação do simbólico que o sujeito se insere na partilha dos sexos como homem ou mulher, enquanto uma escolha, escolha inconsciente do sexo e não pela anatomia (ANTUNES, 2016; MARQUES;

LAVINAS; MÜLLER, 2018; MIRANDA, 2015; SOUZA, 2016). Portanto, a relação do sujeito com o corpo próprio não é da ordem do ser, mas do ter. Tem-se um corpo ou acredita-se que tem (ANTUNES, 2016). Assim, o corpo escapa ao sujeito e a partir disso ele opera pela invenção para dar consistência ao corpo próprio. A seguir serão apresentados eixos temáticos de discussão que se podem ser lidos também como invenções do sujeito para fazer consistir um corpo.

4.4.1 Modificações científico-tecnológicas no corpo Trans-próprio

Acerca das modificações no/do corpo presentes na contemporaneidade, observou-se que o corpo, em alguns segmentos, é tomado como um elemento moldável, reprogramável e extremamente passível de alterações das mais diversas, sendo estas transformações mencionadas em diferentes estudos (ABRAMOVITCH, 2017; CASSANA, 2016; MARQUES; LAVINAS; MÜLLER, 2018; MIRANDA, 2015; SOUZA, 2016; TRIBUZY, 2019). O aumento das modificações científico-tecnológicas realizadas no corpo Trans na contemporaneidade refletem uma alteração no modo de conceber e lidar com a sexualidade e com o sexo. Não obstante, Cassana (2016) afirma que o corpo Trans é um corpo próprio ao contemporâneo.

Apesar da possibilidade de alteração corporal fascinar o homem e impulsiona-lo à criação das mais diversas ferramentas e procedimentos, há, segundo os autores supracitados, uma cobrança de adequação do corpo ao gênero que leva a utilização de intervenções cirúrgicas e hormonais, condutas e comportamentos muitas vezes incompatíveis com a existência do sujeito. Assim, a maioria dos autores tecem críticas à postura médica de atender prontamente as demandas do sujeito para a realização de alterações corporais (TUBUZY, 2019).

Segundo Miranda (2015), esses tipos de tratamentos falam de uma certa onipotência médica que pensa poder adequar um “erro da natureza”, como se fosse possível prometer um corpo que possa se adequar a posição sexuada do sujeito. A crítica realizada por Cassana (2016) direciona-se a impossibilidade da própria língua em abarcar a multiplicidade de subjetividades Trans. Segundo ela, as ciências médicas classificaram a transexualidade como desordem, como disforia ou como transtorno. Essas nomeações silenciam a história desses sujeitos e acarretam um processo de des-historicização dos sentidos, o que não permite às pessoas Trans se interpretarem e, conseqüentemente, “precisarem a todo momento recorrer as formulações pré-construídas em discursos outros, para compreenderem a si mesmos” (CASSANA, 2016, p. 11). Conseqüentemente, o sujeito incorpora em seu discurso os saberes sobre o corpo como se as palavras do outro fossem suas próprias palavras (CASSANA, 2016). Assim, o corpo para

Cassana (2016) relaciona-se a duas formações ideológicas: a primeira o toma como lugar para o sujeito, ou seja, o corpo enquanto condição de existência do sujeito, e a segunda toma o corpo como exterior ao sujeito, como mercadoria.

Por conseguinte, parece haver uma fetichização dos corpos. Corpos manipulados, reformulados, transformados para responderem as demandas do mercado capitalista e do neoliberalismo de injeção ao gozo. Segundo Antunes (2016) e Tribuzy (2019), parece haver um novo gosto na cultura contemporânea que, em nome da liberdade e dos direitos do indivíduo, rejeita a diferença sexual. Além disso, o discurso técnico-científico convoca a psicanálise e a psicologia a atestar uma garantia de estabilidade subjetiva após os procedimentos como se fosse possível medir, aprioristicamente, os riscos ao sujeito (ANTUNES, 2016; TRIBUZY, 2019).

Não obstante, as modificações corporais surgem como maior possibilidade de aproximação com um certo ideal de feminilidade ou masculinidade. Em certa medida, esse comportamento acaba por reforçar a lógica heteronormativa ao ponderar acerca do que são mulheres “de verdade” agindo com vistas a noção de passabilidade³⁸ no cenário social. No entanto, os procedimentos cirúrgicos e hormonais não livram os sujeitos do mal-estar da castração. Por conseguinte, tem-se observado a aceitação de sujeitos trans que não necessariamente se submeteram aos procedimentos cirúrgicos para se considerarem “Trans de verdade”.

4.4.2 Identidade e identificação

Esta construção e transformação corporal também se atrela à noção de identidade. As passagens acerca da construção da identidade e da identificação encontram suas bases, em especial, nos escritos freudianos (1901-1905/2016) dos “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” (ABRAMOVITCH, 2017; MIRANDA, 2015). A questão da articulação do corpo com a identidade passa em grande medida pela importância que a imagem tem na formação do eu e da subjetividade humana, pois é por essa imagem que o corpo se insere na economia do gozo (ABRAMOVITCH, 2017; MIRANDA, 2015). No entanto, Miranda (2015) defende que as dimensões da imagem não são necessariamente as únicas coordenadas do sujeito psíquico e que o pertencimento a determinado registro de gênero, na verdade, trata-se de efeito de operações de natureza simbólica e não imaginárias.

³⁸ Segundo Leticia Lanz (2014), passabilidade traduz o quanto uma pessoa Trans se parece fisicamente, se veste, fala, gesticula e se comporta de acordo com os estereótipos do gênero oposto ao que lhe foi consignado ao nascer.

Assim, “nos seres falantes, as escolhas sexuais não são da ordem das identidades, mas das identificações, ou seja, são condicionadas pelos ditos do Outro simbólico, levando, por vezes, a mudanças no corpo próprio e à busca por reconhecimento social” (ABRAMOVITCH, 2017, p. 129). Ademais, a essa simbolização escapa um real indizível da imagem do corpo que se coloca como questão para o sujeito (ABRAMOVITCH, 2017; MARQUES; LAVINAS; MÜLLER, 2018; MIRANDA, 2015; SOUZA, 2016). Por conseguinte, Miranda (2019) considera que a identidade é construção, é a condensação das identificações, das fixações de gozo, da inserção da castração, de sua negação, sua recusa radical ou de seu desmentido.

É preciso ressaltar que “a identidade não é um conceito psicanalítico, pois tanto Freud quanto Lacan abordaram a questão pela via da ‘identificação’, sendo essa o mecanismo principal de constituição do eu” (TRIVEÑO, 2013, p. 255, tradução nossa), uma vez que as identificações ao mesmo tempo que velam uma falta, proporcionam uma ficção para o sujeito, ainda que seja de forma falida (TRIVEÑO, 2013). Além disso, para Lutterbach (2016), o que está em jogo para a psicanálise é a posição de objeto que cada ser falante ocupa para o Outro e qual o destino dado a isso na fantasia inconsciente que irá direcionar a identificação sexual e a escolha (inconsciente) de objeto de cada um. Essa discussão será retomada no próximo capítulo.

4.4.3 O corpo e sua constituição em (dis)curso

Costa (2016) afirma que “a transexualidade não está limitada ao simbólico, mas sim em simbiose com o somático. Em termos discursivos, a readequação do corpo ao gênero provoca um acontecimento enunciativo no interior da formação discursiva, materializando no corpo o desejo, próprio da subjetividade” (2016, p. 73). O trabalho de Costa (2016) não é fundamentalmente psicanalítico. O autor faz uso de fragmentos da teoria lacaniana acerca da constituição subjetiva para embasar os estudos linguísticos de constituição do eu e análise discursiva atrelados à história e à ideologia. Por conseguinte, o trabalho dele não se orienta especificamente à construção de um pensamento sobre o corpo Trans, mas atravessa essa questão durante o seu percurso.

Assim como o autor supracitado, Cassana (2016) fundamenta seu estudo nas construções da teoria psicanalítica sobre o corpo e a linguagem para pensar a análise de discurso de Michel Pêcheux. A dimensão da linguística é tomada para embasar a associação proposta por ela entre a noção de entrevista para a comunicação e de transferência para a psicanálise. Quanto a relação que se estabelece entre discurso e corpo, a autora apresenta importantes contribuições.

Em princípio, defende que algumas categorias linguísticas são mobilizadas de forma a tentar preencher o real do corpo, conceituando este real do corpo como o corpo pulsional, desejante e cuja falta lhe é constitutiva, corpo este que encontra sua excelência na transexualidade. O corpo Trans apresenta, portanto, a possibilidade de estar além do corpo estabilizado. “Um corpo de travessia que nunca chegará a completar-se como de um gênero estabilizado ao olhar do outro” (CASSANA, 2016, p. 38). Assim, o corpo Trans, para Cassana (2016, p. 13), “caracteriza-se muito mais do que um corpo de exclusão (*não é homem, não é mulher*), o sujeito transexual apresenta um corpo de transição entre um gênero e outro”. Além disso, a autora afirma (2016, p. 87, grifos do autor) que “é no discurso desses sujeitos que encontramos a tentativa de simbolizar, preencher, nomear as faltas de um corpo permeado de recortes, de feridas, de cicatrizes”, no entanto, ao mesmo tempo “a língua mostra, através de sua impossibilidade de conter todos os sentidos, a impossibilidade de o corpo nos dizer tudo de um sujeito” (CASSANA, 2016, p. 88).

Mais do que uma teorização sobre o corpo Trans, Cassana (2016) propõe uma construção teórica sobre o discurso transexual indissociável da tensão que se estabelece entre corpo e língua. Isto é, considera a “estrutura que liga esses dois elementos: a estrutura do corpo, a estrutura da língua e as determinações que estabelecem as fronteiras entre os corpos que devem ser significados e os nomes que podem ser ditos” (CASSANA, 2016, p. 9). Assim, as inúmeras palavras que compõem o campo Trans não dão conta de nomear novos sentidos ainda desconhecidos pois, segundo a autora, as palavras de uma língua seriam incapazes de suportar os deslocamentos do corpo.

4.4.4 O corpo entre estruturas

A relação entre corpo Trans e psicose é mencionada em muitos estudos (ANTUNES, 2016; MIRANDA, 2015; SOUZA, 2016; TRIBUZY, 2019) e, embora alguns autores escapem à essa conceituação, realizam articulações importantes à teoria psicanalítica. Assim, nos alertam dos riscos de patologizar esses corpos desviantes, enquadrando como psicóticos os indivíduos cujas versões de si não estejam conforme às normas simbólicas hegemônicas de uma determinada época (MIRANDA, 2015; PORCHAT; OFSIANY, 2020)

Segundo Miranda (2015), a psicose é uma estrutura que comparece com frequência nos transexuais, onde se observa o *empuxo à mulher* preconizado por Lacan (1957-85/1998) nas elucubrações sobre o caso Schreber, bem como uma recusa da diferença sexual/castração simbólica (ANTUNES, 2016; MIRANDA, 2015). Por essa via, as cirurgias podem configurar-

se tanto como suplência à forclusão do significante Nome-do-Pai, quanto podem também desestabilizar o sujeito (MIRANDA, 2015). No entanto, a autora enfatiza que a transexualidade³⁹ não é um fenômeno elementar da psicose, podendo ser observado em qualquer estrutura.

As críticas a respeito da transexualidade pela via da forclusão do Nome-do-Pai são observadas nos estudos de Miranda (2015) e Souza (2016). Para esses autores, ao tomarmos o transexual a partir da estrutura psicótica estaríamos considerando-o enquanto seres fora da partilha sexual. Pois, na estrutura psicótica, a posição transexual consiste na tentativa e no sentimento de se querer toda, inteiramente mulher, mais mulher que todas as mulheres e valendo por todas, isto é, ser “A mulher” que não existe (LACAN, 1971-72/2012). Assim, os transexuais não se identificariam com “uma mulher” propriamente dita, mas com “A mulher”, posição idealizada e vivida como plenitude (ANTUNES, 2016; MIRANDA, 2015; SOUZA, 2016).

Para Souza (2016), o delírio de Schreber e sua transformação pela via alucinatória são motivos suficientes para que o caso não seja considerado um caso de transexualidade. No entanto, influenciado pelos estudos de Frignet (2002), o autor apresenta uma diferenciação entre transexuais e “transexualistas”. Os primeiros estariam localizados na estrutura psicótica, enquanto os segundos são os sujeitos que fogem a essa localização. Assim, ele afirma que “os ‘transexualistas’ teriam a identidade sexual assegurada, permanecendo apenas um impasse quanto à sexuação” (SOUZA, 2016, p. 9). Desse modo, apesar de sua demanda, os “transexualistas” sabem muito bem que é um homem ou mulher e que assim permanecerá.

Antunes (2016) menciona o “*sintoma transexual*” considerando-o como efeito do processo de sexuação, o que implica uma relação necessária ao falo. Assim, fala em nome da clínica psicanalítica afirmando que “o sintoma transexual, estrito senso, é uma solução, para alguns sujeitos, no sentido da construção de uma identidade sem o apoio do Nome-do-Pai, isto é, fora da função fálica” (ANTUNES, 2016, p. 59). Em contrapartida, Marques, Lavinhas, Müller (2018), afirmam a existência de sujeitos que, apesar da inconformação entre imagem e corpo, sustentam seu gênero com o semblante dispensando os procedimentos cirúrgicos de redesignação sexual.

³⁹ Nos estudos de Miranda (2015) e Antunes (2016) encontramos ainda a utilização do termo “transexualismo”. Relacionamos esse uso à patologização dos corpos Trans presente nos manuais de diagnóstico DSM-IV (APA, 1994) e CID 10 - F64.0 (2003) utilizados maciçamente até 2018 quando a Organização Mundial de Saúde (OMS) anunciou a retirada dos transtornos de identidade de gênero do capítulo de doenças mentais da Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde (CID 11), nomeando-os de incongruência de gênero inseridos no capítulo sobre saúde sexual.

Retornando aos pressupostos fundamentais da psicanálise, a clínica psicanalítica ensina, antes de tudo, a escutar e basicamente tentar acolher as diversas manifestações das subjetividades (TRIBUZY, 2019). Assim, não se deve estabelecer, *a priori*, que os corpos Trans padeçam de uma patologia. “Sabemos que tudo o que diz respeito à experiência humana está aparelhado sob a forma de um discurso. O corpo também” (ANTUNES, 2016, p. 42). E quanto a este, o sujeito está sempre inventando formas de fazê-lo consistir.

A revisão de literatura serviu, portanto, como base de análise acerca do lugar ocupado pelos corpos Trans nas pesquisas em psicanálise. Inicialmente pretendida em um período de dez anos, a pesquisa reduziu o seu escopo para os últimos seis anos, visto que a revisão não é o objetivo central da pesquisa, mas uma parte importante que auxiliou esta pesquisadora a vislumbrar como se constroem as investigações sobre a temática. Vale ressaltar que apesar da redução no período de busca apresentado neste momento, todos os documentos encontrados serviram de base para fundamentar o objetivo geral da pesquisa de mestrado, a saber, como o corpo Trans ajuda a pensar o corpo próprio em psicanálise. A escassez de pesquisas diretamente voltadas a noção da constituição e consistência do corpo Trans, bem como a escassez de trabalhos que apresentem uma revisão de literatura em psicanálise foram, ao mesmo tempo, obstáculo e justificativa desse estudo.

Além disso, observou-se que a busca em indexadores, por vezes, se revela falha. A provocação é intencional e se ancora na constatação posterior de diversas publicações que não apareceram nas buscas, embora tenham sido publicadas nas bases pesquisadas. Assim, tanto ao buscar por meio da plataforma Google os termos utilizados como descritores, quanto nas referências dos documentos analisados, outros estudos foram encontrados. Isso reflete um impasse na revisão de literatura, visto que, por vezes, trabalhos importantes acabam desconsiderados por falta de acesso ou mero desconhecimento da sua existência. Ademais, assinala-se também uma problemática com relação aos descritores de busca estabelecidos na pesquisa, ao mesmo tempo em se que escancara o caráter incompleto e contingente do método e da pesquisa.

Embora comum em áreas da Psicologia e afins, o uso da revisão de literatura é pouco encontrada nos estudos psicanalíticos. No entanto, este recurso serviu como bússola no processo de construção da própria escrita e entendimento dos usos e atribuições dos dispositivos de investigação em psicanálise. Por essa via, duas questões se colocaram, a primeira se refere ao modo como se constitui o corpo próprio para as pessoas Trans? E a segunda é de que modo a revisão de literatura auxilia outros pesquisadores psicanalistas em seus estudos sobre o tema?

O lugar ocupado pelo corpo Trans nos estudos psicanalíticos se mostra por vezes contraditório. Enquanto alguns autores consideram o corpo em sua dimensão discursiva, outros o consideram a partir das estruturas clínicas, por exemplo. A revisão revelou divergências teóricas dos autores e, embora as discussões apresentadas tenham partido de uma tentativa de aproximação a partir dos eixos de diálogos, sabe-se que os autores, mesmo partindo de uma concepção lacaniana, desdobram em leituras diversas, por exemplo, Cassana (2016) e Costa (2016) partem de autores da teoria discursiva, como Michel Pêcheux, embora ancorem suas articulações também na teoria lacaniana dos discursos. Diante dessas questões, espera-se que a discussão e os resultados apresentados sirvam de base e inspiração para pesquisas futuras sobre o assunto. Não obstante, é importante ressaltar mais uma vez, que a intenção da autora não foi a de esgotar o tema, ao contrário, as indagações devem suscitar ainda mais questionamentos a serem abordadas por pesquisadores movidos por esse campo de saber e pela ética psicanalítica.

5 O CORPO TRANS É O CORPO PRÓPRIO

La Iglesia dice: el cuerpo es una culpa. La ciencia dice: el cuerpo es una máquina. La publicidad dice: el cuerpo es un negocio. El cuerpo dice: yo soy una fiesta.

Eduardo Galeano

A passagem “*Ventana sobre el cuerpo*” de Eduardo Galeano, extraída de sua obra “*Las palabras andantes*” (1993), traz uma reflexão sobre as diferentes concepções do corpo em distintas áreas de saber e conhecimento. Na contemporaneidade o corpo aparece como instância de possibilidades e impossibilidades, daquilo que é necessário e também contingente. As questões do *fallenser* com o seu corpo aparece como marca do mal-estar e do sofrimento e, por conseguinte, “as ações do homem sobre o mundo abarcam grandes paradoxos, e um deles **reflete nessa** estranha relação com o corpo, amado e odiado, simultaneamente” (SANCHES, 2021, p. 13, grifos nossos). Diante disso, os seres da falta-a-ser buscam encontrar maneiras de “tamponar a falta” e, conseqüentemente, tentam estabelecer certa complementariedade entre os sexos a partir, principalmente, do discurso médico e capitalista como meios de dar consistência ao corpo próprio.

Essa tentativa de fazer existir a relação sexual e de apagar a castração configura-se uma ilusão. Como visto anteriormente, no sentido freudiano do termo, “uma ilusão não é idêntica a um erro, tampouco é necessariamente um erro” (FREUD, 1927/2020, p. 263). É, segundo ele, derivada de desejos humanos, o que, por conseguinte, não a torna necessariamente falsa, isto é, irrealizável ou contrária à realidade, mas motivada pela realização de desejo. Se a principal via utilizada nos dias atuais como tentativa de apagar a castração passa pelas descobertas científicas, questiona-se: o que a ciência propõe com seus avanços e possibilidades? Em se tratando do corpo próprio, há garantia de satisfação ou a busca por ela seria uma ilusão? Essas questões levam a pensar a relação que se estabelece das pessoas Trans com seus corpos.

Marie-Hélène Brousse (2021) em entrevista ao canal “*Lacan Web Télévision*”, afirma que “o aumento do poder das ciências e, em particular, das que trabalham com o corpo, que podem modificar o corpo sem temer a morte, tornou possível o fato de que temos de lidar com um corpo biológico, a quem damos a fala, de modo forçado” (03min51s). Para algumas pessoas a cirurgia é vital, para outras ela não é nem mesmo uma questão. Estaria envolvida nessa relação o gozo do ser falante? A cirurgia remete ao desejo do sujeito ou à uma lógica cisnormativa onde só há homem e mulher? A transexualidade poderia ainda ser conceituada em sua relação com procedimentos hormonais e cirúrgicos frente a “inadequação ao corpo”? O que se clareia com

essas indagações é que o corpo Trans adquire uma dimensão importante para pensar a própria concepção do corpo próprio na teoria psicanalítica.

Segundo Caldas (2012, p. 132), “o corpo nada deve ao organismo e a relação de cada um ao seu sexo depende estritamente do discurso sexual e das identificações que esse discurso promove”. Isto é, para a psicanálise lacaniana, “a diferença sexual não é tratada pela forma anatômica da realidade do corpo, mas pelos efeitos do que escapa na conjugação sempre insuficiente operada por cada sujeito entre seu corpo e sua inscrição na estrutura da linguagem” (CAPANEMA; VORCARO, 2020, p. 87). Desse modo, no lugar de uma orientação pré-determinada, o ser falante encontra o desafio de constituir um corpo. “Porque, justamente, somos seres falantes e o fato de falar nos exila desta relação com o corpo que seria uma relação instintual, uma relação de saber o que fazer de seu corpo em qualquer situação de sobrevivência, mas também da questão sexual” (JULLIEN, 2021, 00min57s). Trata-se, segundo Fajnwaks (2020) da invenção singular para lidar com o vazio fundamental que habita o ser falante.

A mulher não existe, assim coloca Lacan em seu seminário, livro 20: mais, ainda (1972-1973/2008). Parafraseando o autor, **O** Trans não existe.

Não há o universal, há indivíduos singulares, corpos falantes singulares. E o fato de que hoje alguns corpos falantes reivindicam para si um gênero ou uma biologia específica, não muda em nada o fato de que, mesmo se submetendo a uma cirurgia, de um jeito ou de outro, não há como alcançar um A (de A mulher) que fundamentalmente se esquia porque é barrado (BROUSSE, 2021, 12min34s).

Uma tentativa de generalização pende a um apagamento daquilo que mais se luta pelo direito de existir, a singularidade. Por isso, que o segundo capítulo só pode ser construído enquanto indagações que se colocam a partir da leitura das obras autobiográficas. Indagações que podem ser da ordem do sem sentido para um outro leitor. Colocar todos os eixos anteriores como questionamentos, implica o lugar do não-todo e do não saber. Há algo sobre os corpos Trans que a teoria psicanalítica não sabe, apenas o sujeito possui esse saber sobre si. Resta aos psicanalistas, indagar-se.

Uma vez que no capítulo 2 a indagação ficou em torno da noção de corpo a partir das palavras dos próprios Trans, aqui ela voltará à psicanálise como investigação acerca daqueles eixos a fim de averiguar como esta pode contribuir ao pensamento a respeito da constituição dos corpos Trans. Ou melhor, à constituição do corpo próprio. É enquanto um saber que deve estar atento a subjetividade de sua época que serão consideradas as contribuições de alguns psicanalistas sobre a identificação, a sexuação, a singularidade e a relação sexual que não existe. Por fim, vale ressaltar que os tópicos levantados serão sutilmente desenvolvidos, visto que a dimensão e a vastidão dos assuntos tratados serviriam a pesquisas futuras e mais aprofundadas, voltadas, especificamente, a cada um deles. Isto é, as discussões que se seguem foram apontadas

nesta pesquisa enquanto aquilo que se extraiu em um primeiro instante e que reflete a diversidade de articulações que a noção dos corpos Trans possibilita aos saberes contemporâneos.

5.1 Nas bordas da sexuação

“A psicanálise se ocupa da sexuação, cujo horizonte não se restringe à diferença anatômica, às identidades e nem mesmo ao campo das identificações, mas se endereça às relações do sujeito com seus modos de gozo” (MACÊDO, 2016, p. 6). Nas bordas da sexuação há o homem e a mulher. Como fórmula a ser desenhada, ambos se separam de forma nítida, cada um do seu lado. Lado esquerdo, lado homem. Lado direito, lado mulher. Lado homem, fálico. Lado mulher, não-todo fálico. Do lado de lá, a existência de ao menos um que não se submete a regra, é o todo na exceção. Do lado de cá, a impossibilidade da universalidade. E Lacan (1972-73/2008, p. 85) é enfático “quem quer que seja ser falante se inscreve de um lado ou de outro”. Isto é, todo ser falante coloca-se do lado homem ou do lado mulher das fórmulas da sexuação. Mas isso não implica em fixidez ou permanência e quanto a isso, ele também é enérgico quando diz que “a todo ser falante [...] é permitido, qualquer que ele seja, quer ele seja ou não provido dos atributos da masculinidade – atributos que restam a determinar – inscrever-se **do lado mulher ou do lado homem**” (LACAN, 1972-73/2008, p. 86, grifos nossos).

Toda essa passagem é crucial. Primeiro, porque Lacan expressa claramente a possibilidade de não se fixar entre as bordas. Assim, é possível observar mulheres que se situam ao lado fálico e homens que se posicionam ao lado do não-todo. Além disso, “a função fálica não impede os homens de serem homossexuais” (LACAN, 1972-73/2008, p. 78). Segundo, quanto aos atributos da masculinidade, Lacan coloca “atributos que restam a determinar”, o que permite considerar que esses atributos também não são fixos e estão ligados ao tempo e ao espaço, correlacionam-se à cultura, ao Outro, ao simbólico. Assim sendo, certos atributos podem ser considerados masculinos em determinada época e cultura que outrora eram atributos femininos. Há uma transformação da cultura quanto ao que é do homem e o que é da mulher que convoca a questionar também como se determina o que é o homem e o que é a mulher.

A partir disso, nas fórmulas da sexuação, ele afirma que todos se alinham às bordas por escolha (LACAN, 1972-73/2008). É uma questão, segundo Ansermet (2018) de eleger o próprio sexo. Assim, “não há pura masculinidade ou pura feminilidade, é um misto, porém há

uma diferença, não localizável, a respeito da qual cada um se situa ao seu modo de um lado ou de outro” (ANSERMET, 2018, p. 8). Assim se desenha as fórmulas da sexuação:

Figura 1 – Fórmulas da sexuação

$\exists x \overline{\Phi x}$	$\overline{\exists x \Phi x}$
$\forall x \Phi x$	$\overline{\forall x \Phi x}$
\mathcal{S} Φ	$S(\mathcal{A})$ a \mathcal{A}

Fonte: Lacan (1972-73/2008).

As fórmulas podem ser lidas da seguinte forma: na parte homem dos seres falantes, lê-se que $\exists x \overline{\Phi x}$, indica que existe x o qual não se submete à função fálica e $\forall x \Phi x$ indica que todo x está submetido à função fálica. Na parte mulher dos seres falantes, lê-se que $\overline{\exists x \Phi x}$ indica que não existe x que não se submeta à função fálica e $\overline{\forall x \Phi x}$ indica que não todo x está submetido à função fálica

Quadro 1 – Legenda dos operadores lógicos da fórmula da sexuação

\forall - Quantificador universal – para todos, para qualquer, para cada
\exists - Quantificador existencial (particular) – existe
Φ - Função fálica
\mathcal{S} - Sujeito barrado
$S(\mathcal{A})$ - significante da falta no Outro
\mathcal{A} - Significante de uma mulher
a – objeto pequeno a

Fonte: Autora (2021).

O que Lacan demonstra ao afirmar que existe um homem para qual a função fálica não incide é que, baseado no mito freudiano do pai primevo de “Totem e tabu” (1915), há um homem que não se submete a ordem. O líder da horda primitiva sobre quem a lei não recai e que desfruta de todas as mulheres sem restrições. Mas o pai da horda é assassinado. E o assassinio deste homem, causada pelos seus filhos, funda e instaura a lei simbólica. A partir disso, tem-se um traço horizontal sobre a função fálica anunciando a castração: $\overline{\Phi x}$. Com isso, Lacan anuncia que existe pelo menos um homem que não se submete à castração, o pai primevo.

Assim é fundada a universalidade do “todo x está submetido à função fálica” possibilitada a partir da exceção desse um x que não se submete à regra. Portanto, ao lado do homem trata-se de uma exceção.

Ao lado da mulher tem-se que não existe uma mulher que não se submeta à função fálica e que não-toda mulher está submetida à função fálica. De acordo com Tatit (2016, p. 133) “a particular - $\overline{\exists x \Phi x}$ - tem uma função universal, pois estabelece por meio de negações que não existe mulher para quem a função fálica não opere. Já a universal - $\overline{\forall x \Phi x}$ - implica uma não universalidade, ou ainda, que a mulher não é toda submetida à função fálica”. Diante disso, Lacan afirma que não existe ao menos uma mulher sobre a qual a função fálica não incida, ou seja, não há exceção à regra. Sem isso, não há regra universal para todas as mulheres, não há conjunto. Isto estabelece que do lado da mulher trata-se de uma incompletude. A partir dessas considerações, Lacan é levado a proferir a sua frase “A mulher não existe”, mostrando que não há um quantificador universal capaz de conter em um conjunto todas mulheres.

Nas bordas da sexuação não se refere a saltos entre o feminino e o masculino, mas na negação de uma rigidez. É a negação da fixidez do ser falante. É importante ressaltar que, “de acordo com Lacan, não há realidade pré-discursiva e, por conseguinte, os significantes - Homem e Mulher - cumpririam funções de semblante, isto é, tais substantivos não teriam quaisquer correspondências com a anatomia ou algum tipo de caráter essencialista dos sujeitos” (PARENTE; SILVEIRA, 2020). Além disso, o ponto que as colocações lacanianas são úteis a esta pesquisa refere-se às passagens mencionadas anteriormente, a saber a de que quem quer que seja ser falante se inscreve de um lado ou de outro das fórmulas, ao falar que os atributos da masculinidade - e aqui se acrescenta os atributos da feminilidade -, são atributos que restam a determinar e ao afirmar que A mulher não existe.

A última colocação leva a indagação “O Trans não existe”. Diante do que foi discutido anteriormente, essa provocação ganha contornos relevantes ao observar como, por exemplo, nos contornos da linguagem está posta a impossibilidade de abarcar todos os atributos Trans – atributos que restam a determinar. Do mesmo modo, em se tratando do corpo, os limites do que se considera o corpo Trans também não está fechado. Não há uma cartilha, um manual, uma receita de como dar consistência ao corpo Trans-próprio e isso foi visto ao abordar as autobiografias, com a aceitação ou a recusa dos procedimentos possibilitados pela ciência, com a ideia de que “o nome basta”, ou de que “o reconhecimento” daria consistência a esse corpo. Isso permite construir uma teoria pautada não na fixidez de preceitos, mas naquilo que a cultura, o tempo e o espaço concebem enquanto masculino e feminino. A partir disso é possível vislumbrar o caráter subversivo da psicanálise.

5.2 A relação sexual não existe e o mal-estar persiste

As colocações lacanianas sobre a frase que intitula esse tópico podem ser encontradas no “Seminário, livro 19: ...ou pior” (1971-72/2012) e no “Seminário, livro 20: mais, ainda” (1972-73/2008). Lacan fala “do impossível de inscrever a relação sexual entre dois corpos” (LACAN, 1972-73/2008, p. 129). Isto é, é a não complementariedade que se coloca em cena. A relação sexual não existe, e a complementariedade é da ordem do impossível. Ao afirmar que não há relação sexual, ele coloca em termos de “que o sexo não define relação alguma no ser falante” (LACAN, 1971-72/2012, p. 13). Assim é que a relação do sujeito com o Outro, o outro e consigo é faltosa. Há um saber que não se sabe e é isso que, segundo Lacan (1972-73/2008), a análise veio anunciar.

“A relação sexual – que não existe – determina tudo o que se elabora a partir de um discurso cuja natureza é ser um discurso rompido” (LACAN, 1971-72/2012, p. 23). É sobre “o impossível de dois fazerem Um” (TATIT, 2016, p. 137). Pois se trata do “Um-sozinho. Sozinho em seu gozo (essencialmente autoerótico), assim como em sua significação” (MILLER, 2012). A concepção lacaniana do Um e da impossibilidade de fazer existir a relação sexual toca a pesquisa quando do encontro de argumentos (dos teóricos encontrados na revisão) e de falas (dos autores das autobiografias) acerca da tentativa de fazer-se um corpo completo a partir das modificações técnico-científicas.

Afirmar que a completude é da ordem do impossível não é o mesmo que cair em uma posição conformista, como se diante disso nada pudesse ser feito. O que se observou com as narrativas de pessoas Trans é que, por vezes, a cirurgia e a hormonoterapia ocupavam para eles a salvação para um corpo inadequado e a solução para o mal-estar e a incompletude que os funda. Funda a todos. “O mal-estar é universal, uma vez que intrínseco à constituição do indivíduo em sua relação com a sociedade. Trata-se de uma outra formulação para o que chamamos na teoria lacaniana de desencontro entre o sujeito e objeto, ou de incompletude do ser” (TATIT, 2016, p. 66).

As novas tecnologias e suas propagandas “dizem muito acerca das montagens fantasmáticas, ou ainda, sobre como um discurso disseminado socialmente visa a uma regulação das formas de satisfação, inibindo a possibilidade da indeterminação” (TATIT, 2016, p. 70). Miquel Missé, em sua obra “*A la conquista del cuerpo equivocado*”⁴⁰ (2019), apresenta, enquanto Trans e ativista, considerações importantes à ideia de que a própria noção de “corpo

⁴⁰ A conquista do corpo equivocado.

equivocado” teria sido uma construção de saberes prescritivos, tais como a medicina e o direito. De acordo com ele, ao iniciar a sua transição não se ouvia falar “sobre outras possibilidades além do tratamento médico para modificar esse corpo errado” (MISSÉ, 2019, n.p.). Com isso, o autor afirma que algo foi roubado do seu corpo e que isso o tirou as suas chances de viver esse corpo de forma diferente.

As autobiografias mostraram que apesar da constituição do eu quando do estádio do espelho (LACAN, 1949/1966), há, na vida do sujeito, “momentos propícios à claudicação do plano das identificações no qual a unidade atribuída ao eu se evidencia” (ALBERTI; MARTINS, 2019, p. 54). Isto é, existem momentos na vida do sujeito em que a unidade do eu, constituída através de certa unidade corporal, vacila. Estaria colocado nisso uma manifestação do mal-estar que persiste? Para Missé (2019) a ideia de pensar que o mal-estar corporal tem a ver com as pressões sociais é um argumento muito impopular dentro da comunidade Trans. Em contrapartida, ele afirma está advertido de que o mal-estar não é uma invenção da medicina, mas sim as respostas inventadas que passam pela transformação do corpo. Para Brousse (2018, p. 5), “o eu tampouco pode pretender a unidade, uma vez que ele também consiste em ‘pensamentos com palavras’ que escapam ao controle, mas não ao mal-entendido”.

Afirmar que a relação sexual não existe e que o mal-estar persiste é afirmar que não há, na ciência contemporânea, formas de construção de um sujeito completo. É enquanto ser faltante que este lida com o corpo próprio e com os desencontros e desalinhos que se estabelecem entre corpo e imagem. A reivindicação de Missé (2019) é a de que o corpo Trans não deve ser visto como um corpo errado, equivocado, mas um corpo que não necessariamente se submeta aos dispositivos da tecnociência para se livrar das suas indagações. Dito de outro modo, o foco, para ele, “não dever ser dado no direito ao próprio corpo no sentido de modificá-lo, mas na liberdade de viver o corpo sem desconforto ou violência, sem pressões que derrubem sua autoestima” (MISSÉ, 2019, n.p.). E apesar de colocar-se, por diversas vezes, em uma oposição a noção de mal-estar, o autor mostra em seu epílogo que este é, com ou sem modificações corporais, aquilo que persiste. Em suas palavras: “pode parecer que até hoje tenho uma relação fantástica com as partes do meu corpo que me lembram a biologia das mulheres, e nada disso é verdade. Todas essas coisas acontecem comigo às vezes e tento todos os dias superá-las” (MISSÉ, 2019).

A partir da dúvida e da incerteza do *fallasser* quanto à asserção do “Eu sou”, na tentativa de fazer-se completo, Marie-Hélène Brousse (2018) afirma estar a condição de possibilidade para que a psicanálise provoque uma virada no conceito de identidade, mostrando que esta não está aí onde ela é pensada. “A identidade está do lado do Outro, tanto das imagens rainhas como

dos significantes-mestres, e não do lado do sujeito, efeito da linguagem” (BROUSSE, 2018, p. 6). Está no registro civil, no passaporte, no cartão de crédito, ou seja, a identidade está nos documentos do sujeito que são emitidos pelo Outro. Para Brousse (2018), hoje a identidade sexual não é mais definida por um binário presente tanto no imaginário como no simbólico, porém a multiplicidade das identidades não modifica em nada seu modo de funcionamento. Pela via do sujeito ao *falasser*, a identificação ganha novos contornos na teoria lacaniana.

A única identidade que se sustenta, que tem consistência, é aquela que J.-A. Miller propõe chamar de identidade sintomal, que não é do sujeito, mas sim do Um sozinho, do corpo do qual não podemos escapar, de seus furos, que a contingência dos significantes colocou em funcionamento nas experiências singulares de cada um, experiências “triviais e sem igual” (BROUSSE, 2018, p. 10-11).

Por essa via, para Brousse (2018) trata-se em uma análise de extrair das experiências do sujeito, as marcas indeléveis que elas deixaram em cada um, e de alcançar, por redução, o modo de gozo sintomático. “A experiência analítica não endossa normas em torno de ideais de conduta ou identidades, ela é sensível, sim, à força de um desejo inédito e às consequências de se agir em conformidade com esse desejo” (MACÊDO, 2016, p. 6).

Ao considerar as relações de convergência e divergência entre identidade de gênero e sexualização, Brousse e Macêdo aproximam-se das reivindicações estabelecidas por Missé (2019), ao abordarem o impossível da complementariedade que a ciência tanto busca possibilitar. Dessa forma, atrelar a mudança da identidade de gênero aos protocolos e procedimentos ofertados pela ciência como única alternativa não parece, de forma alguma, um bom caminho e também não é o único. Ao menos é o que anunciam as autobiografias.

5.3 Trans: um dos nomes para o corpo próprio

Para Fajnwaks (2020), “os estudos *queer* estão interessados nas nomeações que as diferentes práticas sexuais permitem promover para introduzir cortes na ordem normativa do discurso fixado e determinado pela heterossexualidade durante séculos” (p. 17, grifos do autor). Esse é, segundo ele, um ponto de convergência entre psicanálise e teorias *queer*, visto que, a partir dos ensinamentos lacanianos da década de 1970, considerados o último ensino de Lacan, podemos observar o interesse do autor pelas nomeações que o ser falante poderia encontrar a partir de um modo singular de gozo (FAJNWAKS, 2020).

Nas obras “Seminário, livro 22 - R.S.I” (1977-75, inédito) e “Seminário, livro 23 – Sinthoma” (1975-76/2007) a nomeação aparece como quarto elemento em sua teoria dos nós. Para Capanema e Vorcaro (2020, p. 88, grifos nossos), “esse quarto elo é a forma singular como cada ser falante enoda aqueles três registros (**Real, Imaginário e Simbólico**) da realidade

psíquica a partir de suas relações com o gozo fálico, o gozo do Outro e o gozo do sentido”. Assim, é que a partir da trama dos discursos e de sua relação com a nomeação, a temática da transgeneridade, transexualidade e travestilidade não apresenta na literatura científica definições ou categorizações únicas, como se observa nos nomes que os próprios sujeitos adotam ao se referenciarem. Para Jullien (2021), o mais difícil não é tanto encontrar uma identidade de gênero, nomear-se – mesmo que isso nunca seja simples. “É preciso encontrar na vida um certo número de modalidades de identificação, de nomes, de nomeações, para tentar encontrar o que está o mais próximo possível do que se trata em uma relação com seu corpo” (JULLIEN, 2021, 02min29s).

Observa-se então, que aquilo que se coloca enquanto limite para os Estudos *queer* – a saber a nomeação; é, para a psicanálise, a condição de possibilidade para que o sujeito seja escutado a partir do que há de mais singular – os nomes do seu modo de gozo. Assim, em meio a tantas identidades e variadas formas de vivências, expressão e identificação social e sexual, a nomeação torna-se o campo de discursão por excelência. “A clínica demonstra que as tentativas de se forjar uma ‘adequação’ entre anatomia e identidade de gênero não resolve os embaraços e enigmas dos sujeitos com a coisa sexual” (MACÊDO, 2016, p. 2). Aqui, a clínica são as autobiografias. O que nelas se presentifica, mais que uma narrativa da vida de seus autores, é a reivindicação de existir para além de. Para além dos hormônios. Para além da histerectomia, da neofaloplastia, da vaginoplastia. Para além da mastectomia. Para além dos discursos normativos. Para além da “faca”, existir pela palavra. É a partir dela que os autores Trans, os quais são apresentados nessa escrita, reivindicam um nome que lhes possibilite não somente existir, mas (r)existir.

Para Lacan, os *falasseres* afirmam sua existência a partir de semblantes que se apresentam ao colocarem-se em posições distintas na sexuação. Lado homem e lado mulher referem-se “ao corpo falante, ao sujeito e a suas marcas de gozo, à realidade sexual do inconsciente e à dimensão sintomática que lhe corresponde” (MACÊDO, 2016, p. 4). A teoria da sexuação dá as bases para afirmar que “cada sujeito virá a se situar a seu modo, sempre singular e imprevisível, neste campo sem respostas unívocas ou pré-estabelecidas” (MACÊDO, 2016, p. 7). É por essa via que cada sujeito deve se responsabilizar pelo seu modo de gozo, preservando, segundo Macêdo (2016), um lugar para o inesperado, para o não sabido de antemão.

Em sua articulação entre o discurso e o corpo Trans, Macêdo (2016) cita a Lei da Identidade de Gênero promulgada na Argentina em 2010 afirmando que a legislação abre uma brecha para pensar na contramão da biopolítica. Assim, o corpo Trans passa a ser visto não

apenas enquanto um corpo transformado pelas práticas científicas, mas um corpo não “necessariamente atrelado à mudança do nome próprio e/ou da própria imagem, um corpo sem que haja necessariamente o recurso a cirurgias ou terapias hormonais, e sem o recurso a nenhum tipo de autorização judicial ou administrativa” (MACÊDO, 2016, p. 9). Ao considerar a influência do discurso na constituição do corpo próprio, observa-se a incidência, cada vez maior, de pessoas que se automeiam Trans e que, em contradição ao que prega muitos teóricos, não se utilizam de procedimentos cirúrgicos para se autorizarem à verdadeira transexualidade.

O que se extrai do exemplo citado acima é que a definição do “verdadeiro transexual” tem, cada vez mais, deixado de estar atrelada aos discursos científicos e hegemônicos. Isto é, assim como na lei argentina, quanto nas autobiografias, há uma tentativa de fazer prevalecer a palavra do sujeito, ou melhor, a nomeação do sujeito de si próprio. “A identidade de gênero, a fluidez dos gêneros demonstra, entre outras coisas, que sempre é possível nomear-se de uma certa maneira, mas isso nem sempre engancha, nem sempre vem dar um sentido a alguma coisa de uma experiência de corpo” (JULLIEN, 2021, 02min47s). Pode-se perguntar então, quais implicações essa transformação imputa na clínica? Ou ainda, quais implicações sociais estão atreladas à noção de corpo Trans enquanto nomeação?

Para Gerber (2019), a nomeação permite ao sujeito não apenas o acesso a significantes e significações, como também a insígnias de gozo. Mas não se deve esquecer que o significado não são os objetos, as coisas ou a natureza. Ao nomear “manga” não se reduz o significado do nome a uma única manga, ainda que tenha sido a primeira a receber a nomeação. Destarte, “o nome nomeia, portanto, a coisa significada que não se reduz ao objeto concreto” (GERBER, 2019, p. 55). Assim é que “manga” pode significar uma fruta para alguém e, não necessariamente, significará a mesma coisa para todos (GERBER, 2019).

Do mesmo modo, ao utilizar o termo Trans, é preciso estar advertido dos múltiplos significados que podem a ele ser atribuídos. Para os autores das autobiografias, Trans recebe singulares significações e é preciso mesmo construir para si um nome que possibilite acesso à relação simbólica. É a partir dessa construção que João, Márcia, Amara, Amanda e Tarso não são apenas nomes próprios, “mas nomes daquilo que, **para esses sujeitos**, é refratário à ordem significante” (GERBER, 2019, p. 73, grifos nossos). Além disso, “o nome próprio é um significante e como tal não é tratado de forma homogênea, ou seja, cada um que pronuncia um nome o articula a partir de uma certa referência” (GERBER, 2019, p. 76). Por isso, Lacan (1974-75) afirma que o sujeito se autoriza de si mesmo... e de alguns outros.

“Autorizar-se de si mesmo implica reconhecer que o ser sexuado não precisa procurar no Outro sua nomeação sexual, mas que ele pode articular ele mesmo o modo de gozo que vai defini-lo sexuado” (FANJWAKS, 2020, p. 38). “E de alguns outros” porque existe a cultura, o registro simbólico, a linguagem o desejo dos pais enfim, os outros e a forma como esse sujeito foi significado em relação ao Outro. A referência a “alguns outros” leva a pensar em certa servidão do sujeito com relação a linguagem. Para Lacan (1998, p. 498 – grifos nossos) “**o sujeito é ainda mais servo** de um discurso em cujo movimento universal seu lugar já está inscrito em seu nascimento, nem que seja sob a forma de seu nome próprio”.

“O corpo tem diferentes modalidades: existe a imagem, a biologia, a anatomia e há também um corpo que se experimenta e essa experiência não se dá assim, de fato, isto não se experimenta sem a linguagem. É a partir da linguagem que se experimenta alguma coisa do corpo” (JULLIEN, 2021, 03min57s). No entanto, a psicanalista também afirma que “a linguagem não chega justamente a determinar alguma coisa de um saber-ser ou de um saber-fazer do corpo. Então, evidentemente, às vezes, há uma desconexão entre as identificações, os significantes que poderiam nomear e o que é experimentado pelo corpo”.

Mas o sujeito não tem seu fim mesmo na referência simbólica. Caso assim fosse, como acreditar no caráter transformativo da análise? Como apostar nas invenções singulares diante do que já está inscrito? Pensar que o sujeito se encerra nessa referência é possibilitar compreensões que afirmam ser a anatomia o destino e não é disso que se trata. “Trans: um nome para (r)existir” é a aposta na palavra. Aposta no lugar que emerge como possibilidade. Lugar singular, fruto da invenção do um a um. Construir um nome para (r)existir foi a posição que cada sujeito assumiu em relação a sua história individual, familiar e cultural (GERBER, 2019). É re-existir frente ao estabelecido pelo Outro. Nesse sentido, aos psicanalistas, cabe escutar “as modalidades de gozo com que cada sujeito se revira para inventar-se, podendo, assim, nomear-se” (CAPANEMA; VORCARO, 2020, p. 88). Esta parece ser a chave para alcançar no horizonte as subjetividades de cada época.

5.4. Do conjunto Trans à singularidade

O *falasser* se constitui na relação com o outro e com o Outro da cultura, essa construção do corpo é singular, é da ordem do um a um. Assim, enquanto uns recorrem aos recursos simbólicos e/ou imaginários, outros recorrem ao real que as tecnologias científicas oferecem para a constituição e modificação do que se considera o corpo biológico (ANTUNES, 2016). Do mesmo modo, os corpos Trans são assim constituídos. A partir dos aparatos tecnocientíficos

e/ou da lógica discursiva esses corpos tomam a forma e imagem desde sempre almejada (JORGE; TRAVASSOS, 2018). Por conseguinte, é o sujeito quem monta, constrói, reconhece o seu corpo (e a si mesmos) como sendo isto ou aquilo, de acordo com os discursos que o levem a se conceber (NÓBREGA FILHO, 2011).

Não obstante, o processo de construção do corpo próprio é, sobretudo, possibilitado por discursos, como visto anteriormente. Se a constituição do corpo Trans é a constituição do corpo próprio, aquele também é atravessado por formulações discursivas marcadas pela singularidade. A tentativa de apreender a noção de singularidade em psicanálise, especialmente a partir de Lacan, partirá da pesquisa de Isabel Tatit (2016), intitulada “A noção de singularidade na psicanálise lacaniana: aspectos teóricos, clínicos e sociais”, na qual a autora faz um árduo e interessante trabalho de teorização e articulação entre singularidade e clínica contemporânea. A construção da autora servirá de base as articulações dessa escrita, as quais não visam a uma teoria sobre a singularidade em psicanálise, mas antes pretende anunciar um campo possível de diálogo com as subjetividades Trans.

Antes é importante mencionar que o pai da psicanálise “não tem uma teoria específica sobre singularidade, e **que** Lacan tratou dessa temática de forma pulverizada ao longo de toda sua obra, ora articulada a outros conceitos, ora de modo explícito” (TATIT, 2016, p. 17, grifos nossos). Em seu retorno à obra lacaniana, Tatit (2016, p. 25-26) elucida quatro modos em que a singularidade pode ser lida nas construções do autor:

- I. A ordem de singularidade em Lacan, desde o início, não se restringe ao que se passa internamente a uma pessoa, mas, pelo contrário, o singular inclui a história em uma dimensão que ultrapassa os limites individuais;
- II. O singular diz respeito ao que eclode de forma inusitada, contrariando nossa espera primordial;
- III. Desde o primeiro seminário, o uso da singularidade se insere num contexto de crítica à Psicologia do ego;
- IV. A singularidade em sua distinção do particular, ao lado da diferenciação entre indivíduo e sujeito inconsciente.

A partir dessas considerações, a autora enfatiza a sua tese de que “o que é singular se inscreve num tempo, num espaço e, portanto, num laço social. Nesse sentido, não há paradigma para singularidade que se sustente na passagem do tempo, tampouco em diferentes contextos sociais” (TATIT, 2016, p. 28). Além disso, Tatit (2016) enfatiza a importância da reflexão acerca da noção de singularidade para a psicanálise, para que a mesma não seja uma conquista ao final de uma análise ou funcione como atributo mágico à dissolução do sofrimento do sujeito.

Não se trata de tomar a singularidade enquanto uma transposição de uma direção de tratamento para uma leitura do social. Embora a leitura feita por Tatit (2016) articule a singularidade ao tratamento analítico, ela é retomada nessa pesquisa para pensar o sujeito em sua articulação singular com a sociedade, com o Outro e o outro. Dito de outro modo, as considerações da autora contribuem ao pensamento da relação da singularidade com a constituição do corpo Trans. Nesse sentido, a ideia de singular não é a de unidade, estabilização e harmonia. Tampouco é a certeza de segregação do Outro, da *desidentificação* do sujeito ou da queda de seus significantes. Como afirma a autora, “a singularidade pode trazer conflito, indeterminação e instabilidade [...]. Ao mesmo tempo, pode produzir uma transformação. O que o sujeito fará com isso depende de seu processo particular (TATIT, 2016, p. 72). Por conseguinte, a responsabilização do sujeito frente ao seu desejo leva-o, segundo a autora, a assumir a falta e o vazio onde havia saber (certezas) do Outro.

Dito de outro modo, não se trata da dualidade (leia-se: rivalidade) entre universal e particular e/ou universal e singular. Isso parece um erro comum aos psicanalistas, os quais “diversas vezes, confundem a crítica sobre a adesão do sujeito aos discursos hegemônicos e de suas respostas às demandas superegoicas com a inserção social para cada sujeito”⁴¹ (TATIT, 2016, p. 100). Diante disso, retomar a noção do *fallasser* enquanto falta-a-ser, enquanto corpo e linguagem, corpo marcado pelo discurso parece ser uma saída para não cair nesse engodo de que a psicanálise visa à destituição total do Outro e à autonomia do sujeito com relação aos laços sociais.

Por conseguinte, como pensar o corpo Trans para além da lógica do conjunto, conjunto ao qual se reconhece a importância para a implantação de políticas públicas e a ascensão de discussões cruciais para essas pessoas? Como pensar essa relação sem colocar conjunto e singularidade em campos distintos e desconexos? A saída poderia vir da colocação lacaniana (1967) a qual ele afirma que o inconsciente é a política. De acordo com Chaves (2019), o inconsciente é que comanda tudo nas atividades humanas, pois ele é a política, seja no consultório ou na cidade, seja no regime democrático ou no regime autocrático, pois o inconsciente comanda o ser falante e a humanidade. A formação do inconsciente atrela-se ao social. O inconsciente é a política “do desejo e da defesa, da ética e da moral, da oratória e da

⁴¹ Sobre essa questão a autora adverte que seria presunçoso dizer que os pós-lacanianos não compreenderam ou corromperam o texto lacaniano a respeito da singularidade. Ao longo da pesquisa ela percebeu as armadilhas e a dificuldade de tratar o tema. Além disso, deparou-se também com muitas afirmações lacanianas que dão margem às formulações do singular como desarticulada totalmente do simbólico.

escrita, da arte e do esporte, da polícia e da religião, do governar e do educar, do analisar e do transmitir a psicanálise” (CHAVES, 2019, p. 183).

Apesar do singular ser, por vezes, colocado em oposição ao universal, ele não é sem o universal. Não tem como excluir as dimensões políticas e sociais, a questão é que a psicanálise não pautará no universal, mas no modo como tais dimensões marcam a subjetividade dos *falasseres*. Assim, a aposta no singular, não é para destruir o universal, mas para analisar o ponto em que o universal constitui o *falasser*. Por conseguinte, de acordo com Tatit (2016, p. 205) “operar com a singularidade nos termos lógicos em que Lacan a colocou é estar sempre avisados da impossibilidade de adaptação total do Eu à realidade”.

A discussão acima permite afirmar que a tentativa de se estabelecer um conjunto Trans pode excluir algo do particular e, mais que isso, do singular. A sigla LGBTQIA+ é prova de que ao se tentar formar um conjunto, alguma coisa escapa. Antes conhecida por GLS (gays, lésbicas e simpatizantes), a sigla foi, ao longo dos anos, adquirindo cada vez mais letras e significações como tentativa de abarcar as diversas formas de subjetivação presentes na contemporaneidade. No entanto, “quando há fechamento de um conjunto, algo sempre fica de fora” (TATIT, 2016, p. 213). Além disso, ao se fechar um conjunto, “ele deve se opor a algo, deve segregar a diferença” (TATIT, 2016, p. 132). Como se observa, é em outra direção que os movimentos LGBTQIA+ se articulam. Talvez nisso resida um ponto de articulação potencial com a psicanálise e a sua forma de tratamento às subjetividades de cada época e cultura.

Ao longo dos últimos dois anos alguns acontecimentos marcaram o contexto das lutas LGBTQIA+ e também os espaços psicanalíticos. No dia 17 de novembro de 2019, Paul B. Preciado falou na 49ª Jornada da *École de la Cause Freudienne*. Em 05 de agosto de 2020 foi publicado o Projeto de Lei, nº 504/2020. E, recentemente, as colocações dadas por Jacques-Alain Miller tanto na entrevista à Éric Marty de 21 de março de 2021, intitulada “*Le sexes des modernes*”⁴² quanto em seu texto à revista Lacan Quotidien – nº 928 de 25 de abril de 2021, intitulado “*Docile au trans*”⁴³ trazem à luz questões concernentes ao estatuto do corpo Trans para a psicanálise.

O PL504/2020 coloca em seu Art. 1º: é vedado em todo o território do Estado de São Paulo, a publicidade, por intermédio de qualquer veículo de comunicação e mídia que contenha alusão a preferências sexuais e movimentos sobre diversidade sexual relacionado a crianças. Enquanto justificativa, a autora do projeto, a Deputada Estadual Maria Costa (PSD), afirma que “que o uso indiscriminado deste tipo de divulgação traz real desconforto emocional a inúmeras

⁴² Os sexos modernos.

⁴³ Dócil ao trans.

famílias além de estabelecer prática não adequada a crianças que ainda, sequer possuem, em razão da questão de aprimoramento da leitura (5 a 10 anos), capacidade de discernimento de tais questões”. Menciona ainda que pretende evitar tanto a possibilidade, quanto a inadequada influência na formação de jovens e crianças.

Se as crianças não possuem capacidade de discernimento, o que sustenta a preocupação? As duas justificativas trazem problemas em sua apresentação as quais refletem uma tentativa de limitar a liberdade de expressão dos meios publicitários. Para além disso, o texto fala em “preferências sexuais” e não em orientação sexual, o que remete a afirmação de que a sexualidade e o desejo dizem de uma escolha consciente, uma opção do sujeito. Não obstante, o PL não clarifica o que chama por “propagandas para crianças”, nem tampouco quais são os danos e quais são os atos danosos aos quais se refere. Desde que entrou em pauta, houve uma comoção por parte dos movimentos LGBTQIA+ para tentar “derrubar” o projeto que é, de saída, inconstitucional e fere a liberdade de expressão e diversidade, além de demarcar um lugar de exclusão e invisibilidade às pessoas LGBTQIA+.

Em contrapartida, a fala de Paul B. Preciado na Jornada da Escola da Causa Freudiana reflete um chamado, desperta um alarme e convoca os psicanalistas a refletir sobre o corpo Trans na contemporaneidade. O filósofo, a partir de uma analogia ao conto de Franz Kafka o qual fala do macaco Pedro Vermelho que precisa se submeter à imposição de um ideal de humanidade europeu para sobreviver, coloca-se enquanto um “macaco humano de uma nova era”, um homem transexual. Em suas palavras:

Meu corpo, marcado pelo discurso médico e jurídico como transexual, caracterizado na maior parte de vossos diagnósticos psicanalíticos como sujeito de metamorfose impossível, segundo vosso colega Pierre-Henri Castel; estando, segundo a maior parte de suas teorias, mais além da neurose, na borda ou inclusive no interior da psicose; tendo, segundo vocês, uma incapacidade de resolver corretamente um complexo de Édipo, ou havendo sucumbido à inveja do pênis. Me dirijo a vocês, como um macaco humano de uma nova era (PRECIADO, 2019).

O trecho destacado acima aponta para um primeiro momento da teoria psicanalítica. O que a revisão apresentada no presente trabalho revelou é que muitos psicanalistas apresentam novas perspectivas, outras leituras sobre as questões apontadas por Preciado, como por exemplo, a concepção de transexualidade a partir da clínica estrutural enquanto uma psicose, amplamente considerada em outros tempos e que hoje se encontra questionada dentro da própria teoria por muitos estudiosos.

Antes de mais nada, é importante ressaltar que não está em questão afirmar o que de correto ou incorreto, verdadeiro ou falso, se encontra em sua fala, mas antes atentar-se para a relevância da fala, para aquilo que ela convoca nos psicanalistas. Atentar-se para o que não

mais se pode negar, o impossível que se situa na tentativa de manter distância dos discursos sobre o gênero posto que o tempo todo a psicanálise é convidada a se colocar, seja em contribuição, seja em contradição. Nas palavras de Parente e Silveira (2020), a decisão de convidar Paul B. Preciado demonstra a força a partir da qual a psicanálise se faz viva e aberta aos desdobramentos simbólicos e históricos que exigem uma reelaboração teórica contínua do ofício a que se presta. Há um convite para entrar em “um processo crítico de invenção de outras formas de subjetividade política”. O que a fala de Preciado (2019) denuncia é que há um saber que não se sabe e que, da parte de muitos analistas, não há o desejo de saber.

Os últimos dias de escrita desta pesquisa foram impactados pelas colocações de Miller. No dia 21 de março e 25 de abril de 2021, o psicanalista se pronunciou sobre a questão a partir de dois meios: entrevista e escrita. A entrevista com Éric Marty mostrou um Miller um tanto quanto provocador e em alguns pontos, conservador em suas ideias, como por exemplo, a sustentação, já debatida por muito setores do movimento LGBTQIA+, sobre a noção de transexual verdadeiro. Por diversas vezes, instigou o interlocutor sobre “o que seria então o gênero?”, afirmando que esse conceito não parece estar claro nem mesmo para os Estudos *queer*, personificado, por eles, na figura de Judith Butler. Assumindo não ter uma leitura das obras de Butler⁴⁴, Miller tece suas críticas ao movimento desencadeado pelas ideias da filósofa e a proporção adquirida pela noção de gênero no mundo atual. Para além disso, eles tecem considerações acerca das construções de outros autores como Foucault, Barthes, Derrida e Deleuze e afirmam a importância do pensamento de Judith Butler frente a hegemonia de autores (homens) na construção de importantes conceitos contemporâneos.

Por outro lado, em seu texto - “Dócil ao trans” (2021), Miller assume uma outra postura. Ainda em um tom provocativo, ele (MILLER, 2021) afirma: “o que o trans nos traz é perturbação. Não perturbação no gênero, intrinsecamente confuso, mas turbulência, polvorosa na guerra imemorial dos sexos”. E complementa:

Antes do trans, o monstro era o hermafrodita. Este também perturbava a ordem pública sexual. Mas o hermafroditismo é apenas um assunto de órgãos. Um hermafrodita é um caso biológico, o que é raro. A androginia, em contrapartida, é uma criatura de mito, um assunto de *look* e de *lifestyle*. Um andrógino é alguém cuja aparência não lhes permite determinar a qual sexo pertence. Já era assim na Grécia antiga ou em Roma: vejam, de Luc Brisson, *Le sexe incertain*. Um transtorno de

⁴⁴ A postura assumida por Miller corrobora com a crítica feita por Fabián Fajnwaks, em seu texto “Jacques Lacan, precursor das teorias *queer*”, segundo a qual “em geral, os psicanalistas não leem os autores *queer* e podem manifestar certa preguiça intelectual na hora de pensar questões clínicas delicadas como as que as pessoas trans trazem aos psicanalistas, e do lado dos autores *queer* sua leitura se detém no Lacan do ‘Seminário, livro 5: as formações do inconsciente’ (1957-58/1999), como se os seminários ‘Mais, ainda’ (1972-73/2008) ou ‘O sinthoma’ (1975-76/2007), que permitem pensar de uma maneira completamente diferente a sexualização de um ser falante não apenas em termos fálicos, não existissem” (FAJNWAKS, 2020, p. 19, grifos nossos).

identidade sexual não é assim. O trans, é ainda outra coisa (MILLER, 2021, grifos do autor).

A colocação de Miller, leva a uma indagação acerca dos lugares ocupados pelos “monstros” sociais, anteriormente marcado pela figura do hermafrodita. Assim sendo, o trans, para ele, não seria o monstro. O trans, para Miller, é outra coisa.

Para além dessas colocações, o psicanalista tece críticas à posição assumida por Preciado na Jornada da Escola da Causa Freudiana em 2019, a qual, segundo ele, foi de confronto e ataque para com os psicanalistas, como se ambos os lados estivessem em guerra. Em contrapartida, finaliza seu texto fazendo um apelo já conhecido à Freud e a sua posição frente às históricas de seu tempo. Assim, afirma que “é sobejamente conhecido que Freud, em seu tempo, soube escutar essas mulheres históricas que os médicos mais atentos tomavam por simuladoras e atrizes” (MILLER, 2021, n.p.).

De acordo com seu pensamento, “não havia no tempo de Freud grupos militantes nem lobbies dedicados à emancipação das históricas, a seu *empowerment*. Essas mulheres chegavam até ele, cada uma por seu próprio movimento, por conta própria, e ele as acolhia, uma por uma, cara a cara” (MILLER, 2021, n.p., grifos do autor). Dito isso, ele questiona se o psicanalista estaria mesmo do lado oposto ao trans (nessa guerra “imaginária”) ou se, a maneira de Freud - dócil à histórica, não seriam os psicanalistas dócil ao Trans. Ante o exposto, uma provocação que se sobressai às frases proferidas por Miller é: o que paira sobre os psicanalistas é a tempestade da crise Trans ou a crise da própria psicanálise frente aos desafios que a contemporaneidade anuncia?

6 CONCLUSÃO

A psicanálise não pode ser [e arrisca-se a dizer que não é] indiferente às novas formas de subjetivação e sofrimento. Dito isto, nos últimos dois anos, alguns acontecimentos chamaram a atenção sobre o estatuto que os corpos Trans ocupam na sociedade e, por conseguinte, o lugar ocupado na psicanálise os quais se desdobram até hoje. A colocação lacaniana no “Seminário, livro 19 ...ou pior” sobre a transexualidade, ao ser retomada na contemporaneidade, provoca alguns questionamentos: o que mudou nos escritos psicanalíticos desde essa afirmação acerca do corpo Trans? É possível localizar-se fora do discurso sexual? Não obstante, o corpo Trans ainda aparece como um “osso” (MILLER, 1998) da questão para muitos psicanalistas, e também, para a psicanálise. Paradoxalmente, está é uma indagação que não pode ser desviada ao se trabalhar a temática. Um incomodo. Um enigma. Um ponto de cruzamento que um a um perpassa a história de vários e que deve ser considerado pela psicanálise pois, segundo Brousse (2018), essa sabe do poder dos significantes-mestres sobre os *falasseres*.

Ao longo deste estudo objetivou-se investigar qual o estatuto do corpo Trans para a psicanálise lacaniana. O caminho constituído durante a pesquisa não buscou moldar os corpos Trans a um conceito pré-estabelecido de corpo enquanto natural ou biológico, mas antes construir argumentos que permitam indagar, e até mesmo, afirmar que o corpo Trans é o corpo próprio. E sobre ele sempre haverá um saber que não se sabe. O corpo Trans não se trata de um corpo exótico a ser exposto no centro de um anfiteatro para ser observado por uma plateia composta pelos diversos campos de saber, sedenta a desmembrá-lo para refazê-lo a seu prazer tal qual “A Aula de Anatomia do Dr. Tulp” (1963) representada por Rembrandt⁴⁵. E não se desmembra o corpo próprio.

Por conseguinte, a caminho do horizonte foi necessário retornar a questões “preliminares” para a investigação em psicanálise. Inicialmente, considerou-se importante discutir as relações que se estabelecem entre psicanálise-universidade-cultura, visto que a articulação entre esses três campos perpassou o percurso da pesquisa, ora nas disciplinas, ora nos debates em grupos os quais discutiam tanto a temática do corpo próprio quanto a própria constituição da investigação em psicanálise. Estabelecer essa relação, é pois, investigar como o corpo se coloca na cena. É também observar como, a partir desse trinômio, uma constituição do corpo emerge. O segundo momento voltou-se aos dados que revelam uma triste realidade

⁴⁵ “De Anatomische les van Dr. Nicolaes Tulp” é uma pintura a óleo sobre tela de Rembrandt, pintada em 1632 sob encomenda da Associação de Cirurgiões de Amsterdã.

acerca das pessoas Trans – a violência. Os atos violentos são marcantes para esses corpos, principalmente, no Brasil - palco da maior Parada do Orgulho Gay e que, paradoxalmente, é o país que mais mata travestis e transexuais no mundo. A crueldade dos atos cometidos para com os corpos Trans leva a indagar se a intenção é matar ou apagar toda e qualquer forma de alteridade que esses corpos representam.

A dimensão da violência *per se* justificaria a importância de construir conhecimentos que busquem modificar esse cenário. É preciso afirmar que, para a psicanálise, importa a condição de sujeito, o que inclui a realidade social e política dessas pessoas, mesmo porque a dimensão subjetiva não se disvencilha do corpo sócio-político. Considerar a subjetividade é crucial para que os corpos Trans não sejam tomados em conjunto, para que não tenham sua singularidade aplacada por teorias totalizantes e generalizações. Por conseguinte, reafirmar a importância do um a um abre caminhos para que não se apague aquilo que constitui o *falasser*. Outrossim, a análise dos documentos voltados a investigação da violência que acomete à população LGBTQIA+ proporcionou mais questionamentos sobre a temática, tais como, qual a articulação entre corpo e violência? Quais corpos importam? E ainda, por que os corpos Trans são alvos de tamanha crueldade?

Um outro retorno se fez necessário, a saber àquele referente ao estatuto do método na investigação em psicanálise. Assim, buscou-se enunciar, brevemente, sobre o objeto da psicanálise, o sujeito *forcluído* da ciência – o sujeito clivado, cindido e marcado pelo inconsciente. Fruto da disjunção de campos de saber e da ruptura epistemológica entre o mundo antigo da cosmologia aristotélica - caracterizada pela finitude, a hierarquização dos corpos e a explicação qualitativa dos fenômenos - e a ciência moderna – caracterizada pela infinidade, a matematização dos fenômenos físicos e o problema da verdade. Com isso, a ciência do mundo moderno procura explicar acontecimentos limitados, não construindo um conhecimento imutável sobre tudo, ela se deterá numa tarefa contrária a essa. A partir disso, o sujeito encontra-se forcluído da ciência. Não se submete a sua operacionalização. Por conseguinte, o aforismo lacaniano é o de que “o sujeito sobre quem operamos em psicanálise só pode ser o sujeito da ciência” (1998, p. 873). Delimitar essas questões foi importante para demarcar a especificidade da psicanálise e que, conseqüentemente, impacta a construção do seu método de investigação. Ao método psicanalítico, interessa o real do inconsciente. É um caminho que se constrói no *a posteriori*.

A pesquisa se baseou nos escritos dos próprios Trans. Assim, a partir da autobiografia produzida por algumas pessoas no contexto nacional, visou o semi-dizer acerca do modo pelo qual eles concebem o seu corpo. A partir do dito de cada autor acerca de sua relação com o seu

corpo e com sua história levantou-se as seguintes indagações: (1) um corpo outro no espelho?; (2) o que há entre sexo e sexualidade?; (3) os espelhos são os outros?; (4) existe completude?; e, por fim, (5) Onde se localiza a violência?. Cada uma, a seu modo, traz as consequências da leitura a partir da apresentação de fragmentos das narrativas.

A partir das autobiografias investigou-se, na literatura científica, o estatuto do corpo Trans para a psicanálise. Por conseguinte, o retorno teórico na literatura científica se mostrou crucial para analisar o estatuto do corpo Trans nas pesquisas em psicanálise. A leitura atenta dos estudos possibilitou fazer algumas considerações. O corpo Trans aparece ora em sua relação com as modificações científico-tecnológicas, ora enquanto corpo falante ou corpo constituído a partir da lógica discursiva, bem como o corpo pulsional e sua relação com a diferença sexual; o corpo entre identidade e identificação – ancorado na identidade via teorias identitárias, nos movimentos sociais e políticos e na identificação via constituição subjetiva; o corpo Trans a partir da clínica da estrutura, especificamente, paralelos entre neurose e psicose, ainda hoje estabelecidos por alguns autores. E, além disso, os documentos elegidos apresentavam críticas à norma heterossexual, críticas aos teóricos que leem a psicanálise enquanto heteronormativa, e ainda, considerações sobre a orientação sexual como ponto de análise.

A investigação acerca do estatuto do corpo Trans a partir da psicanálise lacaniana permitiu concluir, como anteriormente mencionado, a noção de que o corpo Trans é o corpo próprio. Mediante a isso, tornaram-se viáveis as articulações que se seguiram. Primeiro, que é preciso mesmo retornar as fórmulas da sexuação propostas por Lacan para ascender ao campo do diálogo. Em vista disso, há que se fazer um esforço de tradução, se assim é possível dizer, que permita a outros campos de saber, acessar o que se almeja com as noções de “lado homem” e “lado mulher”. Ou com posição não-toda e posição fálica. Ou ainda, com o que pretende anunciar ao afirmar que A mulher não existe.

Embora a ciência avance, e isto é um fato, não há meios de fazer existir a relação sexual tal qual Lacan a explicita. Nesse contexto, o corpo o qual se trata em psicanálise não é o corpo biológico, estabilizado e passível de livrar-se do mal-estar. Assim, é que o corpo Trans só deve ser visto enquanto corpo próprio. Isto é, a incompletude e a falta permanecem e marcam o mal-estar que, desde sempre, constitui o *falasser*. Tais considerações, são claramente expressas na obra de Miquel Missé (2019), mencionada no capítulo 4, onde o autor afirma a persistência do mal-estar para com o corpo mesmo diante das modificações reais, simbólicas e imaginárias por ele realizadas na tentativa de apaziguar a discrepância que se estabelece entre corpo e imagem.

Frente a isso, reforça-se a importância, já mencionada, de considerar as fórmulas da sexuação e à impossibilidade de fazer existir a relação sexual para fundamentar a ideia de que

o mal-estar, ainda que a ciência lute incessantemente para aplacá-lo, ele persiste. Dessa concepção, extraiu-se considerações acerca da diferença entre identidade e identificação para a psicanálise e como ambas marcam o sujeito. Além disso, a investigação revelou a existência de pessoas Trans que recusam as intervenções científico-tecnológicas e que buscam, por outros meios, fazer consistir certa relação entre corpo-imagem. Diante disso, a significação do termo “Trans” é tomada enquanto um dos nomes do corpo próprio e enquanto um modo de (r)existir em meio ao social e a política. Por conseguinte, o corpo Trans remete a uma transição de pensamento que vai do conjunto à singularidade, considerando-a base da psicanálise.

Por fim, é importante apontar os desafios e limites que atravessaram os caminhos da pesquisa. Uma pesquisa sobre esse tema tão complexo e com tanta interseccionalidade não é uma construção fácil, muitos são os caminhos possíveis para se trabalhar a dimensão do corpo em psicanálise e muitos são os destinos ao se abordar as questões que envolvem as pessoas Trans. Nesse sentido, um dos desafios volta-se à impossibilidade de acesso à fala “direta” das pessoas Trans, visto que o acesso ao dito se deu a partir das autobiografias e delas não se escuta uma enunciação do sujeito como a que se presentifica no discurso em uma análise. Com relação à revisão de literatura científica, observou-se que muitos estudos não apareceram nos resultados, apesar das tentativas em abarcar distintos descritores. A razão para isso pode estar relacionada aos critérios de seleção como a própria escolha dos descritores utilizados, o idioma, ou até mesmo o tipo de publicação elegido para análise. Por conseguinte, impactou o número de artigos selecionados e o recorte temporal estabelecido. Ao mesmo tempo, considera-se que o banco de dados produzido e apresentado nos apêndices dessa pesquisa pode subsidiar estudos e análises futuras.

Ao abordar as questões que concernem aos corpos Trans ou às subjetividades Trans é crucial que as colocações/teorias/críticas extrapolem o campo dos pares. *Extramuros*. Com relação aos Trans – e a importância que seus movimentos estabelecem para a noção de sexualidade e do próprio corpo – é importante estar ao lado do não saber e da *douta ignorância*. São muitos os desafios impostos à psicanálise. Para Miller (2021), a tempestade paira sobre os psicanalistas. O corpo Trans os convoca, indaga e instiga-os à lidarem com o não-todo de suas teorias e com o não saber que a alteridade desvela. É chegado o momento de se voltar às estruturas mesmo da psicanálise para investigar se o horizonte da época está ao alcance dos psicanalistas. Qual o lugar da psicanálise no século XXI? As suas teorias, a sua clínica e princípios são contemporâneos? A psicanálise é subversiva e a sua ética jamais deve ser esquecida por aqueles que se submetem aos caminhos da investigação. Diante disso, torna-se

crucial reconhecer a relevância do estudo realizado por contribuir com a discussão acerca do corpo Trans e, conseqüentemente, do corpo próprio para a teoria e práxis psicanalíticas.

Para não finalizar, ainda que se conclua a presente investigação, é notória a possibilidade de desenvolver novos estudos a partir das indagações levantadas ao longo da pesquisa, tais como: diante do crescente número de pessoas Trans que recusam os aparatos científicos, a transexualidade poderia ainda ser conceituada em sua relação com tais procedimentos hormonais e cirúrgicos frente a “inadequação ao corpo”? Quais implicações esses novos modos de constituição do corpo próprio trazem à clínica psicanalítica? Quais articulações possíveis entre as reivindicações Trans e o reconhecimento em psicanálise? E ainda, como pensar o corpo Trans a partir do enlaçamento do nó borromeano e a noção de gozo? Essas são algumas questões que podem ser abordadas em investigações futuras sobre o corpo Trans tendo como aporte a teoria psicanalítica e sua ética.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVITCH, S. Sexo, gênero. Sintoma e sinthoma. **Stylus Revista de Psicanálise**, Rio de Janeiro, n. 34, pp.129-135, 2017.
- ALBERTI, S.; MARTINS, A. “Os mistérios do corpo falante” e a adolescente anoréxica. In.: CHATELARD, D. S.; MAESSO, M. C. **O corpo no discurso psicanalítico**. 1ª ed. Curitiba: Appris, 2019, pp. 53-68.
- AMBRA, P. **O que é um homem?** Psicanálise e história da masculinidade no Ocidente. São Paulo: Annablume, 2015.
- AMBRA, P. E. S.; SILVA JUNIOR, N.; CAVALCANTI, I. Corpo travesti, corpo contemporâneo. A Peste. **Revista de Psicanálise e Sociedade**, São Paulo, v. 2, n. 2, p. 423-435, 2010.
- AMBRA, P. E. S.; SILVA JUNIOR, N.; LAUFER, L. O ser sexual só se autoriza de si mesmo e por alguns outros. **Psicol. estud.**, v. 24, e41497, 2019.
- ANDRADE, C. D. **Uma pedra no meio do caminho**: Biografia de um poema. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1967.
- ANSERMET, F. Eleger o próprio sexo: usos contemporâneos da diferença sexual. **Opção lacaniana on-line**, Nova série, n. 25 e 26, ano IX, 2018. Disponível em: <http://www.opcaolacanianana.com.br/texto7.html>. Acesso em: 07 jan. 2021.
- ANTUNES, M. C. C. A anatomia é o destino: a psicanálise e o sintoma transexual. **Revista aSEPHallus de Orientação Lacaniana**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 22, pp. 42-67, 2016.
- AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION (APA). **Manual de Diagnóstico e Estatística de Distúrbios Mentais DSM-IV**. São Paulo: Manole, 1994.
- ARÁN, M. A transexualidade e a gramática normativa do sistema sexo-gênero. **Revista Ágora**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 1, p. 49-63, 2006.
- ARÁN, M. A psicanálise e o dispositivo diferença sexual. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 17, n. 3, p. 653-673, 2009.
- ARAÚJO, T. A. In: REDE NACIONAL DE PESSOAS TRANS DO BRASIL (REDE TRANS BRASIL). **Diálogos Sobre Viver Trans – Monitoramento: Assassinatos e Violação de Direitos Humanos de Pessoas Trans no Brasil**. Brasil: Dossiê, 2018.
- ASKOFARÉ, S. Considerações sobre o corpo em sua relação com a estrutura e os discursos. In: CHATELARD, D. S.; MAESSO, M. C. **O corpo no discurso psicanalítico**. 1ª ed. Curitiba: Appris, 2019, pp. 35-42.
- AYOUCH, T. Da transexualidade às transidentidades: psicanálise e gêneros plurais. **Revista Percurso**, São Paulo, 54, ano XXVIII, p. 23-32, 2015.

BACHELARD, G. **A formação do espírito científico**. Contribuição para uma psicanálise do conhecimento. Rio de Janeiro: Contraponto, 1999.

BARROSO, A. F. Sobre a concepção de sujeito em Freud e Lacan. **Barbarói**, Santa Cruz do Sul, n.36, jan./jun. 2012, 149-159.

BASTOS, R. L. **Psicanálise e pesquisas - Ciência? Arte? Contraciência?** Rio de Janeiro: E-papers, 2009.

BENEVIDES, B.; NOGUEIRA, S. N. B. Assassinatos contra travestis e transexuais brasileiras em 2020. **BOLETIM Nº 05/2020**, 2020. Disponível em: <https://antrabrazil.files.wordpress.com/2020/11/boletim-5-2020-assassinatos-antra.pdf>. Acesso em: 02 mai. 2021.

BENEVIDES, B.; SIMPSON, K. **Mapa dos assassinatos de travestis e transexuais no Brasil em 2017**. Brasil: Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA), 2018.

BENTO, B. **A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual**. 2 ed. Natal: EDUFRN, 2014.

BENTO, C. A. A escrita e o sujeito: uma leitura à luz de Lacan. **Psicologia USP**, v. 15, n. 1/2, pp. 195-214, 2004.

BONDÍA, J. L. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Rev. Bras. Educ.** [online], n.19, pp.20-28, 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rbedu/n19/n19a02.pdf>. Acesso em: 24 fev. 2021.

BRANT, T. Eterno aprendiz. In: MOIRA, A. *et al.* **Vidas trans: a coragem de existir**. Bauru: Astral Cultural, 2017.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988, 292 p.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. Departamento de Apoio à Gestão Participativa. **Política Nacional de Saúde Integral de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais**. Ministério da Saúde, Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa, Departamento de Apoio à Gestão Participativa. 1. ed., 1. reimp. Brasília: Ministério da Saúde, 2013.

BRASIL. Ministério Público Federal. Procuradoria Federal dos Direitos do Cidadão. **O Ministério Público e a Igualdade de Direitos para LGBTI: Conceitos e Legislação**. Procuradoria Federal dos Direitos do Cidadão, Ministério Público do Estado do Ceará. 2. ed., rev. e atual. Brasília: MPF, 2017.

BRECHT, B. (1898-1956). **Intertexto**. Disponível em: http://projetoeduc.cecierj.edu.br/eja/recurso-multimedia-professor/historia/novaeja/m3u05/38%20Poesia_agir.pdf. Acesso em: 02 mai. 2021.

BROUSSE, M.-H. As identidades, uma política, a identificação, um processo, e a identidade, um sintoma. **Opção lacaniana on-line**, Nova série, n. 25/26, ano IX, 2018. Disponível em: <http://www.opcaolacanianana.com.br/texto5.html>. Acesso em: 02 mai. 2021.

BROUSSE, M.-H. **Les modes du sexe**, 23 mai. 2021. 1 vídeo (21 min 03 seg). Publicado pelo canal Lacan Web Télévision. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=kM2Ogcq3CaU>. Acesso em: 31 mai. 2021.

BRULHART-DONOSO, M. D. **Estudo psicanalítico sobre a gramática da maldade gratuita**. 2011. 99f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

BUTLER, J. **Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução: Renato Aguiar. 13ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

CADERNO Globo 12. **Corpo**: artigo indefinido. São Paulo: Globo Comunicação e Participantes S.A., 2017.

CALDAS, H. **Da voz à escrita**: clínica psicanalítica e literatura. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2007.

CALDAS, H. A letra litoral. *In*: Colóquio Cem anos de Jacques Lacan, v. 12, 2001, Rio de Janeiro. **Anais** [...], Rio de Janeiro, 2001. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/282629047/A-Letra-Litoral-Heloisa-Caldas1>. Acesso em: 01 nov. 2019.

CALLIGARIS, C. Verdades de autobiografias e diários íntimos. **Revista Estudos Históricos**, v. 11, n. 21, p. 43-58, 1998.

CAMPOS, M. G.; CASTRO, J. E. Freud e a literatura. **Psicanálise & Barroco em revista**, v.12, n.1, pp. 59-73, 2014.

CAPANEMA, C. A.; VORCARO, Â. M. R. Laerte-se: nomear-se a -partir de seu grão de loucura. *In*: CAPANEMA, C. A.; DURÃES, F.; MIRANDA JR., H. C.; MOTTA, J. M.; GUEDES, M. M. C. **Psicanálise e psicopatologias lacanianas**: impasses e soluções. Curitiba: CRV, 2020, p. 87-94.

CASSANA, M. F. **Corpos impossíveis**: a (des)ordem do corpo e a ambivalência da língua no discurso transexual. 2016.131f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

CASTEL, Pierre-Henri. **La Métamorphose impensable**. Essai sur le transsexualisme et l'identité personnelle. Paris: Galimard, 2003.

CHAVES, M. E. O inconsciente é a política – ato/desato social. **Estudos de Psicanálise**, n. 52, p. 181–188, 2019.

CISCATO, M. O feminino que não se lê. **Revista Cult**, 10 mai. 2019.

COSSI, R. K. **Corpo em obra**: contribuições para a clínica psicanalítica do transexualismo. São Paulo: Nversos, 2011.

COSSI, R. K.; DUNKER, C. I. L. A Diferença sexual de Butler a Lacan: gênero, espécie e família. **Psicologia Teoria e Pesquisa**, v. 33 pp. 1-8, 2017.

COSTA, I. I. M. **Processos de subjetivação do/no corpolingüagem no movimento da Marcha das Vadias**: o sintoma da ideologia. 2016. 95f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2016.

COSTA, J. F. A comédia do demônio sexual. *In*: COSTA, J. F. **O vestígio e a aura**. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

COSTA, M. C. **De um sexo ao Outro**: uma abordagem psicanalítica sobre a cirurgia de “mudança de sexo”. 2011. 104f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social e Institucional) – Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

COSTA-VAL, A.; GUERRA, A. Corpos trans: um ensaio sobre normas, singularidades e acontecimento político. **Saúde Soc.**, v.28, n.1, p.121-134, 2019.

CUNHA, E. L. **A psicanálise como método de investigação da cultura**: uma interrogação sobre os limites da clínica. III ENECULT – Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura, Faculdade de Comunicação/UFBA, Bahia, 2007.

CUNHA, E. L. A psicanálise e o perigo trans (ou: por que psicanalistas têm medo de travestis?). **Periódicus**, n. 5, v. 1, 2016.

DUNKER, C. I. L. Formas de apresentação do sofrimento psíquico: alguns tipos clínicos no Brasil contemporâneo. **Rev. Mal-Estar e Subj.**, v. 4, n. 1, pp. 94-111, 2004.

DUNKER, C. I. L. **Mal-estar, sofrimento e sintoma**. São Paulo: Boitempo, 2015.

DUNKER, C. I. L.; RODRIGUES, A. L. **Cinema e psicanálise** - A criação do desejo. 2 ed. São Paulo: nVersos, 2015.

FAJNWAKS, F. Jacques Lacan: precursor das teorias *queer*. *In*: CAPANEMA, C. A.; DURÃES, F.; MIRANDA JR, H. C.; MOTTA, J. M.; GUEDES, M. M. C. **Psicanálise e psicopatologias lacanianas**: impasses e soluções. Curitiba: CRV, 2020, p. 17-34.

FAJNWAKS, F. Despatologizar a transexualidade. *In*: CAPANEMA, C. A.; DURÃES, F.; MIRANDA JR, H. C.; MOTTA, J. M.; GUEDES, M. M. C. **Psicanálise e psicopatologias lacanianas**: impasses e soluções. Curitiba: CRV, 2020, p. 35-48.

FERNANDES, F. F. P. A melancolia e a formação de gênero: esboço de uma nova categoria analítica sobre os processos psicossociais da sexualidade. *In*: SILVA, A. P. D. (Org.). **Escrit@s sobre gênero e sexualidades**. São Paulo: Scortecci, 2015.

FINGERMANN, D. T. O que é um corpo? Como responde a psicanálise? *In*: TEPERMAN, D.; GARRAFA, T.; IACONELLI, V. **Corpo**. 1 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade: a vontade de saber**. São Paulo: Vozes, 2011.

FREUD, S. **Estudos sobre a histeria (1893)**. Edição Standard das Obras Completas, vol. II. Rio de Janeiro: Imago, 1984.

FREUD, S. Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranoia (dementia paranoides) (1911). *In: O caso de Schreber e artigos sobre técnica*. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, v. 12. Rio de Janeiro: Imago, 1996, pp. 2-51.

FREUD, S. Deve se ensinar a psicanálise na universidade? (1919) *In: FREUD, S. História de uma neurose infantil (o homem dos lobos), além do princípio do prazer e outros textos (1917-1920)*. Obras Completas: Cia da Letras, 2010.

FREUD, S. O Moisés, de Michelangelo (1914). *In: FREUD, S. Arte, literatura e os artistas*. Tradução: Ernani Chaves. 1 ed. 1 reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

FREUD, S. O poeta e o fantasiar (1908). *In: FREUD, S. Arte, literatura e os artistas*. Tradução: Ernani Chaves. 1 ed. 1 reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

FREUD, S. O futuro de uma ilusão (1927). *In: FREUD, S. Cultura, sociedade, religião: O mal-estar na cultura e outros escritos*. Tradução: Maria Rita Salazano Moraes. 1 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2020.

FREUD, S. O mal-estar na cultura (1930). *In: FREUD, S. Cultura, sociedade, religião: O mal-estar na cultura e outros escritos*. Tradução: Maria Rita Salazano Moraes. 1 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2020.

GALEANO, E. **Las Palabras Andantes**. Montevideo, Uruguai: Ediciones Chanchito, 1993.

GALLO, H. Método, surpresa, subjetividade, verdad y saber. *In: RAMÍREZ, M. E.; GALLO, H. El psicoanálisis y la investigación en la universidad*. 1a ed. Buenos Aires: Grama Ediciones, 2012, cap. 4.

GERBER, K. **Fazer-se um nome: pecado e reparação em Lacan**. Maceió: Edufal, 2019.

GUIMARÃES, A. **Meu nome é Amanda**. 1 ed. Rio de Janeiro: Fábrica231, 2016.

HERZER, A. **A queda para o alto (1982)**. 25 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA (IPEA); FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. **Atlas da Violência**. Brasília; Rio de Janeiro; São Paulo: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada; Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2019.

INTERDONATO, G. L.; QUEIROZ, M. C. **Trans-identidade: a transexualidade e o ordenamento jurídico**. 1ed. Curitiba: Appris, 2017.

IRIBARRY, I. N. O que é pesquisa psicanalítica. **Ágora**, v. 6, n. 1, 2003.

JESUS, J. G. **Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos**. Brasília, 2012.

JORGE, M. A. C.; TRAVASSOS, N. P. **Transexualidade: o corpo entre o sujeito e a ciência.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2018.

JULLIEN, B. **Le transgenre: entre fluidité et binarisme**, 31 mai. 2021. 1 vídeo (10 min 50 seg). Publicado pelo canal Lacan Web Télévision. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=WYt1L0GDP5I&t=17s>. Acesso em: 31 mai. 2021.

KNUDSEN, P. P. P. S. **Gênero, psicanálise e Judith Butler: do transexualismo à política.** Tese (Doutorado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, 2007.

LACAN, J. A excomunhão (1964). *In: LACAN, J. O seminário 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1988.

LACAN, J. **O seminário, livro 4: a relação de objeto (1956-1957).** Rio de Janeiro: Zahar, 1995.

LACAN, J. A instância da letra no inconsciente. *In: Escritos.* Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1998.

LACAN, J. Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. *In: Escritos.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, pp. 238-324.

LACAN, J. **O seminário, livro 17: o avesso da psicanálise (1969-1970).** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

LACAN, J. **O seminário, livro 23: Le Sinthome/O Sinthoma/O Santhomem (1975-1976).** Recife: Traço Freudiano Veredas Lacanianas Escola de Psicanálise, 1999. (Publicação não comercial).

LACAN, J. Talvez em Vincennes (1975). *In: LACAN, J. Outros escritos.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

LACAN, J. Homenagem à Marguerite Duras pelo arrebatamento de Lol V. Stein. *In: Outros escritos.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003

LACAN, J. Talvez em Vincennes (1975). *In: LACAN, J. Outros escritos.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003, p. 316-318.

LACAN, J. Televisão (1973). *In: LACAN, J. Outros Escritos.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003, p. 508-543.

LACAN, J. **O seminário, livro 20: mais ainda (1972-1973).** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

LACAN, J. Transferência para Saint Denis? Lacan a favor de Vincennes! (1978). *In: Correio* – Revista da Escola Brasileira de Psicanálise, n. 65. São Paulo: EBP, 2010. p. 31-32.

LACAN, J. **O Seminário, livro 19: ... ou pior! (1971-1972).** Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

LANZ, L. **O corpo da roupa: a pessoa transgênera entre a transgressão e a conformidade com as normas de gênero.** 2014. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Setor de Ciências Humanas da Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2014.

LAQUEUR, T. **Inventando o Sexo: Corpo e Gênero dos Gregos a Freud.** Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

LEGUIL, C. **O ser e o gênero.** Homem/Mulher depois de Lacan. Belo Horizonte: Editora EBP, 2016.

LEITE JR, J. **Nossos corpos também mudam: a invenção das categorias “travesti” e “transexual” no discurso científico.** São Paulo, Annablume, 2011.

LEJEUNE, P. Definir autobiografia. *In:* MORÃO, P. (Org.). **Autobiografia.** Auto-Representação. Lisboa: Colibri, 2002.

LEJEUNE, P. **O pacto autobiográfico.** Belo Horizonte: UFMG, 2008.

LIMA, P. M. R.; VIANA, T. C.; LIMA, S. C. Estética e poética da velhice em narrativas autobiográficas: um estudo à luz da psicanálise. **Estud. pesqui. psicol.** [online], v.15, n.1, pp. 58-78, 2015. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/epp/v15n1/v15n1a05.pdf>. Acesso em: 24 fev. 2021.

LIMA, V. M.; VORCARO, Â. M. R. Pode a transexualidade operar como amarração nodal do sujeito? **Tempo Psicanalítico**, Rio de Janeiro, v. 51, n.1, p. 75-95, 2019.

LOURO, G. L. **Um corpo estranho: ensaios sobre a sexualidade e teoria queer.** 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

LUTTERBACH, A. L. Apresentação. *In:* LEGUIL, C. **O ser e o gênero.** Homem/Mulher depois de Lacan. Belo Horizonte: Editora EBP, 2016.

MACÊDO, L. F. Notas sobre identidade de gênero e sexuação. **Opção Lacaniana on-line**, v. 7, n. 19, pp. 1-15, 2016. Disponível em: http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero_19/Notas_sobre_identidade_de_genero_e_sexuacao.pdf. Acesso em: 02 mai. 2021.

MARCOS, C. M. O não-todo de Lacan e a lógica do caso clínico. **Revista aSEPHallus de Orientação Lacaniana**, v. 9, n. 18, pp. 4-16, 2014. Disponível em: http://www.isepol.com/asephallus/numero_18/pdf/o_nao_todo.pdf. Acesso em: 07 jan. 2021.

MARQUES, L. R.; LAVINAS, G.; MÜLLER, V. A transexualidade e o estranhamento do corpo: sobre os recursos à mudança de sexo. **Stylus Revista de Psicanálise**, n. 35, pp. 133-151, 2018.

MATOS, R. P. C. O sentido da subversão do sujeito pela psicanálise. **Rev. Dep. Psicol.**, v. 16, n. 2, pp. 121-129, 2004.

MBEMBE, A. Necropolítica. Tradução: Renata Santini. **Arte & Ensaios**, n. 32, 2016.

MELLO, L. Um estudo sobre o real e sua relação com a invenção artística e psicanalítica. **Revista aSEPHallus de Orientação Lacaniana**, v. 9, n. 18, p. 50-60, 2014.

MICHAELIS. **Moderno dicionário da Língua Portuguesa**. São Paulo: Melhoramentos, 1998. Dicionários Michaelis, 2259 p.

MILLER, J.-A. O osso de uma análise. **Agent** – Revista de Psicanálise, Publicação da Escola Brasileira de Psicanálise, p.101, 1998.

MILLER, J.-A. O rouxinol de Lacan. **Carta de São Paulo**, v. 10, n. 5, pp. 18-32. São Paulo: Escola Brasileira de Psicanálise de São Paulo, 2003.

MILLER, J.-A. Dócil ao trans. **Lacan Quotidien**, nº 928, p. 3-18, 2021.

MIRANDA, E. R. Transexualidade e Sexuação. **Stylus Revista de Psicanálise**, n. 30, pp. 91-99, 2015.

MISSÉ, M. **A la conquista del cuerpo equivocado**. Editora Egales, 2019.

MOIRA, A. Destino amargo. In: MOIRA, A. *et al.* **Vidas trans: a coragem de existir**. Bauru, SP: Astral Cultural, 2017.

MOIRA, A. **E se eu fosse pura**. Edição revista e atualizada. São Paulo: Hoo Editora, 2018.

NERY, J. W. **Viagem solitária: memórias de um transexual 30 anos depois**. São Paulo: Leya, 2011.

NÓBREGA FILHO, E. R. G. **Sujeitos Queer em cartaz: uma análise discursiva do corpo em (trans)formação**. 2011. Dissertação (Mestrado em Linguística e ensino) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2011.

NOGUEIRA, S. N. B.; AQUINO, T. A.; CABRAL, E. A. **Dossiê: a geografia dos corpos das pessoas trans**. Brasil: Rede Trans Brasil, 2017.

OLIVEIRA, V. **Isolamento do isolamento**. Viver bem, Uol, 2021. Disponível em: <https://www.uol.com.br/vivabem/reportagens-especiais/isolamento-do-isolamento/#page13>. Acesso em: 18 mai. 2021.

PALOMBINI, P.; MENDES ROSA, C. Nada mais que a verdade: um estudo psicanalítico sobre a concepção de mentira. **Polêm!ca**, [S.l.], v. 17, n. 1, p. 16-26, 2017. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/polemica/article/view/28293/20341>. Acesso em: 24 fev. 2021.

PARENTE, A. M.; SILVEIRA, L. Paul B. Preciado e sua epistemologia mutante. **Revista Cult**, 10 jan. 2020. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/paul-b-preciado-psicanalise/>. Acesso em: 22 abr. 2021.

PINHEIRO, F. L. G. **Tra(vestido) sim, mulher não**: um estudo, a partir da clínica psicanalítica, sobre o travestismo. 2014. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade de Fortaleza, Fortaleza, 2014.

PORCHAT, P. A transexualidade hoje: questões para pensar o corpo e o gênero na psicanálise. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 48, n. 4, p. 115-126, 2014.

PORCHAT, P.; OFSIANY, M. C. Quem habita o corpo trans? **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 28, n. 1, e57698, 2020.

PRECIADO, P. B. Um apartamento em Urano (Conferência). Trad.: Camila Quinteiro Kushnir & Paulo Sérgio de Souza Jr. **Lacuna**: uma revista de psicanálise, São Paulo, n. 8, p. 12, 2019. Disponível em: <https://revistalacuna.com/2019/12/08/n-8-12/>. Acesso em: 22 abr. 2021.

PRESSE, F. Com restrições da pandemia, aumento da violência contra a mulher é fenômeno mundial. **G1**, 23 nov. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2020/11/23/com-restricoes-da-pandemia-aumento-da-violencia-contra-a-mulher-e-fenomeno-mundial.ghtml>. Acesso em: 10 abr. 2021.

PRINCÍPIOS de Yogyakarta: Princípios sobre a aplicação da legislação internacional de direitos humanos em relação à orientação sexual e identidade de gênero. Yogyakarta, Indonésia, 2006.

QUERINO, R. “Ficou insustentável fingir que não existimos”, declara Linn da Quebrada sobre movimento LGBT. **Observatório G**, UOL, 2018. Disponível em: <https://observatoriog.bol.uol.com.br/noticias/ficou-insustentavel-fingir-que-nao-existimos-declara-linn-da-quebrada-sobre-movimento-lgbt>. Acesso em: 10 abr. 2021.

REIS, T. (org.). **Manual de Comunicação LGBTI+**. 2. ed. Curitiba: Aliança Nacional LGBTI/GayLatino, 2018.

RINALDI, D. “O corpo estranho”. **Revista Latinoamericana Psicopat. Fund.**, São Paulo, v. 14, n. 3, p. 440-451, set. 2011.

ROCHA, B. F.; GUERRA, A. M. C. O a posteriori na construção metodológica da pesquisa em psicanálise. In: ALMEIDA, P. T.; FERREIRA, P. D.; BELO, F. **Estudos psicanalíticos: método, epistemologia e cultura**. 1. ed. São Paulo: Zagodoni, 2021.

ROCHA, M. A luta pela aceitação. In: MOIRA, A. *et al.* **Vidas trans**: a coragem de existir. Bauru, SP: Astral Cultural, 2017.

ROSA, M. Literatura e psicanálise: os escritos íntimos e a extimidade. **Revista ASEPHallus de Orientação Lacaniana**, v. 5, n. 10, pp. 55-66, 2010.

SÁ, I. X. A que serve a psicanálise na universidade? In: LO BIANCO, A. C. (org.). **Freud não explica**: a psicanálise nas universidades. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2006, p. 77-96.

SANCHES, D. R. O corpo e a ética da psicanálise. *In*: TEPERMAN, D.; GARRAFA, T.; IACONELLI, V. **Corpo**. 1 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

SCHWARCZ, L. M. **Sobre o autoritarismo brasileiro**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SILVA, K. C.; TEXEIRA, R. L. P. “João que amava Joicy e Joana que amava João”: práticas discursivas e produção de sentidos da transexualidade. *In*: Seminário Internacional Fazendo Gênero 11, 13th Women’s Worlds Congress. **Anais** [...]. Florianópolis, 2017.

SILVEIRA, E. M. C. 2006. **De tudo fica um pouco**: a construção social da identidade do transexual. Tese (Doutorado em Serviço Social) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

SOUZA, E. L. A. Fários e enigmas: arte e psicanálise à luz de Sigmund Freud. *In*: FREUD, S. **Arte, literatura e os artistas (1856-1939)**. Tradução: Ernani Chaves. 1 ed; 1 reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2017, p. 317-331.

SOUZA, H. G. Transexualidade: do falo ao corpo. **Opção Lacaniana on-line**, Nova série, ano 7, n. 19, 2016.

STOLLER, R. **A experiência transexual (1975)**. Rio de Janeiro: Imago, 1982.

STOLLER, R. A Contribution to the Study of Gender Identity. **International Journal of Psychoanalysis**, n. 45, 1964, p. 220-226.

TAJFEL, H. La catégorisation sociale. *In*: MOSCOVICI, S. (org.). **Introduction à la psychologie sociale**, v. 1. Paris: Larousse, 1972.

TATIT, I. **A noção de singularidade na psicanálise lacaniana**: aspectos teóricos, clínicos e sociais. 2016. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

TEIXEIRA, A. (org.). **Metodologia em ato**. Belo Horizonte: Scriptum Livros, 2010.

TEIXEIRA, M. C. “Mudar de sexo: uma prerrogativa transexualista”. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 12, n. 19, p. 66-79, jun. 2006.

TEPERMAN, D.; GARRAFA, T.; IACONELLI, V. **Corpo**. 1 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

TRANSGENDER EUROPE (TGEU). Transrespect versus Transphobia Worldwide. **TvT Publication Series**, v. 14, 2016. Disponível em: <https://transrespect.org/en/>. Acesso em: 31 mar. 2020.

TRIBUZY, E. S. **A clínica psicanalítica frente à demanda transexual**. Curitiba, 2019.

TRIVEÑO, G. Identidad de género y cuerpo. *In*: TORRES, M. **Transformaciones**: ley, diversidad, sexuación. 1. ed. Olivos: Grama Ediciones, 2013, pp. 255-258.

VORSATZ, I. Freud e a ciência da literatura: psicanálise, ciência e poesia. **Tempo Psicanalítico**, Rio de Janeiro, v. 51.1, p. 159-184, 2019.

WINOGRAD, M.; MENDES, L. C. Qual o corpo para a psicanálise? Breve ensaio sobre o problema do corpo na obra de Freud. **Psicologia: Teoria e Prática**, v. 11, n. 2, pp. 211-223, 2009.

#VOTELGBT; BOX1824. **Diagnóstico LGBTQ+ na pandemia:** Desafios da comunidade LGBTQ+ no contexto de isolamento social em enfrentamento à pandemia de Coronavírus. Pesquisa junho de 2020, 2020. Disponível em: <https://votelgbt.org/pesquisas>. Acesso em: 18 mai. 2021.

APÊNDICE A – ESTUDOS DA BIBLIOTECA VIRTUAL EM SAÚDE (BVS)

Quadro 1 – Publicações elegidas na Biblioteca Virtual em Saúde (BVS)

Autor	Ano	Título	Endereço Eletrônico	Descritores
Lima, Vinícius Moreira; Vorcaro, Ângela Maria Resende	2019	Pode a transexualidade operar como amarração nodal do sujeito?	http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-48382019000100004	Corpo <i>and</i> Transexualidade <i>and</i> Psicanálise
Marques, Luciana Ribeiro; Lavinas, Gisele; Müller, Vinicius	2018	A transexualidade e o estranhamento do corpo: sobre os recursos à mudança de sexo	http://stylus.emnuvens.com.br/cs/article/view/189/125	Corpo <i>and</i> Transexualidade <i>and</i> Psicanálise
Abramovitch, Sheila	2017	Sexo, gênero. Sintoma e sintoma	http://stylus.emnuvens.com.br/cs/article/view/32/26	Corpo <i>and</i> Transexualidade <i>and</i> Psicanálise
Antunes, Maria Cristina da Cunha	2016	A anatomia é o destino: a psicanálise e o sintoma transexual	http://www.isepol.com/asephallus/numero_22/pdf/5-A_anatomia_e_o_destino.pdf	Corpo <i>and</i> Transgênero <i>and</i> Psicanálise
Souza, Hebert Geraldo de	2016	Transexualidade: do falo ao corpo	http://www.opcaolacianiana.com.br/pdf/numero_19/Transexualidade_do_falo_ao_corpo.pdf	Corpo <i>and</i> Transexualidade <i>and</i> Psicanálise
Miranda, Elisabeth da Rocha	2015	Transexualidade e sexuação	http://pepsic.bvsalud.org/pdf/stylus/n30/n30a09.pdf	Corpo <i>and</i> Transexualidade <i>and</i> Psicanálise

Fonte: Autora, 2021.

APÊNDICE B – ESTUDOS DO BANCO PERIÓDICOS CAPES

Quadro 2 – Publicações elegidas no Periódicos CAPES

Autor	Ano	Título	Endereço Eletrônico	Descritores
Porchat, Patrícia; Ofsiany, Maria Caroline	2020	Quem habita o corpo trans?	https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-026X2020000100217&script=sci_abstract	Corpo <i>and</i> Transgênero <i>and</i> Psicanálise
Velasco Martinez, Viviana; Angeli, Gustavo	2019	Joana Nolais e o enigma de gênero: uma discussão psicanalítica da transexualidade	https://www.scielo.br/pdf/ref/v27n1/1806-9584-ref-27-01-e48154.pdf	Corpo <i>and</i> Transexualidade <i>and</i> Psicanálise
Pombo, Mariana Ferreira	2019	Estrutura ou dispositivo: como (re)pensar a diferença sexual hoje?	https://www.scielo.br/pdf/ref/v27n2/1806-9584-ref-27-02-e54194.pdf	Corpo <i>and</i> Transexualidade <i>and</i> Psicanálise
Cossi, Rafael Kalaf; Dunker, Christian Ingo Lenz	2017	A Diferença Sexual de Butler a Lacan: Gênero, Espécie e Família	https://www.scielo.br/pdf/ptp/v33/1806-3446-ptp-33-e3344.pdf	Corpo <i>and</i> Transexualidade <i>and</i> Psicanálise

Fonte: Autora, 2021.

APÊNDICE C – ESTUDOS DA BIBLIOTECA DIGITAL BRASILEIRA DE TESES E DISSERTAÇÕES

Quadro 3 - Publicações elegidas na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações

Autor	Ano	Título	Endereço Eletrônico	Descritores
Tribuzy, Esther Siza	2019	A clínica psicanalítica frente à demanda transexual	https://hdl.handle.net/1884/67234	Corpo <i>and</i> Transexualidad e <i>and</i> Psicanálise
Costa, Isaac Itamar de Melo	2016	Processos de subjetivação do/no corpolingagem no movimento da Marcha das Vadias: o sintoma da ideologia	https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/17590	Corpo <i>and</i> Transgênero <i>and</i> Psicanálise
Angeli, Gustavo	2016	As possíveis traduções do enigma do gênero: uma discussão psicanalítica da transexualidade a partir da autobiografia de Joana Nolais	http://repositorio.uem.br:8080/jspui/handle/1/5678	Corpo <i>and</i> Transexualidad e <i>and</i> Psicanálise
Cassana, Mônica Ferreira	2016	Corpos impossíveis: a (des)ordem do corpo e a ambivalência da língua no discurso transexual	https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/143139	Corpo <i>and</i> Transexualidad e <i>and</i> Psicanálise

Fonte: Autora, 2021.